



Encadernação
e Doação
R. João Theodoro, 104
* João I. das Dores *

Da biblioteca de
Eduardo Cavachino
4/11/60

Do Edgard
Como expressão
de uma grande e
velha amizade

Amesal

18/9/54



F. 03

MUCIO TEIXEIRA



CASTRO ALVES



CASTRO ALVES

✦ COM 18 ANOS DE IDADE ✦



Cast # 1000

MUCIO TEIXEIRA

VIDA E OBRAS

DE

CASTRO ALVES

EDIÇÃO ORNADA COM DOIS RETRATOS
DO BIOGRAPHADO, UM AOS 18 ANNOS,
OUTRO AOS 24



BAHIA

TYP. E ENCADERNAÇÃO DO «DIARIO DA BAHIA»
101—Praça Castro Alves—101

1896

A' EXMA. SNRA.

D. Adelaide de Castro Alves Guimarães

Bahia, 6 de Julho de 1896.

Mucos Teixeira.

*Companheiro! uma cruz na sebra corta,
E planta-a no meu fúneo monumento.*

(CASTRO ALVES)

I

A lei dos homocromismos determinou a perda prematura deste verdadeiro ungido da poesia, incontestavelmente uma das mais completas organizações literarias deste século, a quem só faltou mais algum tempo de vida para que elle pudesse completar e aperfeiçoar a sua obra genial, que, mesmo incompleta e imperfeita, é radiosa e perduravel.

No dia 6 de Julho de 1896 completaram-se vinte e cinco annos que, « neste verde ninho murmuroso de eterna poesia debruçado entre as ondas e os astros » (1) desappareceu

dentre os vivos, ainda radiante das esperanças da mocidade e já aureolado pela admiração popular, a mais bella figura da galeria de poetas brasileiros, a personalidade mais eminente e communicativa do nosso microcosmo literario.

Ha apenas um quarto de século que a morte escondeu numa das catacumbas do Campo Santo esse admiravel e extraordinario moço poeta, e já os clarões feéricos da posteridade lhe batem em cheio na fronte aureolada, como que lhe preparando uma especie de atmospherá luminosa onde mais nítido se destaque o seu perfil de redivivo.

Aquelle, que recebeu na pia baptismal o nome de Antonio, e que do appellido de familia, Castro Alves, fez o seu hymno de guerra nas batalhas da inspiração, tem juz a que nesse dia, todos os annos, lhe seja tributado um preito de profunda saudade e da mais severa justiça, quando quatorze milhões de consciencias o applaudem e outras tantas boccas repetem e seu nome, por todos os Estados da União Brasileira, na expansão

ruidosa de um enthusiasmo unánime e prolongado.

As mulheres de Florença, parando silenciosas diante da casa onde Dante imaginou *O Inferno*, despertam os filhinhos adormecidos no seu collo e apontam para alli, ensinando-lhes o nome do egregio e altissimo poeta.

Os filhos e netos dos soldados de Bolívar, no dia anniversario do trespasso do fundador de cinco nações americanas, quando passam perto do Pantheon de Caracas, se descobrem e curvam-se respeitosos ante a memoria do Libertador.

A população bahiana, sem distincção de sexos nem de classes, devia ir no dia 6 de Julho de cada anno, numa espontanea procissão de imponente magestade, parar por alguns instantes diante do sobrado n. 24 da rua Sodré, onde no dia 6 de Julho de 1871, ás 3 1/2 horas da tarde, expirou Castro Alves, contando apenas 24 annos de idade.

E como seria bello e magestoso o estranho espectáculo de uma outra homenagem, a que essa memoria tem todo o direito, si os re-

presentantes da raça africana, tão numerosos na Bahia, se reunissem nessa mesma data, com o santo entusiasmo com que outrora se festejava aqui o glorioso dia 2 de Julho, para demonstrar publicamente o seu reconhecimento pelo muito que fez em prol da abolição dos captivos no Brasil o immortal poeta d' *Os Escravos!*...

Buhlão Pato, consagrando á memoria de Guilherme Braga o mais bello capitulo do seu interessante livro *Sob os Ciprestes*, diz:—«Nunca o vi, mas fomos amigos e conversámos intimamente.

Era um grande poeta, um poeta de raça, um poeta de primeira sorte. Morreu moço, como Soares de Passos, e tísico tambem, como o cantor das odes ao *Firmamento* e ao *Bussaco* ».

Depois, referindo-se aos versos do admiravel cantor d' *O Bispo* e das *Heras e Violetas*, diz:—«Havia alli tudo: elevação da idéa, cólera sincera, dicção sobria e tersa, propriedade de epithetos, gosto apurado, etc.—« Li,

reli,—ficaram-me de cór aquelles soberbos versos ».

O mesmo posso eu dizer de Castro Alves. Nurca o vi, mas logo pela primeira vez que li os seus versos comecei a sentir pelo seu talento uma admiração incondicional. Eu contava então apenas treze annos de idade, quando repentinamente chegou á minha terra (o Rio-Grande do Sul) a noticia do seu inesperado fallecimento. A morte prematura deu-lhe duplo prestigio.

Quem é que não se commove ante o terrivel espectáculo do desaparecimento repentino de um talanto de primeira grandeza, no momento em que começava a soltar o alto vôo de suas aspirações?

A noticia do fallecimento de Castro Alves chegou ao extremo sul do Brasil poucos mezes depois de lá apparecer o seu bello livro das *Espumas Fluctuantes*, único que o auctor chegou a ver publicado. Todos os outros trabalhos do insigne poeta têm sido dados á publicidade em edições pósthumas.

De então por diante procurei ávidamente

ler tudo o que era delle e tudo o que lhe dizia respeito. Mais tarde, no Rio e em S. Paulo, na convivencia dos seus mais íntimos amigos e companheiros, especialmente Augusto—Emilio Zaluar, Ferreira de Menezes, Carlos Ferreira, Joaquim Nabuco, Eunapio Deiró e Marcollino Moura, o meu espirito foi pouco a pouco se familiarisendo com o delle, indaguei minuciosamente de seus hábitos, suas predilecções, as coisas mais íntimas, numa verdadeira pesquisa de psychólogo impaciente e insaciavel. A intimidade de Augusto Guimarães, o melhor amigo de Castro Alves, e as informações que me tem prodigalizado últimamente sua respeitavel viuva e digna irmã do poeta, a Exma. Sra. D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, que me confiou todos os manuscriptos de seu glorioso irmão, são elementos sobejos para eu poder realisar um dos mais ardentes desejos de minha juventude:—escrever a biographia do cantor d' *Os Escravos*.

Antes, porém, de entrar na análise da vida e obras de Castro Alves, como bem pode

este livro chegar ás mãos de um estrangeiro, que só por mera curiosidade o folheie, o meio que me parece mais efficaz para obrigal-o a não fechar o volume sem chegar á última página, será interessal-o desde já, antecipando-lhe a magnitude do assumpto com a simples transcripção de uma das muitas poesias do biographado.

Seja, pois, a primeira citação de seu estro dardejante uma das suas últimas poesias, que é incontestavelmente o mais bello hymno de amor que se tem escripto até hoje em lingua portugueza, podendo rivalisar com as mais inspiradas estrophes da poesia *Cœruleum mare*, do poeta que exerceu maior influencia sobre a sua imaginação, e que nos diz:

«Aimez donc, car tout le proclame,
Car l'esprit seul éclaire peu,
Et souvent le cœur d'une femme
Est l'explication de Dieu ! (*)

(*) VICTOR HUGO — *Les Rayons et les Ombres*, pág. 176 da edição de Hetzel, Paris, 1869.

Ouçamos Castro Alves :

CONSUELO

I

Nunca leste *Consuelo*, a página fulgente,
 Que George-Sand, a loura, encheu de vida e luz ?
 Este sonho, onde o céu da terra passa rente...
 Onde o amor, a harmonia, a graça brincam nus?

Vem! Dá-me tua mão... Voemos a Sorrento!
 Por barco—a phantasia! por flâmmula teu véu!
 Seja o cabello negro — a vela solta ao vento...
 Vem commigo sonhar a Italia... a noite... o céu! ..

A Italia! A Italia santa! A patria peregrina...
 Do Artista e do Poeta, o mágico paiz;
 Lá, onde o amor da terra chamou-se—Fornariua (2);
 Lá, onde o amor do céu chamou-se—Beatriz!

Terra que deu á luz a cavatina e a dhalia,
 A espadua de alabastro e o laranjal em flor;
 Onde o sopro da noite em pleno céu espalha
 As lavas do Vesuvio e as explosões do amor.

Vem commigo, Formosa ! A sombra vai profunda..
Dos astros o cardume a trecho aclara o mar.
O tardo gondoleiro o remo n'agua afunda...
Veneza—o cysne eterno—engolpha-se a sonhar !

Do nicho da Madona o frouxo alampadario
Dos Doges alumia o lúgubre frontal.
Silencio... Quebra a paz a voz do estradivario
E uma gôndola passa em aguas do canal...

Dentro: o grupo do amor ! Fusão de primaveras;
Dois risos soletrando o verbo do beijar;
Ventura—que produz a inveja das espheras
E que faz de ciume aos anjos descorar.

O crente ao pé da santa ! o riso—junto á bocca,
Um anhelar sem termo ! um fulgurar sem fim !
Ella ... bella ! a fazer a terra inteira louca...
Alma feita de um astro ! e o corpo .. de um jasmim.

O' divina Consuelo ! A vaga do Adriático
Fez-te nascer talvez de um beijo dado ao sol;
A espuma foi teu berço, alyone sympático,
Tens por irmãos o cysne, o amor e o rouxinol.

O amor, que accende o riso ao labio da Franceza,
 Que dá filtros fataes á filha de Madrid;
 Que mais lânguida torna a pensativa Ingleza...
 A Grega mais audaz, mais indolente a Houri!

O amor na Italiana estala em harmonia...
 Sobee ao labio tremente... espalha-se no céu.
 Amor não é palavra... amor é melodia...
 Não ha música assim como dizer—*Sou teu!*

E o seio que palpita a rebentar a seda...
 E a garganta do cysne a desmaiar o alvôr...
 E a trança a descair... e a mão que a trança arreda..
 Anzoleto a seus pés... as sombras em redor...

A divina Consuelo em frente á noite immensa,
 No gesto dominando as fúrias do escarcéu,
 Na voz clara, sonora, ardente, larga, extensa,
 —Escada de Jacob—prendia a terra ao céu!

II

Horas de amor, porque fugis tão cedo?
 Extasis santos, porque assim passaes?
 Plantam-se risos no fatal rochedo...
 Vingam a seara dos sombrios ais!

Um dia, a fronte já não surge vívida...
Aperta o seio em desespero a mão...
—Que foi?—pergunta-se á criança lívida,
Ai! não respondas, Consuelo,—não!

Apanha a essencia destas fundas maguas,
Concentra o fogo nos teus seios nus:
Na gruta—mudam-se em crystal as sguas,
No abysmo—a pedra se transforma em luz.

Palor e pranto, desespero e chôro!...
Como no genio esta corôa diz!...
Desta cicuta vais fazer um louro...
Caíste martyr, e te esguesta... actriz!

III

Passou pela terra tão casta e nitente
Qual raio de lua que bate no gelo.
O Sanzio invejara-lhe a fronte innocente,
Por isso chamaram-na

A pura Consuelo!

Trazia nos olhos fulgor de meteoros,
 Prendia a procella no escuro cabello.
 Da aurora lavada nos pálidos raios
 A musa da Italia

Tu eras, Consuelo !

Cantava ! Sua alma saía-lhe em notas...
 Mysterio ou milagre... Quem pode sabel-o ?
 As nymphas outrora mudavam-se em flores;
 Em lyra tornara-se

A triste Consuelo !

Cruzavam-lhe o canto susurros de archanjos,
 Suspiros de Laura, delirios de Othelo...
 Si os raios da lua de sons se fizessem,
 Talvez que lembrassem

A voz de Consuelo !

Mas ai ! Que não acha na estrophe o poeta
 Lampejos de um genio tão fúlgido e bello;
 Que versos te espelham, ó flor de Veneza ?
 Quem pode lembrar-te,

Divina Consuelo ?

Só vós, bella diva! Da mú-ica aos threnos
Meu pálido sonho podeis aquecel-o;
Afogue-se a musa nas arias brilhantes!...
E se inda tu queres
Sonhar, ó Consuelo...

Co'as mãos no piano, com os olhos no espaço!
Trementes os seios, revolto o cabelo...
Num mar de harmonias me leva a Sorrento...
Transporta-me á Italia!
Revive, Consuelo! ..

II

Em 1883 foi-me confiada a melindrosa tarefa de colleccionar alguns manuscriptos e precedel-os da biographia de seu auctor, o glorioso poeta d'*Os Escravos*. Escrevi então as linhas que faço agora reimprimir em seguida, alterando-as em alguns pontos que na occasião deixei obscuros. (4)

— Como si não bastasse a exuberancia de vida e sentimento, a originalidade das concepções, a música do verso, a riqueza de antitheses sorprendentes e de hypérboles inexcusáveis, com que Castro Alves opulentava as suas estrophes, sempre fluentes, algumas vezes artísticas, todas sôfregamente imagina-

das e não poucas pacientemente trabalhadas; a morte apressou-se em envolvê-lo para sempre na sombra impenetrável do seu eterno mysterio, dando-lhe assim o duplo prestigio da poesia e do desconhecido...da gloria e do martyrio!

Só isto seria bastante para justificar a popularidade que tão depressa engrinaldô o nome do joven bahiano, si outros factos não coincidissem como que para o envolver numa especie de penumbra entrecortada de relâmpagos, á semelhança do horisonte escuro illuminado repentinamente pelos raios da tempestade, deixando fluctuar a memoria recente do morto redivivo na superficie phantástica de um oceano ao luar das horas mortas, embalada por lendas vaporosas...ora mergulhando como o anel do Dege, ora boiando como o corpo de Ophelia...

Assim é que ainda vivem os contemporaneos dos seus antepassados e já se levantaram dúbidas sobre o dia e logar do seu nascimento, e a data exacta do seu fallecimento.

O Dr. Augusto Alvares Guimarães veio em

meu auxilio, quando taes questões foram agi-
tadas aqui, no Rio de Janeiro e em S. Paulo,
por occasião do decennario da morte do
poeta; e devido á minha tenacidade, tão
magnánimamente galardoada por Augusto
Guimarães e sua excellente Esposa, D. Ade-
laide de Castro Alves Guimarães, já se pode
determinar com exactidão esses tres pontos
controversos, todos de grande importancia
para o futuro.

Os sabios da antiga Chaldéa tinham em tal
importancia a acção das datas natalicias so-
bre os destinos individuaes, que chegou a
apparecer entre elles uma seita, a que mais
tarde se filiaram os gregos que tinham a reli-
gião dos números. Qualquer de nós, concen-
trando-se e observando minuciosamente os
principaes factos da vida intima, encontrará
naturalmente mais de uma coincidencia no-
tavel nesse sentido. (5)

Antes, porém, de observar a coincidencia
de certas épocas na vida dos nossos poetas,
apresso-me em declarar que, quando digo
que as estrophes de Castro Alves são *algumas*

vezes artisticas, não quero dizer que elle despresasse, as mais das vezes, as regras da *Arte Poética*; longe de mil tal intenção.

O que a Arte exigia dos poetas, no seu tempo, foi por elle observado rigorosamente, salvo ligeiras exigencias de ordem subalterna. Nestes últimos quinze annos, precisamente depois da sua morte, é que as subtilezas da fôrma têm preocupado os nossos cultores do verso com as mil subtilezas de estylo, que fazem do poeta como que um paciente artesano de filigranas, o que levou Don Marco Antonio Saluzzo a dizer:—« Tú no perteneces al vulgo de los sedicentes poetas, histriones del ingenio, rimadores mecánicos de artificios intelectuales.—Tu poesia procede del alma y por eso será perdurable ». (6)

Dos nossos grandes poetas o que menos se preocupou com a fôrma foi Fagundes Varella, que parecia fazer garbo disso. E mais de uma vez fustigado pela critica, a tal respeito, disse:

« Censor austero, rígido analysta,
Guarda zeloso de banaes regrinhas.
Deixai vosso escalpello infatigavel,
Poupai estas quadrinhas!

Cada esphera da humana intelligencia
Tem milhões de degráus, milhões de faces;
A musa é sempre musa, embora exalte
As mais humildes class'as.

A idéa não tem marcos nem barreiras,
E o pensamento—irmão da liberdade—
Quando as azas sacode abate e quebra
Mais de uma autoridade.

Tudo é nobre na terra, tudo é grande,
Tudo se adorna de ideal belleza,
Quando o poeta ha consagrado a lyra
No altar da natureza.

Lançai vossos preceitos e tratados
Ás chammãs vivas de voraz incendio . .
Alma que sente, que se inspira e canta,
Não conhece compendio». (*)

(*) *Introducção do poema Mimosa.*

A maioria dos nossos poetas tem nascido na primavera ou nas suas proximidades, morrendo quasi todos elles no outono ou no inverno. Temos alguns mezes que parecem exclusivamente consagrados a taes ephemérides.

Setembro é o mez por excellencia: Tenreiro Aranha nasceu a 4 de Setembro de 1769; Silva Alvarenga nasceu a 5 de Setembro de 1749; Felix da Cunha nasceu a 6 de Setembro de 1833; Basilio da Gama nasceu a 8 de Setembro de 1740; Cesar de Berredo nasceu a 8 de Setembro de 1822; Ramos da Costa nasceu a 9 de Setembro de 1849; Lins de Albuquerque nasceu a 10 de Setembro de 1850; Alvares de Azevedo nasceu a 12 de Setembro de 1831; Bibiano de Almeida nasceu a 12 de Setembro de 1838; Antonio Manuel dos Reis nasceu a 13 de Setembro de 1840; (7) Aureliano Lessa nasceu a 14 de Setembro de 1828; Azevedo Brito nasceu a 15 de Setembro de 1793; Araujo Vianna (Marquez de Sapucahy) nasceu a 15 de Setembro de 1793; Affonso Peixoto nasceu a 16 de Setembro de 1860; Mello Fran-

co nasceu a 17 de Setembro de 1857; Pedro de Calasans nasceu a 19 de Setembro de 1836; Affonso Marques nasceu a 19 de Setembro de 1847.

Ainda no mesmo mez morreram os seguintes poetas brasileiros: Gomes de Souza, a 2 de Setembro de 1857; Villela Barbosa (Marquez de Paranaguá) a 11 de Setembro de 1846, Alvarenga Peixoto, a 11 de Setembro de 1846 (8); Delfina da Cnnha (a poetisa cega) a 13 de Setembro de 1857; Lins de Albuquerque (nascido a 10 de Setembro de 1850) morreu a 15 de Setembro de 1886; Azevedo Brito (nascido a 15 de Setembro de 1779) morreu a 25 de Setembro de 1848; Amalia Figueirôa, a 25 de Setembro de 1878; e Laurindo Rebello, a 28 de Setembro de 1864.

Quem se der a um trabalho estatístico, quanto ao nascimento e fallecimento dos poetas do Brasil, encontrará logo depois de Setembro o mez de Agosto, e, com o mesmo número de óbitos (até esta data), os de Março, Junho e Julho.

Castro Alves nasceu em Março e falleceu

em Julho. Vejamos quantos poetas brasileiros nasceram e morreram nos mezes do nascimento e morte de Castro Alves:

Araujo Guimarães, nasceu a 5 de Março de 1777; Macedo Júnior nasceu a 10 de Março de 1842 e falleceu a 5 de Março de 1860; Francisco Muniz Barreto nasceu a 10 de Março de 1804; Bernardo Guimarães falleceu a 10 de Março de 1884; *Castro Alves nasceu a 14 de Março de 1847*; Affonso Peixoto falleceu a 17 de Março de 1877; Borges de Barros (Visconde da Pedra Branca) a 20 de Março de 1855; Caldre e Fião a 20 de Março de 1876; Gentil Homem de Almeida Braga nasceu a 25 de Março de 1835; Teixeira e Sousa nasceu a 28 de Março de 1812; Pires de Almeida falleceu a 28 de Março de 1873; e Bruno Seabra a 30 de Março de 1876.

Claudio Manuel da Costa falleceu a 4 de Julho de 1789; Rodrigues Silva falleceu a 4 de Julho de 1879; *Castro Alves falleceu a 6 de Julho de 1871*; Laurindo Rebello nasceu a 8 de Julho de 1826; Bernardino Ribeiro nasceu a 12 de Julho de 1815 e morreu a 15 de Ju-

lho de 1837; Alves Branco (Visconde Caravellas) morreu a 13 de Julho de 1855; Trajano Galvão morreu a 14 de Julho de 1864; Franco de Sá nasceu a 16 de Julho de 1836; Mello Franco morreu a 22 de Julho de 1823; Almeida Braga (9) morreu a 25 de Julho de 1876; Beatriz Brandão nasceu a 29 de Julho de 1779; e Basilio da Gama morreu a 31 de Julho de 1795.

As cinzas da bibliotheca de Alexandria sepultaram os métodos da singular sciencia dos números com relação aos destinos humanos, podem irônicamente dizer os modernos positivistas e materialistas; mas, ainda assim, poderia eu contestar-lhes que ha nisso um quê de extraordinario, que cumpre investigar antes de negar em absoluto.

III

Eu disse que já se pode determinar com exactidão os tres pontos controversos da biographia de Castro Alves, que são a data do nascimento, o logar onde nasceu, e o dia da morte.

Antes, porém, de elucidar definitivamente essa triplíce questão, seja-me permittido reproduzir em seguida o que a tal respeito escrevi em 1883:

Diz Guilherme Bellegarde, erudito auctor dos indispensáveis *Subsidios Litterarios*, na sua notavel «Conferencia no Gremio Litterario Castro Alves» (sessão de 23 de Setembro de 1882): (10)

« ... reconhecendo e assignalando a existencia de testemunhos contestes e de fonte segura, relativos á data apontada, 14 de Março de 1847, é para mim indeclinavel dever, em preito á verdade histórica, declarar, que, ouvida não ha muito (em Maio d'este anno) a autorisada opinião do Dr. Augusto Alvares Guimarães, respondeu o muito digno redactor do *Diario da Bahia*: que era a certidão da matricula em 1864, no 1.º anno da Faculdade de Direito do Recife, o documento de maior authenticidade a que se podiam soccorrer os parentes, para a comprovação da data do nascimento do poeta que opulentou o patrimonio da literatura nacional com as *Espumas Fluctuantes*, as *Vozes d'Africa*, o drama *Gonzaga*, e com esse brado fremente, esse *Sursum corda*—PELOS ESCRAVOS!—endereçoado « á piedade civilisadora da mulher! »

« Ficaré sendo, até ulterior prova em contrario, o documento de maior authenticidade existente para a comprovação da data do nascimento de Antonio de Castro Alves, posto que, repito, desde o dia immediato de sua

pranteada morte, se houvesse considerado como ocorrido a 14 de Março de 1847, seu natalicio ». (11)

O documento a que se referia Augusto Guimarães, e que Guilherme Bellegarde aceitou até *ulterior prova em contrario*, é a seguinte cópia do assento de baptismo:

«*Raymundo de Barros e Souza, Cavalleiro da Ordem de Christo, Secretario da Câmara Arcebispal :*

«*Certifico que, revendo um livro findo de assentos de baptismo da FREGUEZIA DE MURITIBA, nelle a folhas cento e oitenta e tres se acha o assento do teor seguinte:—«Aos NOVE DIAS DO MEZ DE JULHO de mil oito centos e quarenta e septe, de licença minha, baptisou solememente o padre João do Monte Olivete Paiva a ANTONIO, branco, NASCIDO HA QUATRO MEZES, filho legitimo do Doutor Antonio José Alves e de sua mulher Dona Clelia Basilia da Silva Castro: foram padrinhos o Tenente-Coronel Dyonisio de Cerqueira Pinto e Dona Fausta Constança da Silva Castro.—E por isso constar, mandei fazer este assento que assignei.—O*

Vigario José da Costa Moreira».—Nada mais se continha no dito assento, que bem e fielmente fiz transcrever do proprio livro a que me reporto; em fé do que me assigno.—Bahia, 18 de Abril de 1864.—(Assignado) Eu, o Cônego Manuel Cyrillo Marinho, pelo Secretario da Câmara, subscrevi e assignei.—Manuel Cyrillo Marinho ».

Como se vê, o único documento authenticico, até hoje encontrado, não determina com a necessaria precisão o dia exacto do nascimento do poeta. E' realmente vaga a designação, feita a 9 de Julho de 1847, do seu nascimento *quatro mezes antes...*

Posso, porém, sem medo de errar, garantir que Castro Alves nasceu a *14 de Março de 1847*, pelos seguintes motivos: — D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, digna irmã consaguinea e *Musa-ales* do poeta, declarou-me que, esse dia, *o quatorze de Março*, era duplamente assinalado em sua familia, não só por ser o do nascimento de seu irmão Antonio de Castro Alves, como tambem porque, (singular coincidência) era a data do an-

niversario natalicio de sua mãe, D. Clelia Basilia da Silva Castro.

Sabemos todos como estas datas anniversarias dos entes que nos são mais queridos são conservadas na memoria dos íntimos, festejadas durante os tempos de felicidade e respeitadas sempre, depois que a fatalidade nos fere no âmago do coração.

Além de tão valioso testemunho, que por si só me tranquillisa, coincide, esta cabal affirmativa com o que me disse Ferreira de Menezes, quando o consultei nesse sentido, referindo-me na intimidade um facto que, já agora, mortos os principaes personagens, não ha inconveniente algum em ter transmittido á publici 'ade

Uma noite, em S. Paulo, precisamente a 14 de Março, deixou de effectuar-se um espectáculo, depois do theatro já cheio de espectadores, porque.. a primeira actriz da companhia, jantando com Castro Alves, que nessa data festejava no grupo dos amigos mais íntimos o seu anniversario natalicio, se retar-

dara, o que ia provocando um grande escândalo...

Nasceu, pois, o nosso poeta a 14 de Março de 1847, na fazenda denominada *Cabaceiras*, na comarca da Cachoeira, da então provincia da Bahia.

Actualmente disputam o seu berço os termos de S. Felix e Currealinho, que na época do nascimento do poeta pertenciam á referida comarca da Cachoeira.

Este ponto tambem já se achia completamente elucidado, graças ao valioso auxilio que encontrei nas seguintes linhas, de uma carta que me escreveu em Abril de 1895 um digno sobrinho de Castro Alves, tambem poeta, o meu distincto amigo Dr. Antonio José Alves Guimarães:

...«Com o maior prazer animo me a offercer-lhe, como um modesto subsidio para os seus estudos biográficos sobre Castro Alves, o artigo que escrevi sobre a viagem que fiz ultimamente a fazenda *Cabaceiras*, com o fim de visitar a casa onde elle nascera» (12)

Esse interessante artigo intitula-se *O berço*

de Castro Alves, e foi publicado, como « carta aberta ao Dr. Augusto Guimarães, o maior amigo do poeta », no *Diario da Bahia* de 14 de Março de 1895. Com a transcrição dos seguintes tópicos ficará cabalmente resolvida a nova questão, que faz lembrar a das sete cidades da Grecia disputando outrora o berço de Homero:

«As poucas linhas que se vão seguir suggeriu-nos a visita que ultimamente fizemos, na fazenda *Cabaceiras*, situada a sete léguas da cidade de Currealinho, (13) á casa onde nasceu o cantor das *Espumas fluctuantes*.

Dominando a vasta planície, entestando com o levante e dando o fundo para a magestosa serra do Aporá, surge a casa onde nasceu o immortal poeta. Modesta, espaçosa, é construida no estylo das casas das fazendas. Térrea, abriga-a na frente e aos lados uma larga varanda.

Os repæros que tem soffrido mal escondem aos olhos do observador o estado de estrago em que se acha a velha casa gloriosa. Gloriosa, porque em suas paredes que

se vão fendendo guarda os ecos das primeiras palavras balbuciadas, em seu solo hoje esboroado os primeiros passos vacillantes ensaiados por aquella criança sublime, como chamara Chateaubriand a Victor Hugo.

Nas modificações por que tem passado em seu interior foi respeitado o cômodo onde a poesia velara como o anjo da guarda o primeiro somno de seu filho dilecto. Depois do Dr. Antonio José Alves, pai do poeta, a fazenda teve como proprietarios successivamente: um estrangeiro, cujo nome e nacionalidade não souberam dizer ao certo as pessoas que nos prestaram o obsequio de suas informações; um preto muito conceituado no logar, e hoje uma senhora viuva, cujo filho consagra a sua actividade á lavoura do fumo.

Na fazenda das *Cabaceiras* nasceram todos os filhos varões do casamento do Dr. Alves com a Exma. Sra. D. Clelia Brasilia de Castro. Oito annos apenas demorou-se ahi o Dr. Alves, vendo-se obrigado a deixal-a por

exigil-o a educação dos seus dois filhos mais velhos.

Em S. Felix iniciaram se os meninos nos estudos com um dedicado amigo de seu pai, o Sr. J. Peixoto, professor primario, que nas horas que lhe restavam aos labores de sua profissão, se entregava ao exercicio da arte de curar.

Castro Alves não mais vovera ao lar onde havia nascido Si o fizesse, certo não lhe negaria uma daquellas sentidas estrophes que lhe inspirou a casa onde se deslisaram risonhos os melhores dias de sua infancia, a *Boa-Vista*, a quem dizia elle como um filho extremoso:

Oh! deixem-me chorar! meu lar... meu doce ninho!
Abre a vetusta grade ao filho teu mesquinho!
Passado—mar immenso! innunda-me em fragancia!
Eu não quero laureis, quero as rosas da infancia. (14)

A casa de que nos estamos occupando não tem uma lápide, por mais tosca que o seja, que a assignale ao viajor daquellas paragens,

que lhe detenha o passo na contemplação reverente do berço de um dos filhos que mais glorificaram o seu torrão natal.

E'-nos grato, porém, lembrar aqui que a intendencia municipal de S. Felix, por proposta de um dos seus membros, o Sr. Clementino Fraga, levou a effeito a idéa, que muito a honra, impondo-a á gratidão da patria, de dar o nome do poeta a um porto de embarque, situado á margem do grandioso rio Paraguassú e distante meia légua da fazenda *Cabaceiras*.

Como complemento a esta idéa, bem podia a mocidade, que tomou a si a nobilíssima iniciativa de erigir á memoria do poeta que mais a enthusiasma, um monumento, reservar uma das pedras a este destinadas, para ser collocada na casa em que elle nascera.

Como é sabido, a corporação acadêmica de S. Paulo mandou assentar na fachada da Faculdade uma lápide onde brilha em áureas letras o nome de Castro Alves, ao lado dos de Alvares de Azevedo, o Byron Brasileiro, e de Fagundes Varella, cuja musa soberana

vagueara pelas selvas, cantando em estrophes cheias de perfumes e harmonias o que tem de bello a nossa natureza ».

Nas minhas correspondencias de S. Paulo para *O Paiz* do Rio de Janeiro, durante a viagem do Imperador D. Pedro II, « ainda botando a alma pela bocca, passando ás carreiras da casa onde morou Alvares de Azevedo para aquella onde Castro Alves passou os seus últimos tempos na Paulicéa », fiz uma ligeira referencia a duas curiosissimas mesas da Faculdade, nas quaes os mais notaveis representantes de tantas gerações académicas burilaram seus nomes á ponta de canivete, nomes esses que figuram hoje nas letras e na politica do paiz, como os de Alvares de Azevedo, Castro Alves, Fagundes Varella, Martim Francisco, José Bonifacio e tantos outros.

IV

Castro Alves era filho legitimo do Dr. Antonio José Alves, lente de clinica externa da Faculdade de Medicina da Bahia, e um dos cirurgiões mais notáveis do seu tempo, reputado até na Europa, onde deixou vestígios da sua passagem, e de D. Clelia Brasília da Silva Castro, virtuosissima senhõra, inteiramente votada á educação de seus filhos, tres varões, todos mortos na aurora da existencia, e tres encantadoras meninas, todas intelligentes e caprichosamente educadas, que são actualmente modelos de esposas e mãis de familia.

Pai e mãe de Castro Alves morreram mo-

ços, talvez sem presentir as glórias destinadas ao filho que mais tarde devia immortalisal os. Seus dois irmãos, também poetas de notavel inspiração, dentro de poucos annos desapareceram do scenario da vida, adormecendo como elle na noite da morte... quando mal depontava para todos tres o bello dia da mocidade, na primavera das esperanças, ao sol do talento !

De José Antonio de Castro Alves, o que primeiro morreu, isto é, o que falleceu antes do futuro cantor dos *Escravos*, contando apenas 19 annos de idade, somente resta um soneto (que dou na minha obra *Poetas do Brasil*), pois o desventurado joven, num violento accesso de desorientação cerebral, reduziu a cinzas todos os seus manuscritos, entre os quaes havia composições poéticas de um lyrismo encantador.

O último dos tres, Guilherme de Castro Alves (fallecido a 28 de Janeiro de 1877), contando também 24 annos, como o meu biographado, publicou um volume de versos que intitulou *Raios sem luz*, (15) sob o pseudônimo *D'Alva*

Xavier, e um folheto com a traducção, em verso, das poesias de Byron *A Napoleão*, tambem com pseudônimo de *Alberto Krass*. (16)

Guilherme era um audaz, um verdadeiro emancipado, que parecia se rebellar contra as imposições dos ferrenhos moldes da arte poética em voga no seu tempo. Seus versos attestam umas vagas tendencias para a poesia do futuro, podendo ser considerado como um verdadeiro precursor da recente poesia *nephelibata*... Pode-se-lhe applicar as arrojadas estrophes que elle consagrou á morte do seu prodigioso irmão:

«São ora os vermes de uma leiva impura
A nebulosa errante do teu manto:
Moço, cobrem-te as cans da sepultura...
A cal derrama sobre ti—seu pranto!
Em vez das glorias, das canções, do estudo,
—As solidões de negro labio mudo,
Babujando-te as c'rôas de amarantho!»

As tres irmans de Castro Alves são as
Exmas. Sras. D. Adelaide de Castro Alves

Guimarães, viuva do meu grande e saudoso amigo Dr. Augusto Alvares Guimarães; D. Elisa de Castro Alves Guimarães, esposa do meu distincto amigo Francisco Lopes Guimarães e D. Amelia de Castro Alves Ribeiro da Cunha, esposa do Dr. Manuel José Ribeiro da Cunha, conceituado médico, que actualmente clinica na capital do Amazonas, e que nos últimos annos do imperio occupou saliente papel na politica, tendo sido deputado á Assembléa Geral Legislativa.

As tres Irmãs do Poeta em nada se parecem com as da poesia de Berthoud, que o cantor das *Espumas Fluctuantes* traduziu admiravelmente ... Aquellas, collando-lhe num beijo a bocca fria na fronte scismadora », apontavam-lhe a *Indifferença*, a *Fome* e a *Morte*; estas, mantendo no mais vivo esplendor o fogo santo do talento, que é o braço da dynastia dessa familia de poetas, ostentam, numa solidariedade verdadeiramente fraternal, o orgulho sagrado desse nome, que ellas conservam realçado pelo brilho dos mais

altos dons do espirito, em consorcio com as mais peregrinas virtudes.

A juventude do futuro cantor d'*Os Escravos* deslisou suave entre os carinhos da familia e o conforto que lhe proporcionava a elevada posição de seu pai na mais escolhida sociedade bahiana.

Nada houve de extraordinario nos seus primeiros annos, que o levasse a figurar em edições congêneres á das *Infancias Célebres* de Mme. Louise Colet. Seu talento destacou-se pela precocidade, tanto na poesia como na pintura, mas isso é commum entre os nossos principaes poetas.

Alvares de Azevedo com 8 annos de idade já escrevia versos em francez e caricaturava os seus professores de primeiras letras. Junqueira Freire com 12 annos escrevia versos de uma sonoridade musical e discutia rhetórica com os seus professores, levando os á parede em assumptos philosophicos. Macedo Júnior com 15 annos de idade escreveu os bellos versos do seu volume das *Açuenas*. Castro Alves com 12 annos já fazia ver-

sos e desenhos, e contava apenas 17 annos quando escreveu a *Mocidade e Morte*.

Em 1864 matriculou-se no primeiro anno da Faculdade de Direito do Recife, scenario illuminado da sua auspiciosa estréa litteraria.

Contava então 17 annos de idade; e os enthusiasmos expontâneos desse risonho periodo da vida, os applausos constantes da mocidade acadêmica, a rivalidade de um Tobias Barreto, e a predilecção de uma actriz muito em voga... — taes foram os poderosos estímulos que levaram aquelle

...ser, que voava nas luzes da festa
Qual pássaro bravo que os ares agita (17)

não ao

..... dédalo assombroso
Da floresta que ruga e que suspira, (18)

mas

Ao paiz do ideal, terra das flores,
Onde a brisa céu tem mais amores
E a phantasia—lagos mais azúes... (19)

e lá ..

Onde refervem sóes... e céus... e mundos... (21)

sem nunca parar, no vôo vertiginoso do seu genio insaciavel, ora respirando a brisa morna dos arvoredos sombrios, ora rolando em bárathros profundos... e sempre a embriagar-se na taça chammejante de um fogo amor! depois de mergulhar das paixões nas vagas cérulas», (quando) esperava, talvez, que soasse

.... a hora das epopéas,
Das Iliadas reaes, 22)

eil-o que,

Por uma fatalidade
Dessas que descem de além... (23)

tomba, como tantos outros Icaros da utopia,
que se arrojam ao infinito, sem presentir que

a aproximação do sol lhes deve abrasar a possante envergadura das azas...

Assim, depois de pairar solitario numa região tão alta e constellada, boiando no lago olympico das espheras—com azas abertas e immóveis na indolencia da fluctuação, de repente desce... e desce mais... e cai, por fim, aeronauta do somnambulismo, batendo em cheio nas duras táboas do leito de Procusto, onde, alquebrado pelo desalento, devorado pela febre, esmagado pelo baque surdo e tremendo da queda das illusões, apenas consegue

... ver extincto d'entre as névoas
O phanal que nos guia na tormenta:
Condemnado—escutar dobres de sino,
Voz da morte, que a morte lhe lamenta! (24)

V

Desencadeado o temporal desfeito que arrebatou aquella mocidade, predestinada para a gloria e a immortalidade, na voragem das paixões e das utopias, dos desalentos e de todas essas malditas loucuras divinas das organizações sonhadoras, sentimentos profundos minaram-lhe o coração, emquanto que ideaes de uma grandeza estranha lhe abrasavam o cérebro.

Castro Alves appareceu no perystilo da vida—já coroado com as rosas do amor e os louros da gloria. Lançou-se a cantar, pela estrada perigosa da existencia, sem ver os espinhos (que o deviam ferir profundamente,

bem cedo) occultos sob a maciez enervante das flores que lhe eram atiradas com prodigalidade, quer quando elle illuminava as columnas da imprensa nacional com as fulgurações do seu estro, quer quando electrizava os auditorios—ao poder maravilhoso do seu verbo de orador, fluente e vibrante, sonoro e largo.

Elle tinha o duplo prestigio da poesia e da eloquencia; garantem-me pessoas competentes que chegou por vezes a empalidecer a sua radiação p' ética ante a pulverisação faiscante dos seus radiosos dotes tribunícios.

Era um a organização excepcional. Ao seu olhar, cansado de ver o que não via... tudo e todos tomavam proporções extraordinarias. Parece que contemplava o infinitamente pequeno, não com o microscopio, mas servindo-se de um binóculo ás avéssas; ao passo que só via o infinitamente grande—atravez de uma lente poderosa.

Ao seu modo de ver, como que as cousas tomavam o aspecto do Thabor no instante da transfiguração; a sua imaginação faz lembrar

os clarões crepusculares; reflectidos nas vidraças de um palacio de fadas, ou os raios solares ferindo a ponta metálica de um pára-raios.

Só com as vistas voltadas para o ideal, ou do alto da praça, que tem o seu nome, contemplando um outro poeta esta opulenta enseada azul, aos indecisos lampejos crepusculares, é que se pode ver como « das bandas do occidente o sol se atufa nos mares como um *brigue em chammas*... e d'aquelle vasto incendio do crépusculo alastra-se a cabeça loira das ondas ». (25)

E' por isso que os seus heróes têm a enormidade das figuras gigânticas de Miguel Angelo, aquellas visões phantásticas que, na phrase de Castelar, cresceram dentro dos túmulos... Ha um quê de mystico nas suas singulares creações femininas, como a *Hebréa*, a mysteriosa mulher d'*O Phantasma e a Canção*, a virgem apaixonada d'*O Hóspede*, a purissima vestal que ia tropeçando nas pyras do sacrario de sua alma... já tão tarde!... e a captiva brasileira, que mais

parece uma escrava bíblica, a qual chega a
ver o céu no precipício :

—Sabes que voz é esta?

Ella scismava!...

—Sabes, Maria?

—E' uma canção de amores.

Que além gemeu!...

—E' o *abyssmo*, criança!

A moça, rindo,

Enlaçou-lhe o pescoço:

—Oh! não! não mintas,

Bem sei que é o *céu !*» (26)

E' tão forte o cunho de verdade que dá aos seus personagens, puramente imaginados, ha tão lógica fraternidade entre o real e o abstracto,—é tão suggestiva a sua maneira de traduzir as nímias subtilezas psychicas, que nas células sonoras do seu cérebro vibram como cordas de um psalterio divino, que algumas de suas imagens chegam a me parecer pinturas fieis de verdadeiras passagens históricas...

Assim é que, naquelle velho do *Phantasma e a Canção*, que lhe passou pela mente prophética nas trevas da noite de 13 de Dezembro de 1869, eu julgo ver a imagem veneranda do Imperador D. Pedro II, desthronado e banido a 15 de Novembro de 1889, errante e resignado no exilio, onde pouco sobreviveu a tão immerecida desventura, podendo repetir com o poeta:

Mulher, si eu falar, promettes
A porta abrir-me?—Talvez.
—«Olha... Nas cans deste velho
Verás fanados laureis.
Ha no meu craneo enrugado
O fundo sulco traçado
Pela c'rôa imperial.
Foragido, errante espectro.
Meu cajado—já foi sceptro!
Meus trapos—manto real!» (27)

VI

De todas as inexperiencias dos primeiros annos, nenhuma produz mais graves consequencias do que uma paixão, já não direi eriminosa, mas pelo menos inconfessavel. Todo o sentimento occulto augmenta na proporção do mysterio a que deve ser condemnado.

Os noivos, que valsam durante todo o baile, e os esposos—que passam pelas ruas de braços dados; essas venturosas almas apaixonadas, que nos mostram o seu amor com a mesma tranquilla indifferença com que as mãis não nos occultam o seio—quando estão amamentando o filhinho; ainda que

queiram, não podem comprehender as agonias lentas de um amor, que vai minando surdamente, assoberbado pelas violencias do ciume, fervendo numa ebulção comprimida, como que disfarçando uns rugidos de fera enjaulada, nos rumores subterrâneos de um solo vulcânico!...

Castro Alves amou assim.

«Amar e ser amado é quanto basta» disse Victor Hugo. Esta synthese é bella, mas não é verdadeira. Prefiro pensar com Junqueira Freire:—« Ah! engano sempiterno da vida! O amor não enche o coração, nem completa o espirito. Ainda depois da fruição ha alguma coisa que se deseja! — O coração é o instrumento das contradicções!» (*)

Si esse coração valente e generoso palpittasse ao brilho casto de uns olhos virginaes, nas mesmas aras onde a admiração nacional contempla a belleza eterna de *Marilia de Dirceu*, nova criação esculptural ostentaria suas fôrmas impeccáveis aos olhos da posteridade.

(*) JUNQUEIRA FREIRE—*Contradicções Poéticas*.

Assim, porém, não aconteceu. Mas desde que o paganismo abriu o exemplo das vindidades criminosas, quem ousará censurar o enamorado artista—que levanta no pedestal do seu genio a estatua nua da sua formosa amante?—Ella, passando pelo fogo dos seus beijos, foi por elle unguida numa lustral de lágrimas!...

Oh! lágrimas e pérolas! aljófares,
Que rebentaes no interno cataclysmo
Do Oceano—este dédalo insondavel,
Do coração—este profundo abysmo! (28)

Quem ousará censural-o, si

Tudo que vive, que palpita e sente,
Chama o par amoroso para a sombra...
O pombo arrulla—preparando o ninho,
A abelha zumbe—preparando a alfombra! (29)

Só conseguirá tental-o o que não tiver alma

capaz de compreender a eloquencia destas estrophes:

Silvia! Deixa ro'ar sobre a guitarra
Da lágrima a harmonia peregrina!
Silvia! cantando—és a mulher formosa!
Silvia! chorando—és a mulher divina!

....dá-me a beber a gotta d'agua
Nessa pálpebra rôxa como o lírio...
Como lambe a gazella o brando orvalho
Nas largas folhas do deserto assyrio.

E quando est'alma, desdol'rando as azas,
Entrar do céu na região serena,
Como uma estrella eu levarei nos dedos
Teu pranto sideral, ó Magdalena ! (30).

Ha tanta poesia na lenda obscura dessa paixão do poeta, que o olhar frio do mais severo e ridiculo Catão (31) ha de forçosamente ir lendo, mesmo sem querer, dominado por uma força hypnótica, as seguintes linhas pal-

pitantes de uma poesia intensa e communi-
cativa:

Um dia *elles* chegaram. Sobre a estrada
Abriram á tardinha as persianas;
E mais festiva a hab'itação sorria
Sob os festões das trémulas lianas.

Quem eram? D'onde vinham? Pouco importa
Quem fossem da casinha os habitantes:
—São noivos!—as mulheres murmuravam...
E os pássaros diziam:—São amantes!—

Eram vozes—unidas com as brisas!
Eram risos—abertos com as flores! (32)
Eram mais dois clarões—na primavera,
Na festa universal—mais dois amores!

Sei que alli se occultava a mocidade,
Que o idyllio cantava noite e dia...
E a casa branca á beira do caminho
Era o asylo do Amor e da Poesia.

E' noite. Treme a lâmpada medrosa
 Velando a longa noite do poeta...
 Além, sob as cortinas transparentes
 Ella dorme... formosa Julieta !

Entram pela janella quasi aberta
 Da meia noite os preguiçosos ventos;
 E a lua beija o seio alvinitente,
 Flor, que abrirea das noites as relentos.

O poeta trabalha!... A fronte pálida
 Guarda talvez fatídica tristeza...
 Que importa! A inspiração lhe accende o verso,
 Tendo por musa—o Amor e a Natureza! (33)

Tantos annos depois do fallecimento do poeta e de sua amante (que pouco lhe sobreviveu) eu não teria o mínimo escrúpulo em escrever o nome d'*ella*, nesta biographia, si.. a leviandade do seu procedimento, nos últimos tempos desses funestos amores, não tivesse amargurado tanto o generoso coração que dia e noite palpitou por ella.

Assim como a Biblia, chamando pelo nome proprio ou designando pela terra do seu

nascimento todas as mulheres, que em suas páginas atravessam os séculos, como Maria ou a Samaritana, só não nos disse o nome da *mulher adúltera*... eu também, tendo de referir-me a essa creatura infiel, que num só instante de deslealdade ennegreceu para sempre o horizonte dos seus amores, ora hei de chamar-lhe a *Dama Negra*, como lhe chamava o enamorado *Cecéu* (34), depois da traição... ora a designarei pelo seu título de *actriz*... tão dignamente conquistado no theatro como no grande palco onde representou a comedia da sua vida.

Essa actriz... não era uma mulher bella, na rigorosa accepção da palavra; mas era de uma graça extraordinaria, intelligente, instruida, nimiamente nervosa e vibrante, cheia de seducções e de singulares caprichos. Castro viu-a pela primeira vez no theatro S. João desta capital. Representava ella nessa noite a *Dalila*. .(35)

Contava elle então pouco mais de 15 annos de idade; e não ha quem ignore que os primeiros amores são quasi tão perigosos

como as paixões dos velhos. Felizes os que passam de leve pelos primeiros affectos, como que exercitando o coração em ligeiras escaramuças para a batalha campal que se deve travar, mais tarde ou mais cedo, no terreno decisivo dos destinos humanos!

Castro Alves enamorou-se da actriz, que aos seus olhos parecia uma deusa olympica á luz feérica da ribalta, applaudida por uma platéa dominada pelo seu talento, provocando prolongados applausos e causando verdadeiros enthusiasmos.

A timidez dos verdes annos e a severa educação que recebera no seio da familia foram os poderosos diques com que conseguiu conter a torrente impetuosa dos desejos, que quanto mais tentou represar, mais se avolumava no âmago do seu coração. A imagem dessa mulher povoou lhe de voluptuosos scismares os amargurados dias e de teimosos sonhos as noites mal dormidas...

A companhia de que era primeira actriz a funesta *Dama Negra*, saiu da Bahia, mas a lembrança dessa mulher nunca mais saiu da me-

memoria do apaixonado menino—poeta. Anos depois, matriculando-se elle na Faculdade de Pernambuco, appareceu na cidade do Recife a companhia dramática de que era ella a primeira actriz.

Longe das vistas paternas, vivendo na bohemia das *repúblicas* em ampla liberdade, Castro Alves conseguiu facilmente realizar o mais ardente desejo da sua juventude. A posse dessa mulher, que se lhe entregou de corpo e alma, sinceramente apaixonada pelo seu porte de Apollo meridional e vivamente deslumbrada pelo esplendor do seu talento victorioso, longe de proporcionar-lhe a felicidade almejada, trouxe-lhe terriveis lutas e profundos desalentos.

O coração do poeta é um tonel das Danaídas, na solidão sinistra do Tártaro, onde a cornucopia de Amalthéa inultimente deixa cair em profusão todos os thesouros da terra . . . O amor conduz-nos ao paraíso, não ha dúvida; mas, escondida nas folhas da árvore do bem e do mal, espreita-nos a serpente do

ciume, que nos offerece o fructo prohibido para melhor poder cravar-nos os dentes.

Ha uma scena, no drama *D. Juan* (36) de Castro Alves, que pinta ao vivo os sentimentos do poeta e da actriz. Abstraindo do scenario (que é uma câmara ardente onde a heroina, que fôra narcotizada, desperta, num caixão fúnebre, ao clarão dos cyrios) como que se encontra no diálogo dos amantes alguma coisa do que podiam dizer essas almas allucinadas:

A CONDESSA

...Que sala é esta? Onde estou eu? Meu Deus, é o palacio do Conde!... Porque me fizeste accordar ainda aqui?...

MARCUS

Porque ainda é tempo de renegar o meu amor...

A CONDESSA

O teu amor?!

MARCUS

Escute, Emma... Hontem, era no baile... As flores, as luzes, os sons da orchestra, como outras tantas vozes do céu, murmuravam-lhe aos ouvidos: — «Ama, Condessa, ama !... Estatua divina e orgulhosa, é tempo... Camelia pálida, abre o teu seio ás borboletas doiradas do amor! E depois... era no terraço; eu, de joelhos, beijava o arminho do teu vestido, enquanto a lua beijava o arminho negro de teus cabellos .. e a noite, o céu, as estrellas... e (*apontando para si*) o veime da terra te pediam um conceito, uma palavra divina, uma palavra, que tu nunca disseras a ninguem no mundo, uma palavra de amor...

A CONDESSA

E esta palavra, Marcus, tu ouviste .. esta palavra virgem na minha alma tu a bebeste nos meus labios...

MARCUS

Oh! Condessa! tudo aquillo era uma vertigem. Depois... Quem sabe si a mulher, que me amava no baile, não teria horror de mim no cemiterio? Condessa Emma, ainda é tempo: alli está a sociedade... aqui está o amor; alli está o seu leito nupcial, que é um tumulto; aqui está um tumulto, que é o seu leito nupcial.. Escolha.

A CONDESSA

Tu mentes, Marcus!... Tu não me pedes devéras que eu escolha... E' impossivel .. tu quizeste apenas sentir de novo a extensão de meu amor... quizeste gosar do espectáculo de minha paixão, não é verdade? Oh! não me digas que desconfias de meu amor, porque então eu não acreditaria que me amas... (*Falando fóra do esquite*) Marcus, uma idéa horrivel me atravesou agora o espirito... Marcus, teu amor seria apenas um capricho? ...És tu Don Juan?... ou és Romeu?... Vamos... uma palavra tua... tu o disseste...

ainda é tempo, por que, olha bem, Marcus, uma mulher, como eu, ama somente uma vez na vida, mas precisa de um amor também eterno!... Escuta, não me interrompas; si tu sentes em ti uma paixão única e imensa, como a minha, dize... e nós iremos viver longe... bem longe... na Hespanha, na terra das lorangeiras floridas... na Italia, sobre as ondas azuladas de Sorrento .. Nos Andes, onde a raça dos Incas embala o amor á sombra das palmeiras, na Grecia, em Paris, onde quer que seja nós iremos abrigar o infinito de nossa paixão... Mas si tu não sentes em ti um sentimento destes, dize, Marcus, dize, e tudo estará terminado! Eu te perdoarei porque ao menos não soubeste mentir... Marcus, vê bem que o meu amor é grande e insaciavel como o oceano.

MARCUS

E o meu é grande e inexgotavel como o céu.

Numa outra scena, á noite, num cemiterio, Marcus está sentado sobre uma sepultura, tendo a Condessa encostada a si, e diz, depois de olhal-a muito tempo:

--Houve um dia um artista, que amou uma estatua de mármore; houve um dia um carrasco, que amou um cadaver de rainha.

E o artista amou e amou tanto, que estremezia de volupias estranhas ao contacto daquella pedra indifferente, que adorou, scismou, viveu longos dias com uma prece, um olhar, um sorriso só para aquella figura marmorea, que achou mais gosos naquella indifferença do que no delirio dos amores da terra...

E o carrasco amou e amou tanto que bebeu o vinho da vida na taça livida dos labios da defunta. que ardeu na friez daquelle seio inanimado, que apertou contra o peito em espasmos divinos o corpo degollado de Maria Stuart.

Mas o que sentiria Pygmalião, o que sentiria o carrasco, si os seios de mármore, si os seios da morta estremecessem, si os braços

da estatua, si os braços da mulher os estreitassem, si os lábios de Venus, si os lábios de Maria dessem-lhes sorriso por sorriso, carícia por carícia, beijo por beijo, delírio por delírio ?...

O' Don Juan ! O' Lovelace ! embalde nos seios das Andaluzas, das Haydéas, fostes procurar o vinho supremo do amor...

Ninguém teve ainda a volúpia que sai da cova, o delírio que sai da morte, o beijo repassado de eternidade!... (*Beija-a sófregamente na testa*), Ergue te... Lázaro do amor ! ergue-te e cai no meu seio!...

A CONDESSA

Meu amor! Marcus! Oh! como é bom apertar-te e n meus braços! Como é bom encher o peito de ar... Respirar...sim, respirar, beber o espaço...Oh! Marcus! que formosa noite!.. Não vês? As estrellas parecem hoje mais claras e maiores...Como os cyprestes cantam...como tudo isto é alegre...como tu és bello... como eu te amo!... Vamos,

Marcus... Eu tenho frio... Aquece as minhas mãos nas tuas... minha testa arde... aquece-a com teu hálito (*Leva a mão á cabeça, arrancando a corôa róxa*) Ah! é a minha corôa de viuva... que se collocava entre tuas carícias e meus cabellos... Eu não a quero... Não! cilício da sociedade, tu não apertarás mais os pensamentos de minha cabeça... não! grilhão de flores!... tu não prendes mais minha alma! porque... porque *a borboleta que sai da crysálida não reveste a fealdade da larva.*

MARCUS

Sim, Emma... a noite te coroará de estrellas.

A CONDESSA

Não, Marcus... o teu amor me coroará de beijos!...

MARCUS

Ah! Emma! Como tu me enlouqueces! Como tu sabes amar!...

A CONDESSA

Mas, não é assim, Marcus, que todos amam? Não é assim que tu me amas? Não foi assim que tu m' o ensinaste?...

Ainda me lembro... a primeira vez que te vi, tu embriagavas as moças num baile como as tuas palavras melodiosas, e falavas de amor... Então, Marcus, eu pela primeira vez estremei ao olhar de um homem... perguntei-te sorrindo o que era o amor... e tu me disseste:—« Senhora! é a adoração, a idolatria, o desejo, mas tão grandes que pedem: ao infinito—que se alargue, para contel-os; á eternidade—que cresça, para encerral-os.

VII

Castro Alves appareceu em Permanbuc no momento mais opportuno possivel. A acção do meio e do tempo cooperou poderosamente para o prompto e extraordinario desenvolvimento da sua possante cerebração. O Recife era então a cidade onde se encontravam os nossos mais esperançosos poetas.

Era tambem o tempo das lutas épicas, em que os valentes cavalleiros do Pampa cruzavam como relámpagos no horisonte da guerra contra o Paraguay; tudo inspirava vivamente aquella geração patriótica, que via as esposas dos guerreiros cobrir o berço dos

seus filhos com o crepe da viuvez e da orphandade.

Foi então que o poeta, que só tinha vibrado na lyra a corda dos amores, arrancou sons mais fortes e perduráveis, cantando em voz alta a patria e a liberdade. São desse periodo as bellas páginas das *Espumas Fluctuantes* que se intitulam: *O Vôo do Genio*, *A Maciel Pinheiro*, *Pedro Ivo*, *As duas Ilhas*, *A uma Actriz* e *O Século*.

Foi então que Tobias Barreto, invejoso das consecutivas victorias de Castro Alves (que o desthronara, sendo acclamado o primeiro poeta da Academia), se improvisou o paladino de uma outra actriz da mesma companhia, e travou se a lamentavel polémica, que passou do jornalismo para os partidos theatraes, por elles capitaneados, produzindo esse ódio que os tornou inimigos irreconciliáveis.

Tobias Barreto, uns dez annos mais velho que Castro Alves, era o poeta mais festejado da Academia do Recife, quando este se matriculou, contando apenas 17 annos de ida-

de Castro, porém, apesar dos seus verdes annos, na primeira noite em que recitou versos seus no theatro S. Izabel, arrastou consigo toda a mocidade acadêmica, que em poucos annos devia espalhar a sua fama por todos os pontos do Brasil.

Para que se possa bem avaliar o mérito d'essa victoria do joven bahiano, é mister observar que Tobias, além da grande influencia que exercia sobre aquella geração de estudantes, como poeta, era já um profundo pensador e critico de grande nomeada em Pernambuco.

Sylvio Romero, no louvavel intuito de distinguir o seu velho amigo, tem procurado por todos os meios diminuir a estatura de Castro Alves, ao ponto de estabelecer mais de um confronto entre elle e Tobias, e de tão paradoxal renitencia chegou á extravagante conclusão de preferir o sergipano ao bahiano. (37)

Seja pois o proprio Sylvio quem nos fale aquí de Tobias:—«Era um *nacional em regra*, bem conformado; de frente espaçosa e alta,

olhar perscrutador e vivido. Tinha o fogo dos homens do seu temperamento. Tinha a loquella forte e animada, a linguagem brusca e colorida, certa tendencia para o pathos. Amava o calor, devorava café e escrevia envolto em fumaças. Era commodista, e, ainda em Sergipe, an-ante apaixonado da música, *um eximio tocador de violão e excellente cantor de modinhas* ». (38)

Formados os dois partidos theatraes (1866) entre os admiradores das duas actrizes, Castro Alves (do lado da que era solteira) encontrou-se frente á frente com Tobias, que capitaneava o grupo de uma que era... casada (com um actor da propria companhia). Tobias recitou-lhe uma noite, no theatro, uns versos onde dizia:

«Sou grego, gosto das flores,
Não sonho, não me embriago
Nos banquetes de *Phriné*...»

Castro Alves assomou em seguida á frente de um camarote de primeira ordem, bateu

palmas e recitou umas bellas estrophes, que começavam por estes versos:

Sou hebreu, não beijo as plantas
Da *mulher de Putiphar* . . . (39)

A platéa applaudiu-o calorosamente, e Castro saiu do theatro em triumpho, até ao hotel, onde lhe foi offerecida uma esplêndida ceia. Tobias, que cejava a uma outra mesa da mesma sala, difficilmente continhasse durante a apotheose do rival triumphante

« Dos camarotes e platéa do theatro, diz S. Romero, passou para a imprensa a malfadada luta. O poeta bahiano na *Luz* e o sergipano na *Revista Literaria* aggrederam-se desapiadada e tristemente. Assim quebraram as relações e tornaram-se irreconciliáveis, por futilidades, dois grandes talentos, dignos de reciprocamente se estimarem ».

Tobias ja tinha nome applaudido quando Castro Alves fez a sua *vigilia das armas*. E' tambem verdade que a poesia *condoreira* já gosava de fóros de cidade quando o futuro

cantor dos *Escravos* appareceu em Pernambuco. Mas o que ninguem pode negar é que Tobias, estando já familiarisado com a escola hugoniana, quando Castro Alves estreou, nunca logrou alcançar os largos e altos vãos da imaginação deste; e sempre que o quiz seguir de perto, na ousadia das repetições, por exemplo, caía em trivialidades desta ordem:

«O.hae... um cadaver de braços *cruzados*...
 Nos punhos *cerrados*, nos olhos *cerrados*,
 Nos labios *cerrados*, que a morte deixou...(*)

Publicou tambem estrophes (que Sylvio retirou da segunda edição do seu único livro de versos, *Dias e Noites*) que se prestam a dupla interpretação, como esta:

«Pernambuco erica a coma
Abaixa-se um pouco e toma...
 O peso do Paraguay». (**)

(*) Versos de Tobias Barreto *A morte de J. Mascario*.

(**) *Dias e Noites*, 1ª edição.

Sylvio Romero, defendendo o seu amigo, ainda vivo durante os primeiros ataques a Castro Alves, depois da morte deste, deu-me o exemplo de se poder passar por cima de um túmulo, quando se tem na mão um punhado de verdades, que devem ser ditas.

Animado pelo seu procedimento, direi ainda que Castro Alves, durante a ingloria luta provocada por Tobias Barreto, manteve sempre a mais fidalga compostura, ao passo que o seu aggressor se servia de uma linguagem... que o proprio Castro Alves verberou da seguinte fórma, no seu artigo intitulado *O Suplemento e o Sr. Barreto*, publicado no Recife, a 22 de Agosto de 1866 :

«...O público, que nos lê, vê que cada phrase desse monumento é uma mole de asneiras. *De queda em queda tombando rola* o Sr. Tobias desde a primeira linha do Suplemento. Cada degráu que o vimos descer pensámos que fosse o último; mas S. S. tem recursos; parece que um genio errante lhe bradava: —Caminha, novo Judeu Errante da critica... *literaria*.

Literaria, sim, porque só o vimos rolar nesta queda. Entretanto S. S. continuou a descer, mas foi num terreno tão baixo, que desapareceu completamente aos nossos olhos, como aos de todo o homem de bem.

S. S. conclue dizendo que havemos de correr por *beccos e vielas até nos encarmos acuado e indecente lá .. lá... lá... no fojo da devassidão.*

Entregamos estas palavras ao público; são um *specimen* da educação e da delicadeza de um homem, que se presa; de um crítico, que se diz literario. Vão talvez ahí expressões mais fortes, palavras mais sujas; mas somos homem, e não nos podemos furtar á indignação de ver um collega tornar-se um pas-chineiro, um amigo tornar-se um Judas». (40)

VIII

Em 1868 appareceu o poeta em S. Paulo, penetrando nessa terra do sul «como o moço Raphael subindo as escadas do Vaticano»... levando comsigo «o fogo de todos os enthusiasmos, o viço de todas as illusões, os seus vinte annos de seiva e de mocidade, as suas esperanças de gloria e de futuro ! » (41)

As reputações acadêmicas facilmente espalham-se por todo o Brasil. Não é pois de admirar que o nome de Castro Alves, tantas vezes acclamado na Bahia e em Pernambuco, já por esse tempo tivesse repercutido no Rio de Janeiro e em S. Paulo.

Além disso, nenhum outro poeta reuniu

ainda, entre nós, tantos títulos á popularidade. Apesar de quasi todos os grandes homens parecerem maiores á certa distancia, o espirito communicativo e o caracter leal desse bello rapaz davam-lhe na intimidade um realce extraordinario.

Forte, bello, distincto sob qualquer ponto de vista, a fortuna parecia acaricial-o como a um predilecto. A Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e S. Paulo foram as quatro cidades em cujo centro literario o seu talento desempenhou tãc saliente papel.

Alto, elegante, de attrahente belleza varonil, fronte pálida e erguida, cabellos escuros, finos, longos (42) e annelados, sobranceiras cerradas, olhos rasgados, pestanudos e de um brilho húmido, nariz grego e de narinas vibrantes, labios sensuaes, queixo voltaireano; eis um ligeiro esboço desse bello original, de que os retratos nos dão uma copia sem vida.

Sympatico logo á primeirã vista, insinuante desde que começava a falar, com uma voz sonora e musical; trajando sempre com uma elegancia que fazia lembrar Henrique Heine

em Paris, ou Maciel Monteiro nas recepções da embaixada; sombrio quando passava pelas ruas, alegre e expansivo no seio da familia ou nos grupos das *repúblicas*; abreviando o tempo com umas palestras que sabia prolongar de maneira agradabilíssima e recitando os seus versos—como ninguém mais ! imaginem isso, além do prestigio de uma dupla reputação de orador e poeta sem iguaes, onde quer que apparecesse, e ahí está o que era Castro Alves,—o *Cecéu*.

Seus poetas predilectos, de cuja leitura deixa transparecer a influencia em alguns de seus versos, foram Alvares de Azevedo e Junqueira Freire, Varella e Edgar Quinet, Espronceda e Byron, Lamartine e Musset, Hugo, Dante e Virgilio. Victor Hugo, incontestavelmente, foi de todos o que mais soube se communicar com o seu temperamento sôfregamente ambicioso de gloria, transmittindo-lhe os grandes ideaes e generosos exemplos de altruismo.

Exerceu grande acção sobre a sua principal obra literaria, a que lhe garante a im-

mortalidade, a dedicação incondicional do seu grande amigo Augusto Alvares Guimarães, de quem recebeu conselhos e lições, apesar de serem quasi da mesma idade.

Augusto Guimarães, roubado á familia e á patria no vigor da vida, era uma das almas mais generosas que tenho amado e um dos talentos mais robustos que tenho admirado.

A esses raros dons do espirito e do coração, reunia uma modestia verdadeiramente singular. Poucos pais fazem por um filho o que Augusto Guimarães fez por Castro Alves.

Matriculados na faculdade, no Recife, moraram sempre juntos até a hora fatal em que a *Dama Negra* lhe roubou o companheiro de todos os dias. Augusto, com a mesma franqueza com que lhe abria o coração, abria-lhe tambem a bolsa, de filho de um dos homens mais abastados da Bahia.

Castro Alves, como elle proprio confessa na humorística *Canção do Bohemio*, gastava em duas ou tres noites de pândega a mezada, que na gíria acadêmica era denominada a

primavera, ficando todo o resto do mez exposto aos rigores de um triste *inverno*...

E tu fugiste, presentindo o inverno,
Mensal inverno do viver bohemio...
Sem te lembrar que por um riso terno
Mesmo eu tomara a *primavera a premio*. (43)

Felizmente os rigores desse *inverno mensal* eram attenuados ao contacto de Augusto, seu socio commanditario, que nunca se lembrou de lhe pedir contas das botinas e camisas (felizmente do mesmo número) dos compendios e últimas edições europeas, da nota dos hoteis e dos alfaiates, estes espantalhos dos poetas!...

Só numa coisa Augusto não conseguiu realisar os seus intentos, sempre louváveis; foi quanto á *Dama Negra*... Fez quanto lhe era possivel, no intuito de libertal-o de tão funesta paixão, mas o amor verdadeiro segue fatalmente a sua marcha victoriosa, levando de vencida todos os obstáculos até chegar ao ponto do seu inevitavel destino.

Ainda poucos dias antes de sua morte, fa-

lando-me Augusto dos amores de Cecéu, ora os seus olhos lampejavam de raiva, ora se orvalhavam de lágrimas. Alma generosa de amigo! felizes os que se fazem amar por um coração como o teu !

Castro Alves consultou Augusto Guimarães sobre a idéa de escrever um poema abolicionista. Comprehendendo ambos que o grande facto social era aquelle, e que o poeta que para elle se voltasse, com sincero enthusiasmo, immortalisaria o seu nome, Castro, que era um coração aberto a nobres impulsos, identificou se com esse pensamento ao ponto de ultrapassar as raias do plano concebido, chegando mesmo a proseguir solitario, demonstrando com o mais vivo enthusiasmo as aptidões épicas do seu formidavel talento.

Em Setembro do 1867 escreveu-lhe Castro Alves uma carta, onde lhe dizia:

«Augusto.

«Bahia, 13 de Setembro de 67.

... Recebi tua carta que me encheu de

prazer. Dás-me noticias tuas e é quanto basta. *Toujours le même.*

«Quanto a mim não te posso dizer sinão que passo a mesma vida. Escrevo...

«Vou hoje para a Boa Vista terminar o prólogo dos *Escravos*, aos quaes só falta a descrição da Cachoeira de Paulo Affonso.

«E' verdade, dou-te parte que vou nestes 8 dias para ver de perto a queda gigantesca do S. Francisco. Fazer-me de Chateaubriand nest' outro Niagara... (44)

«Como sabes, foi o meu drama á scena. Fui muito feliz. No dia sete de setembro tive uma apothese... Em summa, para completar a victoria, coroaram-me, e além disso fui levado a nossa casa em triumpho...

«O *Diario* publica alguma coisa a este respeito, nelle verás um lindo juizo critico do Conservatorio, redigido pelo Frederico de Araujo, assim como o do nosso amigo o modesto e talentoso Maciel. (45)

«Segue-se uma poesia do Brito. Tenho mais poesias, que não vão agora por não poder imprimil-as em vista das noticias do Sul, que

o jornal tem de transcrever. São as seguintes: do Senna, do Philadelphio, do Muniz e mais outra do Brito, que te envio.

«Tambem junto encontrarás um bellissimo juizo critico sobre *O Gonzaga*, sahido no *Debate*. E' do Cyrillo... muito intelligente.

«Meu Augusto, desculpa si me estendo sobre estas cousas; não é orgulho, nem basofia, mas sendo como sei que és meu amigo, estou certo que estimas os momentos de compensação que obtenho nesta ingloria vida de homem que escreve.

«Ah! verás que o Belarmino Barreto assigna com restricções...—! (46) declarou em sessão que as restricções eram as que se acham no mesmo parecer!... Mas pouco importa. A razão é que eu tenho lhe passado alguns *espichas* por conta no Conservatorio.

«Dizes-me que estás escrevendo. Bem! E' preciso fazermos a nossa cruzada... Vem para a Bahia, pois francamente aqui ha muito moço intelligente. Sou amigo de todos, tenho os encontrado sempre lisongeiros commigo.

«Creio que irei nestes dois mezes para o

Rio. . . Vou publicar os *Escravos* e o *Gonzaga*.

«Adeus, meu querido Augusto, escreve-me e crê que se tenho preguiça de te mandar cartas, não tenho de sentir, sou teu amigo.

« *Castro Alves* ».

Do Rio de Janeiro escreveu esta outra carta:

« *Meu muito querido Augusto.*

«Côrte, 24 de Fevereiro de 68.

«Como estás? Sempre bom, não é assim, Exmo. Sr. Representante do povo?

«Eu estou gosando saude. Esta carta não é mais do que uma prevenção. Sim. Escrevo-te para te dizer que não te escrevo. Isto está *Tubiático*... Emfim, clarifiquemo-nos.

«1.º—Sou preguiçoso. (Isto é velho).

«2.º—Para escrever-te tudo o que commigo se tem dado é preciso uma longa carta.

«3.º—Uma longa carta muitas vezes repetida são muitas longas cartas.

«Tira d'ahi a conclusão e verás que para não desmentir o artigo 1.º eu não devia es-
crever muitas *longas cartas*.

«Façamos uma economia de actividade,
disse então commigo.

«Escrevamos uma carta, uma circular, ou
antes uma triangular (porque servirá apenas
para tres amigos)...

«E escrevi ao Franco, (47) reflectindo no se-
guinte:

«1.º— Que tinhas boas pernas para ir até
o quarto do Guilherme, que muito presará
a tua visita.

«2.º—Que tu me conheces bastante, para
deixares de comprehender quanto me é na-
tural a pouca actividade.

«3.º—Que me tens muita amisade (como
o tens provado) para deixares de te inte-
ressar pelo que respeita ao teu velho amigo
e companheiro.

«Mas, isto é o diabo! Lá estou eu a es-
crever mais...

«Si queres noticias, vê a carta, e responde-me, mandando-me a *Guia Aux Frères Provençaux*, rua do Ouvidor, onde tens o

«Teu amigo de coração

(*Castro Alves* ».

P. S.—Mando-te um *Correio Mercantil*; procura os dois últimos folhetins do *Diario do Rio de Janeiro* e um artigo de fundo do mesmo jornal, que me diz respeito. (De 16 a 24) ».

Estas cartas, além de interessantes, são características. Mostram-nos o poeta tal qual era na intimidade dos poucos que lograram essa ventura. Além disso, são documentos da sua profunda estima por Augusto Guimarães, o seu melhor amigo. Publico as com o duplo fim de perpetuar essa mutua estima, tão digna de ambos, como também para que sirvam de exemplo de pura amizade, nesta época, em que, como em tão bella synthese disse Affonso Karr, todos querem ter um bom amigo e bem poucos se lembram de o ser.

Transcreverei ainda mais outra, onde elle dá como quasi terminado o seu poema, o que infelizmente não conseguiu fazer, mas que desbrava completamente o terreno que lhe faltava percorrer, orientando-me com precisão na maneira de poder colleccionar os seus manuscriptos avulsos na edição definitiva de suas *Obras Completas* :

Eil-a :

« *Meu charo Augusto.*

«S. Paulo, 8 de Abril de 68.

«Eis-me em S. Paulo, na terra de Alvares de Azevedo, na bella cidade das névoas e das mantilhas, no solo que casa Heidelberg com a Andaluzia...

«Nós os filhos do do norte (consente este norte; sabes que é palavra relativa) sonhamos S Paulo o oasis da liberdade e da poesia plantado em plenas campinas do Ypiranga...

«Pois o nosso sonho é realidade e não é realidade... Si a poesia está no envergar do ponche escuro e largar-se campo fóra a divagar perdido nestas *geraes* limpas e infi-

nitás como um oceano de juncos, si a poesia está no enfumaçado quarto com o cigarro clássico, emquanto lá fóra o vento enfumaça o espaço com a *garôa* (é uma névca espessa como a nuvem que se arras-tasse pelas ruas) com a *garôa* ainda mais clássica; si a poesia está no espreitar de uns olhos negros atravez da rótula dos *balcões* (*) ou atravez das rendas da man-tilha que em amplas dobras esconde as fórmas das moças, então a Paulicéa é a terra da poesia.

«Sim! porque aqui não ha sinão frio, mas frio da Siberia; cynismo, mas cynismo da Allemanha; casas, mas casas de Thebas; ruas, mas ruas de Carthago... (por outra) casas que parecem feitas antes do mundo, tanto são pretas; ruas, que parecem feitas depois do mundo—tanto são desertas...

«Isto quanto á poesia. Quanto á liberdade, ella, si está mais desenvolvida em certos

(*) E' para dar-lhes um caracter hespanholado.

pontos, em outros acha-se mais restricta. Entretanto inclino-me a preferir S. Paulo ao Recife. Mas... basta de descripções. Occupemo nos de nós. Antes de tudo uma queixa—não me tens escripto, apesar de ser esta a terceira carta que te faço.

«Depois permite que te pergunte si recebeste o livro sobre a Escavidão. Mandeí-o levar pelo Alseman, que foi para a Bahia no dia posterior ao do recebimento de tua carta.

«A proposito do livro, conversemos. Devo dizer-te que os meus *Escravos* estão quasi promptos. Sabes como acaba o poema? (Devo a S. Paulo esta inspiração). Acaba no alto da serra de Cubatão, ao romper da alvorada sobre a América enquanto a estrella da manhã (lágrima de Christo pelos captivos) se apaga pouco a pouco no occidente. E' um canto do futuro. O canto da esperança. E nós não devemos esperar? Sim, e muito e sempre... Mais tarde darte-ei a explicação deste enigma das minhas crenças, Entretanto, trabalha! Talvez em breve possas

fazer muito pela *nossa idéa*. Escreve o teu livro. (48)

«E' verdade! Devo agora dizer-te que houve aqui um brilhante saráu literario. Pianistas, cantoras, oradores, walsadores, etc., etc. Foi uma bella reunião, quasi um baile. Ahi achei-me, e, entre amigos, si algum dia obtive um triumpho não foi noutro logar.

«Recitei uma poesia logo no principio da sessão e... fui extremamente feliz. Muitos lentes da Academia ahi se achavam, o Saldanha Marinho, etc., e todos receberam-me de maneira muito lisongeira. Imagina que até a senhora do consul inglez (uma ingleza! meu charo) veio enthusiasmada dizer-me: *«Mim gostar muita da suo recitativo! . . .*

«E depois fizeram-me recitar *As duas Ilhas*, e depois *A Visão dos Mortos*, todas bem acolhidas. Os jornaes de S. Paulo, si quizeres ler, de 30 ou 29 de Março, publicaram-nas precedidas de algumas palavras.

«Que queres? Em toda parte tenho encontrado uma patria

«Passemos adiante.

«Então V. Ex. tomou a palavra na Assembléa, brilhou, e nem sequer mandou-me a sua eloquencia em letra redonda? E' demais! Entretanto fique sem exemplo.

«A preguiça, que para mim é uma couraça contra as arguições dos amigos, para ti nada serve. Agora devo concluir. Escrevo-te de noite Faz um frio de morte. Embalde estou embuçado na capote, e esganado no *cache-nez*... Homem feliz, que tu és, Augusto! A estas horas suas á fresca nos lenções de linho, emquanto que estou gelado e coberto de lã...

«Olha, si leres poesias nebulosas, germánicas, tiritantes, hybridas, acéphalas, anômalas... não critiques nunca antes de ver si são de S. Paulo, e si forem.....

«Adeus, meu charo Augusto, recebe um abraço do

« Teu do coração

« *Castro Alves* ».

IX

A idéa de Augusto Guimarães, passando pelo coração de Castro Alves, antes de lhe entrar no cérebro, predominou de então por diante no espírito do poeta, que chegou mais tarde a tomar a dianteira, nos arraiaes do abolicionismo, incitando o proprio que a despertou a não o deixar só arena.

Augusto começou a escrever o seu livro em prosa, em Pernambuco, onde Castro Alves produziu as primeiras estrophes do poema *Os Escravos*, que na Bahia e em S. Paulo devia ser o assumpto quasi exclusivo de suas últimas inspirações.

E o poeta, que até então só tinha vibrado

na cythara a corda do amor e da tristeza, encordoou toda a harpa, tangeu a lyra e vibrou o psalterio, soltando em alto diapação vozes de renascimento e patriotismo, ungidas do mais profundo sentimento humano.

São desse período os poemas syntheses que se intitulam: *O Livro e a América* — *Quem dá aos pobres empresta a Deus*, — *Ashaverus e o Genio*, — *Ao 2 de Julho*, — *O Phantasma e a Canção*, — *Sub tegmine fagi*, — *Jesuitas*, — *Ode ao Dois de Julho*, onde se mostra de uma grandeza tal como até agora ainda não appareceu outro poeta entre nós.

Tinhamos até então, e temos ainda peregrinos engenhos do mais puro e communicativo lyrismo; appareciam de espaço a espaço tentativas épicas, como a ode de Magalhães a *Napoleão em Waterloo*, *A Terribilis Dea* de Pedro Luis, *O Redivivo* de José Bonifácio; a primeira e a última cheias de incorrecções e sem a pura imperial da rima, (49) e nenhuma com o esplendor soberano e o deslum-

brante colorido dos versos heróicos de Castro Alves.

Castro Alves foi a organização poética mais completa que até hoje temos possuído. Todos os gêneros de poesia lhe são familiares, em qualquer delles disputando a palma da victoria ao seu mais brazonado representante.

O desalento de Alvares de Azevedo, o tedio de Junqueira Freire, a tristeza resignada de Casimiro de Abreu, o nativismo de Gonçalves Dias, a naturalidade de Fagundes Varella, tudo se encontra na obra verdadeiramente prodigiosa de Castro Alves, attento o limitado espaço de tempo de que dispoz para sonhar e amar, soffrer e morrer . . .

A sua obra é notavel, tanto pela quantidade como pela qualidade. Começando a escrever aos 15 annos e morrendo quando apenas contava 24, é extraordinaria a sua fecundidade, em menos de nove annos de trabalho intellectual, pois a maior parte do seu curto tempo de vida foi distribuída entre os estudos preparatorios e de seu curso juridico,

que a molestia veio interromper no 4.^o anno; o estudo de gabinete, indispensavel ás suas aspirações e único a exigir maior dispendio de concentração; as longas horas consagradas á intimidade da amante, que parecia ter ciumes dos livros e da propria gloria, o que naturalmente lhe inspirou a formosíssima poesia *O derradeiro amor de Byron*; além do tempo dividido com a familia, os amigos e a sociedade, que o reclamava com insistencia nas principaes festas das quatro capitaes que serviram de scenario á rápida representação do sombrio drama de sua extraordinaria existencia.

Joaquim Nabuco, que teve a ventura de conhecer Castro Alves «no mais bello período de sua carreira literaria», diz que «elle valia mais do que as suas obras, que havia mais poesia no seu talento do que em seus versos».

Depois... reconhecendo que o talento do poeta reclama um logar de honra na nossa literatura, não encontra nelle... «nem a *harmonia fluente* de Alvares de Azevedo, nem

a *doce melancolia* de Casimiro de Abreu, nem a *inação e a melodia* de Varella, e nem o *rico colorido* de Gonçalves Dias » !. . .

No entanto, si Castro Alves, como todos os grandes poetas, como principalmente cada um dos preferidos por Joaquim Nabuco (pois todos elles peccaram pela incorrecção, não só poética mas até grammatical) deixou de limar muitos de seus versos, ainda assim, nenhum dos seus rivaes citados lhe resistirá a um confronto.

Alvares de Azevedo, que mais se distinguio na prosa que no verso, aliás inspirado sempre, deixa de justificar essa preferencia de citação, pois do que menos se preocupou foi com a *harmonia fluente*, que é exptonea e abundante nos versos de Castro Alves.

A *doce melancolia* de Casimiro de Abreu é realmente o que mais facilmente explica a popularidade do mavioso cantor das *Primas-veras*; mas essa *doce melancolia* resalta em cada estrophe das poesias lyricas de Castro Alves: —na *Dedicatoria das Espumas Fluctuantes*, —*Os tres amores*, —*O Gondoleiro do Amor*,

—A volta da primavera,— A Boa-Vista, — O Hóspede, — Murmúrios da tarde,— Os Anjos da Meia Noite,— Uma página de escola realista.

A imaginação e a melodia de Varella... sim, Varella foi imaginoso e musical; mas a música dos seus versos parece uma surdina ante a orquestração completa das estrophes de Castro Alves, e a imaginação do cantor das *Vozes da América* e dos *Cantos Meridionaes* nunca subiu tão alto como a do cantor das *Espumas Fluctuantes* e dos *Escravos*.

Gonçalves Dias opulentou algumas de suas poesias (bem poucas) com um colorido vivo; mas—quem escreve *O Navio Negreiro*, *O Século*, o *Adeus, meu canto*, *A Cachoeira de Paulo Affonso* e as *Vozes d’Africa*—não pode invejar a plumagem dos cocares, nem as aiucáras de que fez tão arbitraria profusão o inspirado cantor dos *Tymbiras*.

Diz o Sr. Francisco Octaviano que Castro Alves « foi um bello talento que se estragou pelo culto da antitheze »; Joaquim Nabuco dá-lhe a conveniente resposta, da seguinte

maneira:—«O illustre escriptor podia bem comparando os versos de Castro Alves aos de Homero, que ora traduz entre a impaciencia de seus *fulvros leitores* (50) e pondo em confrontação o genio grego na madureza de suas forças, e a inspiração que estreava em má escola de nosso joven poeta, pronunciar contra este um julgamento frio e severo. Esse direito, porém, não o tinha elle, julgando os nossos auctores e seus livros com a extrema benevolencia com que o faz ». (51)

Felizmente talentos da maior competencia aquilataram lhe devidamente o mérito real.

José de Alencar, em carta que publicou pelo *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro (22 de Fevereiro de 1868) disse:—« Recebi hontem a visita de um poeta. O Rio de Janeiro não o conhece ainda; muito breve o ha de conhecer o Brasil. Bem entendido, falo do Brasil que sente do coração e não do resto. O Sr. Castro Alves é hóspede desta grande cidade. Vai para S. Paulo concluir o curso que encetou em Olinda. (52)

Nasceu na Bahia, a patria de tão bellos ta-

lentos, a Athenas brasileira, que não cansa de produzir estadistas, oradores, poetas e guerreiros. Podia acrescentar que é filho de um médico illustre. Mas para que? A genealogia dos poetas começa com seu primeiro poema. (53) E que pergaminhos valem estes sellados por Deus!

O Sr. Castro Alves trouxe-me uma carta do Dr. Fernandes da Cunha, um dos pontífices da tribuna brasileira. Digo pontífice, porque nos caracteres dessa têmpera o talento é uma religião, a palavra um sacerdocio. Que júbilo para mim!

Receber Cícero, que vinha apresentar Horacio; a eloquencia conduzida pela mão da poesia, uma gloria esplêndida mostrando no horisonte da patria a irradiação de uma límpida aurora!

Machado de Assis, referindo-se á carta de José de Alencar, diz:—« A musa de Castro Alves não podia ter mais feliz introito na vida litteraria. Abriu os olhos em pleno Capitolio. Os seus primeiros cantos obtiveram o applauso de um mestre ».

A musa do Sr. Castro Alves tem feição própria. Si se advinha que a sua escola é a de Victor Hugo, não é porque o copie servilmente, mas porque uma índole irmã levou-o a preferir o poeta das *Orietaes* ao poeta das *Meditações*. Não lhe aprasem certamente as tintas brandas e desmaiadas da elegia; quer antes as cores vivas e os traços vigorosos da ode.

Como o poeta que tomou por mestre, o Sr. Castro Alves canta simultaneamente o que é grandioso e o que é delicado, mas com igual inspiração e método idéntico: a pompa das figuras, a sonoridade do vocábulo, uma fôrma esculpida com arte, sentindo-se por baixo desses labores o estro, a espontaneidade, o ímpeto. (54) Não é raro andarem separadas estas duas qualidades da poesia: a fôrma e o estro. Os verdadeiros poetas são que têm ambas. Vê-se que o Sr. Castro Alves as possui: veste as suas idéas com roupas finas e trabalhadas ».

Guilherme Bellegarde, no tomo I dos seus *Subsidios Literarios*, pág. 33, diz: — «Que ra-

diantes visões de gloria lhe não preluziria no entanto a arrojada phantasia ! Que importa ! *La mort a des rigueurs à nulle autre paireselles*, (55), implacavel, arremessou ao « funereo chão » no vigor dos annos e na pujança do talento, o malaventurado cantor das *Vozes d'Africa* !

Ha pouco mais de dez annos que elle para sempre emmudeceu ! Dez annos . . é muito para a saudade, é pouco para a immortalidade; dez annos não apagam a lembrança de um amigo; dez annos não consagram a reputação de um poeta.

Comtudo, as homenagens que lhe foram tributadas a *10 de Julho de 1881* dão incontrastavel testemunho do recrescente brilho que aureola o nome do inspirado poeta, cujo estro celebra nos *Escravos* e na *Cachoeira de Paulo Affonso* as miserias da humanidade e as magnificencias da natureza ! »

Joaquim Nabuco, na *Reforma do Rio de Janeiro* (Abril de 1873) escreveu :

«Inspiração ardente, possuindo o segredo do movimento e da acção no verso, talento

transportado pelas nobres idéas, pairando sempre em regiões elevadas, e odiando a vulgaridade, Castro Alves remiu por grandes qualidades seus grandes defeitos

Tal foi em suas quedas e em seus vôos esse singular talento, feito de luz e de sombra, de forças e de fraquezas, que precisa de um exame severo para ser bem julgado.

Nenhum talento desapareceu dentre nós com tantas promessas ! O que elle foi dil o o vacuo que deixou no seio da geraçã nova ».

Eunapio Deiró, na *Revista Brasileira* (de 15 de Maio de 1881) diz :

« Conheci-o menino; seu fallecido pai, illustre professor da faculdade, foi um amigo, que muito estimei. Ausentando-me da provincia diversas vezes, perdi de vista o menino *Cecéu*. Reappareceu-me recommendado pelos meus amigos, o senador Fernandes da Cunha e o Dr. Franco Meirelles, uma das illustrações do magisterio na Bahia.

Castro Alves tinha de si para si q e o meu juizo recommendaria as suas poesias. Bem diz o rifão : *é a fé que cura e não o pau da*

barca. Vi-o compor o drama *Gonzaga*; admirei a caução da escrava e escutei varias poesias. Tomei dellas e publiquei a *Hebréa*—este hymno de enthusiasmo, esta glorificação de uma mulher formosíssima, como um cántico do propheta da antiga Sião !

No artigo, que publiquei no *Diario da Bahia*, transcripto no *Diario do Rio*, pronunciei a nomeada do talento do joven poeta, lançando-lhe esta estupenda provocação: — *Étoi-le leve toi !* » (*)

Ruy Barbosa, no discurso que leu na festa do decennario de Castro Alves, disse: —« Na graça e na cólera os seus versos lampejam frequentemente com alguma cousa de Eschylo e Dante; com Shakespeare, o grande mergulhador do coração humano, creiamos que foi buscar alguma vez para a sua obra pérolas e monstros desse pégo; e compete não raro com Hugo na magnificencia oriental do colorido ».

(*) Verso de Victor Hugo a Saint-Beuve.

X

Chegou a vez de ouvirmos o poeta, em todas as manifestações do seu genio, desde o que ha de mais simples na lyrica nacional até o que ha de mais transcendente na sua formidavel poesia épica.

Exemplo de lyrismo:

**Tua voz é a cavatina
Dos palacios de Sorrento,
Quando a praia beija a vaga,
Quando a vaga beija o vento.**

**T'eu sorriso é uma aurora,
Que o horisonte enrubeceu,
Rosa aberta com o biquinho
Das aves rubras do céu. (56)**

De lyrismo brasileiro:

As garças mettiam o bico vermelho
 Por baixo das azas, da brisa ao açoite;
 E a terra, na vaga de azul do infinito,
 Cobria a cabeça co'as pennas da noite! (57)

Pintura onomatópica:

Uma noite, eu me lembro... ella dormia
 Numa rêde encostada molemente...
 Quasi aberto roupão... solto o cabello
 E o pé descalço do tapete rente.

.....

De um jasmineiro os galhos encurvados,
 Indiscretos entravam pela sala,
 E de leve oscillando ao tom dos ventos
 Iam na face trémulos—beijal-a.

Era um quadro celeste!... A cada afago
 Mesmo em sonhos a moça estremecia...
 Quando ella serenava—a flor beijava-a...
 Quando ella ia beijal-a—a flor fugia. (58)

E o ramo ora chegava ora afastava-se...
Mas, quando a via despeitada a meio,
P'ra não zangal-a — sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio... (59)

Pintura de paizagem americana :

Alli—a luz cruel, a calmaria intensa !
Aqui—a sombra, a paz, os ventos, a cascata...
E a pluma dos bambús a tremular immensa...
E o canto de aves mil, e a solidão, e a matta. (60)

Exemplo de outro primor:

Flor! tu chegaste de outra flor mais perto,
Que bella rosa! que fragrancia meiga!
Dir-se-ia um riso — no jardim aberto,
Dir-se-ia um beijo, que nasceu na veiga... (61)

Exemplo de sentimento e amor:

Um dia, em que na terra a sós vagava
Pela estrada sombria da existencia,

Sem rosas—nos vergeis da adolescencia,
 Sem luz de estrella—pelo céu do amor;
 Senti as azas de um archanjo errante
 Roçar-me brandamente pela fronte,
 Como o cysne, que adeja sobre a fonte,
 Às vezes toca a solitaria flor. (62)

Exemplo de poesia philosophica :

Ha duas cousas neste mundo santas:
 O rir do infante e o descançar do morto...
 O berço—é o barco, que encalhou na vida,
 A cova—é a barca do sidéreo porto... (63)

**Outro, que pode servir de estímulo ás
 almas dos predestinados da gloria:**

O Genio é como Ahasverus... solitario
 A marchar, a marchar no itinerario
 Sem termo do existir.
 Invejado! a invejar os invejosos,
 Vendo a sombra dos álamos frondosos...
 E sempre a caminhar, sempre a seguir! (64)

Presentimento de morte :

Oh! eu quero viver, beber perfumes
 Na flor sylvestre, que embalsama os ares;

Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher ha tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo ha tanta vida...
—Arabe errante, vou dormir á tarde
A' sombra fresca da palmeira erguida.

Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o somno sob a lágea fria.

Morrer... quando este mundo é um paraíso,
E a alma um cysne de douradas plumas:
Não! o seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar á tona das espumas.
Vem! formosa mulher, camelia pálida,
Que banharam de pranto as alvoradas.
Minh'alma é a borboleta, que espanja
O pó das azas lúcidas, douradas..

E a mesma voz repete-me terrível,
Com gargalhar sarcástico:—Impossível!

Eu sinto em mim o borbulhar do genio,
Vejo além um futuro radiante:
Avante!—brada-me o talento n'alma,
E o eco ao longe me repete—avante!

O futuro... o futuro... no seu seio
 Entre louros e bênçãos dorme o gloria!
 Após—um nome do universo n'alma
 Um nome escripto no Pantheon da historia.

E a mesma voz repete funeraria:
 Teu Pantheon—a pedra mortuaria! (65)

Estrophe que vale bem as mais criteriosas
 sentenças dos philósofos:

Por isso, na impaciencia
 Desta sêde de saber,
 Como as aves do deserto
 As almas buscam beber...
 Oh! bemdito o que semeia
 Livros... livros á mão cheia...
 E manda o povo pensar!
 O livro, caindo n'alma,
 E' germen—que faz a palma,
 E' chuva—que faz o mar! (66)

Outro exemplo de onomatopéa:

—Quem bate?—«A noite é sombria!»
 —Quem bate?—«E' rijo o tufão!...

Não ouvis? a ventania
Ladra á lua como um cão!
—Quem bate?—«O nome que importa?
Chamo-me dor... abre a porta!
Chamo-me frio... abre o lar!
Dá-me pão... chamo-me fome!
Necessidade é meu nome!»
—Mendigo! Podes passar! (67)

Pintura do mais vivo colorido e poesia da
mais intensa inspiração :

.....O campo é o ninho do poeta,
Deus fala, quando a turba está quieta
 Às campinas em flor.
Noivo—elle espera que os convivas saiam...
E na alcova, onde as lâmpadas desmaiam,
 Então murmura:—amor! (68)

Drama de remorso unguido de esperança :

Ai! não maldigas minha fronte pálida,
E o peito gasto ao referver de amores.
Vegetam louros—na caveira esquelida...
E a sepultura—se reveste em flores! (69)

Completa consagração do heroísmo :

Vai! que o teu manto, de mil balas roto,
E' uma bandeira que não tem rival.
Desse suor—é que Deus faz os astros...
Tens uma espada—que não foi punhal! (70)

Realismo de uma sensualidade olympica:

Boa-noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janellas bate em cheio.
Boa-noite, Maria! E' tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

—Boa-noite!—E tu dizes—Boa-noite?
Não m'o digas assim por entre beijos...
Mas não m'o digas descobrindo o peito,
Mar de amor—onde vogam meus desejos ! (71)

Apologia do século do trabalho:

Bem sei, Senhora, que ao talento agora
Surgiu a aurora de uma luz amena.
Hoje ha salario p'ra qualquer trabalho,
Cinzel, ou malho, ferramenta, ou penna! (72)

Pintura do somno, onde não se sabe o que mais admirar, si a precisão das imagens, a originalidade do assumpto ou a correcção da fórma. (Em toda a poesia, de 80 versos, o primeiro e o quinto verso de cada estrophe terminam por uma palavra esdrúxula, o 2º, o 3º, o 6º e o 7º por uma breve, o 4º e o 8º por agudas) :

Deus do infeliz, do mísero!
Consolação do afflicto!
Descanço do precito,
Que sonha a vida em ti !
Quando a cidade tétrica
De angustia e dor não geme...
E' tua mão que espreme
A dormideira alli.

Em tua branca túnica
Envolves meio mundo...
E' teu seio fecundo
De sonhos e visões;
Dos templos aos prostíbulos,
Desde o tugurio ao Paço
Tu lanças lá do espaço
Punhados de illusões !

O' somno! Unge-me as pálpebras,
Entorna o esquecimento
Na luz do pensamento
Que abrasa o craneo meu.
Como o pastor da Arcádia,
Que uma ave erraute aninha...
Minh'alma é uma andorinha...
Abre-lhe o seio teu. (73)

Estrophe admiravel pela delicadeza e a originalidade:

As estrellas acordavam
Do fundo do mar... Talvez!
Na proa as ondas cantavam...
E a serenata divina
Tu, com a ponta da botina,
Marcavas no chão... Ignez! (74)

Descrição de batalha, como não ha igual na lingua portugueza:

Debruçados do céu... a noite e os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...
Era tocha—o fuzil avermelhado!
Era o Circo de Roma—o vasto chão !

Por palmas—o troar da artilharia!
Por feras—os canhões negros rugiam
Por atletas—dois povos se batiam!
Enorme amphitheatro—era a amplidão!

No entanto a luta recrescia indômita...
As bandeiras—como águias erriçadas—
Se abysmavam com as azas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cego de metralha,
O archanjo do triumpho vacillava...
E a gloria, desgrenhada, acalentava
O cadaver sangrento dos heróes! (75)

Comparação poética de uma precisão ma-
themática:

O inglez—marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
Porque a Inglaterra é um navio
Que Deus na Mancha ancorou... (76)

Outra, que nos transporta á Andaluzia e á
Napoles, nas azas da sua inspiração :

Do hespanhol as cantilenas,
Requebradas de languor,

Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
Terra de amor e traição!
Ou do golpho no regaço
Relembra os versos de Tasso
Junto ás lavas do vulcão! (77)

Uma décima, accumulando tantas e tão brilhantes syntheses, como não se encontra estrophe igual em nenhum dos poetas do mundo:

Os marinheiros hellenos,
Que a vaga jonia creou,
Bellos piratas morenos,
Do mar—que Ulysses cortou ;
Homens—que Plydias talhara,
Vão cantando, em noite clara,
Versos—que Homero gemeu !
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias — do céu !... (78)

Estas últimas citações, porém, já pertencem ao poema dos *Escravos*, que exige um capítulo especial; mas antes de concluir, diga-me o leitor si em qualquer paiz, desde Homero até Victor Hugo, já viu uma interrogação que subisse tão alto como esta:

Deus ! ó Deus! onde estás, que não respondes?
Em que mundo, em que estrella tu te escondes
Embuçado nos céus ?!... (79)

XI

Castro Alves volta-se finalmente para um assumpto da mais alta importancia social, começa a publicar os bellos fragmentos de seu poema *Os Escravos* (80) e só de então por diante foi tomado na devida consideração o *abolicionismo* !

O que, desde 1840, platônicas tentativas de estadistas e patriotas não conseguiram lograr, a musa apaixonada do joven poeta alcançou em breves annos, despertando o enthusiasmo nas academias, levando a commoção ao seio das familias, provocando as discussões politicas nas duas casas do parlamento, que dentro de um anno determinaram a promul-

gação da áurea lei de 28 de Setembro de 1870, cuja consequencia lógica foi o grande facto social e humano realizado a 13 de Maio de 1888, que, por sua vez, cooperou poderosamente para o inesperado acontecimento de 15 de Novembro de 1889.

Castro Alves, além do brilhantismo das imagens e da sinceridade da emoção que palpita em todos elles, foi o único, entre os nossos poetâs, que soube observar as condições do *meio*, da *raça* e do *momento*, sendo por isso a sua obra de resultado muito mais prático, social e humano, que o de todos os outros nossos poetâs.

E' assim que a sua musa prophética, que em 1868 conseguiu antever o que se viu realiado, em 1888, na serra do Cubatão, última cidadella dos esclavocratas, onde os escravos foragidos nos deram uma segunda edição do poema dos Palmares, conquistando dessa vez a sua emancipação, bem pode ser considerada a redemptora dos captivos no Brasil.

Singular prophécia! estupenda coincidência!
A 8 de Abril de 1868, Castro Alves, numa des-

pretenciosa carta, da mais confidente intimidade, ao seu amigo Augusto Guimarães, sem presentir sequer que essas improvisadas linhas viessem um dia a ser dadas á publicidade, escrevia:

«Devo dizer-te que os meus *Escravos* estão quasi promptos. Sabes como acaba o poema? (Devo a S. Paulo esta inspiração).—*Acaba no alto da serra do Cubatão*, ao romper da alvorada sobre a América, emquanto a estrella da manhã (lágrima de Christo pelos captivos) se apaga pouco a pouco no occidente. E' um canto do futuro ». Etc.

E vinte annos depois, em 1888, na mesma *serra do Cubatão* os escravos das fazendas de café de S. Paulo, que era o baluarte mais resistente da escravidão, revoltam-se.. o governo manda um corpo de exército debandal-os e prendel-os, um militar protesta, dizendo que a sua classe não se compunha de *capitães do matto*... e a corôa, confiada então á regencia, comprehendendo a gravidade do momento politico, decreta a abolição immediata e sem remuneração !

Além de poeta, e poeta sem rival entre os nossos, Castro Alves foi um verdadeiro, um ex-singular propheta!...

O assumpto do seu poema dá a medida exacta da sua personalidade moral e intellectual. *Os Escravos...* atados durante séculos ao potro das maiores torturas, arrastando-se agrilhoados ao sol da nossa patria; que (como eu disse, na primitiva biographia deste poeta, em 1883): «gemem á sombra das nossas florestas, regando de lágrimas e de sangue o solo onde espalham as sementes productoras do ouro — a cujo peso ainda hoje são mercadejados, esses grandes desgraçados que, si ás vezes

..... Resistem, batem, lutam,

..... finalmente expiram de tortura...

Ou, si escapam, trementes, arquejantes,

Vão, lambendo as feridas gottejantes,

Morrer á sombra da floresta escura! (81)

O coração generoso do poeta não podia deixar de se confranger ante o espectáculo

tremendo da tremenda escravidão! E', pois, assistindo ás espantosas scenas dessa tragedia sangrenta que a sua potente mentalidade se reveste de todas as energias geriaes, para fulminar com látegos de luz dardejante os modernos mercadores do templo da civilisação.

Não conheço, em lingua vernácula, sob os limites brônzeos do verso, e verso subjugado ás imposições da rima, pintura mais palpitante, coloração mais viva, figuras em attitudes mais salientes e destacadas do fundo sombrio da tela, talhadas pelos largos moldes de Buonarotti, do que esse quadro dantesco da *Tragedia no Mar*. (82)

O maior elogio que se pode fazer ao *Navio Negreiro* ou ás *Vozes d'Africa* é transcrevel-os, mas transcrevel-os na íntegra, sem falta de uma estrophe, de um único verso, tal a sua perfeição artistica, a originalidade das imagens, a precisão dos vocábulos; oh! que successão contínua de hypérboles! que opulencia de antitheses!... que desfilar disciplinado de gigantes, em grande uniforme, na

9

legião maravilhosa do exército victorioso de versos heróicos !...

O *Navio Negreiro*, em pleno mar, onde brinca doudo o luar como uma borboleta dourada, enquanto os astros saltam do firmamento como espumas de ouro, e as arden-tias accesas são as constellações do thesou-ro líquido...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo, si é tão grande o espaço !
Neste Sahara os corceis o pó levantam...
Galopam, voam... mas não deixam traço !

Bem feliz quem alli pode nest' hora
Sentir deste painel a magestade:
Em baixo o mar... em cima o firmamento...
E no mar e no céu — a immensidade !

Homens do mar! O' rulos marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos !
Crianças—que a procella acalentara
No berço destes pélagos profun los !...

.....

Porque foges assim, barco veleiro?
Porque foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar—doudo cometa! (83)

Deseurolam-se d'ahi por diante as scenas
assombrosas de uma nova tragedia shacks-
peariana, onde parece que Hugo é o contra-
regra e Byron o principal personagem:

Era un sonho dantesco!... O tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar!...
Tinir de ferros, estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dansar!...

Negras mulheres, suspendendo as têtas,
Magras crianças, cujas boccas pretas
Rega o sangue das mãis:
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ancia e máguas vãs !

E ri-se a orchestra irônica, estridente...
E da ronda phantástica a serpente
Faz doudas espiraes...
Si o velho arqueja... si no chão resvala,
Ouvem-se gritos, o chicote estala...
E vôam mais e mais !

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança alli...
Um de raiva delira, outro enlouquece;
Outro, que de martyrios embrutece,
Cantando, geme e ri !...

No entanto o capitão manda a manobra,
E após, fitando o céu — que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz, do fumo entre os densos nevoeiros:
—«Vibrai rijo o chicote, marinheiros,
Fazei-os mais dansar ! » (84)

Seguem-se outras estrophes, todas do mesmo vigor e com as mesmas bellezas, até que

finalmente o poeta do captiveiro, transfigurado em propheta do abolicionismo, interroga:

Quem são estes desgraçados,
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a furia do algoz ?
Quem são? Si a estrella se cala,
Si a vaga oppressa resvala,
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, — audaz ! (85)

E a Musa, *libérrima e audaz*, lembrando o Verbo Creador que primeiro boiou nas aguas, responde, num tom de voz que ha de ecoar em toda a eternidade:

São os filhos do deserto
Onde a terra espósa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribu dos homens nús.
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados

Combatem na solidão!...
Hontem: simples, fortes, bravos...
Hoje — míseros escravos,
Sem ar, sem luz, sem razão!

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também;
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe, vêm!
Trazendo, com tibios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma—lágrimas e fel...
Como Agar soffrendo tanto,
Que nem o leite do pranto
Tem que dar para Ismael!

Hontem — a Serra Leôa,
A guerra, a caça ao leão;
E o somno dormido á tôa
Sob a tenda da amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, immundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E um baque de um corpo ao mar!

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Si é mentira... si é verdade
Tanto horror perante os céus?!
O' mar! porque não apagas
Com a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?!...
Astros! Noites! Tempestades!
Rolai das immensidades!
Varrei os mares, tufão! .. (86)

Depois... mas as cores nacionaes são prophanadas na flâmula que se agita no alto do mastro... Oh! não é possível!... Aquellas cores são da nossa bandeira, a bandeira que os soldados de Osorio desfraldaram nos campos do Paraguay!

Auri-verde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as divinas promessas da esperança! (87)

Ah! filho desta patria, que não sabe que uma bandeira deve ser conservada pura como

um véu de noiva diante dos altares illuminados para o juramento do esposo, porque não poderei repetir a indignada apóstrophe do atrevido poeta?...

—Bandeira da minha patria! e houve quem te emprestasse para cobrir tanta infamia e cobardia?!... Bandeira da minha patria! que durante esse festim de sangue te transformaste em manto impuro de bachante fria!... Bandeira da minha patria...

Antes t'houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha! (88)

Ouvindo as *Vozes d'Africa*, vê-se de um só golpe de vista a Europa, com todo o esplendor da sua civilisação; a Asia, no seu somnambulismo de indolencias levantinas; a Africa, «esse Prometheu amarrado por Deus á penedia do deserto, tendo a terra de Suez por algema e o sol por abutre»! e... doloroso é repetil-o! a América...

Condor—que se transforma num abutre,
Ave da escravidão! (89)

Ouçamos mais alguns lamentos das Vozes
d' Africa :

Minhas irmãs são bellas, são ditosas . . .
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas
 Dos harens do Sultão;
Ou no dorso dos brancos elephantes
Embala-se — coberta de brilhantes—
 Nas plagas do Indostão.

Por tenda tem os cimos do Hymalaia . . .
O Ganges amoroso beija a praia
 Coberta de coraes . . .
A brisa de Mysora o céu inflamma,
E ella dorme nos templos do deus Bhrama,
 Pagodes colossaes !

Europa é sempre Europa, a gloriosa!
A mulher desumbrante e caprichosa,
 Rainha e cortezã!
Artista—corta o marmor de Carrara;
Poetisa—tange os hymnos de Ferrara,
 No glorioso afã!

Mas eu, Senhor! Eu, triste, abandonada,
Em meio dos desertos esgarrada,
Perdida marcho em vão!
Si choro... bebe o pranto a areia ardente,
Talvez p'ra que meu pranto, ó Deus elemente
Não descubras no chão!

E nem tenho uma sombra de floresta
Para cobrir-me, nem um templo resta
No solo abrasador ..
Quando subo ás pyrâmides do Egypto,
Embalde aos quatro céus, chorando, grito:
«Abriga-me, Senhor! (90)

Já vai longo este trabalho e ainda me falta dizer muito sobre a curta vida e grandes obras do poeta; não me é permitido, por isso, espriar-me em citações, o que sinto, pois o maior elogio que se pode fazer ás *Vozes d'Africa* é repetir os seus cem versos, cada qual mais bello, um verdadeiro centenario de diamantes da mais pura agua, em cujas arestas, caprichosamente facetadas, se reproduzem todas as irradiações do iris.

XII

Castro Alves, quando passou da Bahia para S. Paulo, demorou alguns dias no Rio de Janeiro, onde foi alvo de uma verdadeira apothese. A imprensa fluminense foi unânime em consagrar-lhe as mais ruidosas homenagens. José de Alencar e Machado de Assis saudaram-no com os mais encomiásticos dizeres; Augusto-Emilio Zaluar offereceu-lhe um banquete; os mais eminentes homens de letras reuniram-se para assistir á leitura do seu drama *Gonzaga*, que produziu delirios de enthusiasmo, lido por elle, da maneira por que só elle sabia ler e recitar as suas producções.

Essa leitura foi recebida com uma salva de palmas do auditorio, que era composto dos mais considerados literatos e politicos do tempo, unánimes em considerar Castro Alves, desde esse dia, como um dos nossos primeiros dramaturgos.

O Sr. Alexandre Herculano Ladisláu, analysando esse drama, diz (*Diario da Bahia* de 7 de Agosto de 1871) : — « Acaso effeito de uma visão, que se ergueu entre as múltiplas aspirações generosas de sua juventude, idealizou um drama, ou antes um poema, *Gonzaga, ou a Revolução de Minas*.

Bem pode ser que os archaistas de filigranas rhetóricas me critiquem por qualificar de poema a uma producção em prosa. Paciencia! *Hic non est locus*. Já vai longe o tempo de discutir taes assumptos, dêz que o *Telémaco* e *Os Mártires do Christianismo*, foram collocados na galeria dos poemas.

O assumpto do drama foi a malfadada revolução de Minas no descambar do século passado, foi o primeiro rugido de liberdade

nas plagas do Imperio do Cruzeiro (91). Si fôramos ainda nas pristinas éras do classismo; si de ha muito não surgira a revolução do romantismo, que veio quebrar os moldes aristotélicos, para poder o adventor salvo-conducto, o *Gonzaga* deveria trajar o verso solto, como a *Ignez de Castro*, ou o alexandrino de *Cromwell*.

Felizmente agora *La Motte* não poderia ser epigrammatisado por *Voltaire*, por ter tirado, abusando talvez da licença do velho mestre, da *Arte-poética*, á tragedia os altos cothurnos, dando-lhe as alpargatas plebéas da prosa; e pois não pode o auctor do *Gonzaga* ser censurado por ter trocado no drama histórico a harmonia das rimas e da medida, pelas vestes, com que se apresentou ao público.

A prosa de *Castro Alves* em seu drama é talvez mais poética do que poderiam selo seus versos. Com effeito, o estylo original, brilhante, muitas vezes sublime, de que se serviu o joven literato, impossivel seria encarceral o em estrophes. Ha nelle a magia

esplendorosa de uma imaginação ardente e vivaz, como o primeiro affecto nobre de um coração juvenil.

Gonzaga é um monumento. E' o Jano da moderna literatura dramática. Quem olha para uma de suas faces — a plásticamente literaria, fica maravilhado. Quem olha para outra — a psychologicamente artistica, fica absorto. Duplo êxtasis ! a literatura brasileira não tem composição histórico-dramática, que suporte a confrontação, quanto mais que lhe exceda ».

Eis um fragmento da scena X do primeiro acto do *Gonzaga* (92) :

MARIA

Amar-te !... Mas eu sou o peito, tu és o ar; eu sou o ninho, tu és o pássaro; eu sou a lagôa, tu és o céu; eu sou a alma, tu és o amor. Amar-te, meu Deus ! mas é tão máu perguntar-me estas loucuras !

Ah ! meu senhor, tu és um homem, podes ser um heróe; tu és um homem, podes ser um genio; tu és um homem, podes ser um

rei ! e eu sou uma mulher : meu heroísmo é ver-te, meu genio é escutar-te, minha corôa é o teu amor !

Mas eu estou dizendo-te mil loucuras. Tudo isto não diz nada... Tu perguntas-me si eu te amo. Ah ! eu sou uma pobre órphã, mas quando á noite murmuro baixinho o nome de minha mãe, pergunto á minha Virgem que palavras é que eu suspiro como o hálito de minha alma ! E' teu nome...

Tu não sabes o que é um amor de Americana ? E' alguma cousa grande como estas florestas, sombrio como estas brenhas, ardente como as flores escarlates do sertão, luminoso como o sol dos trópicos. E' alguma cousa que entumesce o coração, alguma cousa que illumina a cabeça. Não o sentes aqui ? (*leva a mão ao coração*). Não o sentes aqui ? (*Leva a mão á cabeça*).

GONZAGA

Oh ! Maria, meu anjo, eu o sinto... mas precisava ouvir-te, agora. Tu não sabes quanta força ás vezes nos dá uma voz fraca de

mulher... é alguma cousa flexivel como a canna dos brejos, que ameiga a face do rio nas horas da enchente...

...eu soffro... Vejo nossa patria escravizada, nossos irmãos captivos e tu, Maria, e tu sempre arrancada de meus braços... por esse poder estúpido da metrópole...

Ves bem ? tu não sabes que horas de Desalento me passam então no espirito... Corre-me um suor de vergonha no rosto, um frio de morte no coração e minha espada de cavalleiro tressua sangue na bainha... e eu desmaio de abatimento. Oh ! mas quando eu te escuto...

MARIA

E eu não sou mais que uma pobre mulher. Dizem que as mulheres são a fraqueza. E' mentira. Não ha nada tão forte quanto uma mulher que ama. Eu tremo ao menor ruído; para que mentir? Sou tímida e medrosa, mas ao pé de ti eu desafiaria o mundo !

GONZAGA

minha noiva! Ouves bem? minha noiva.

MARIA

Sim; chama-me assim... Parece que me vibrou agora na alma a aza de um cysne branco fugitivo!... Fala! Fala! Como o céu está puro! como os campos estão lindos!... Maio enfeitou-se de flores para o nosso noivado. Deus olha-nos na limpidez deste céu azul. Oh! como eu sou feliz!... Fala, fala! Gonzaga!...

GONZAGA

Maria, tu és um anjo.

MARIA

Oh! não, os anjos não sabem amar como eu te amo. Ouves bem? eu te amo! Meu Deus! eu não sei dizer outra cousa. Olha, ha pouco eu tive medo; mas agora já estou forte. Que me importa o Visconde? O corvo tem medo da aguia, e tu és a aguia, meu amor.

GONZAGA

Porque tu és o sol, meu anjo! (*Cai de joelhos e dá-lhe um beijo na mão.* *Às última*

palavras de Maria, o Governador e Silverio têm entrado).

—

Eis outro fragmento, da scena XII do terceiro acto :

TIRADENTES

Oh! nossa patria foi vendida! e em que momento! quando a revolução levantava a cabeça, quando a América despertava, quando eu sentia o vagido do futuro nas fochas da liberdade, quando íamos agarrar o fogo sagrado como o Prometheu escalando o céu! Sonho sublime! despertar tremendo! O povo vai gemer ainda no captiveiro! os vampiros vão beber a última gotta de sangue desta nobre terra... e as selvas seculares, que viram o homem primitivo atravessar as bre-nhas no trilho da onça bravia, vão ver agora o tigre estrangeiro correr á cata da pobre raça brasileira. E os rafeiros ham de dilace-rar-lhe a pelle como a besta brava! Raça desgraçada! Deus nos fadou para a liberda-de, — temos a escravidão... deu-nos o ocea-

no, — temos a masmorra... deu-nos os Andes, — temos a força! Eis tudo que nos resta!...

GONZAGA

Pois bem, senhores, é ainda alguma coisa. Nós temos o cadafalso... é quanto nos basta! O cadafalso!... mas é um pedestal. Para o tyranno ali o martyr levanta-se como um phantasma, para o captivo como um Christo. O cadafalso!... Os homens pensam que levantaram um parâpeito sobre o nada; não, levantaram um degráu para o céu... e lá de cima, e lá do alto, como a aguia que rola morta do tópo de seu rochedo, como a avalanche que desaba do cimo dos Alpes, será grande, soberbo, gigantesco o tombar das cabeças revolucionarias nos braços do povo, o espadanar do sangue dos titães na face dos tyrannos! Sim, não nos deixaram viver para o patria, morreremos por ella... Meus amigos, neste momento solemne nós escutamos um rumor sublime. . E' o futuro que nos sorri... E' uma campa e um berço: — campa

enorme de nossos avós escravos, que nos diz : — « Vingai-nos ! » — berço enorme de nossos filhos, que nos diz : — « Libertai nos ! » — Saibamos morrer, entre estes dois concertos divinos, um da aurora da vida, outro da aurora da eternidade ! Morramos !

MARIA

Morrer ! morrer !... Eis tudo o que eu alcancei para ti... Morrer !...

GONZAGA

Ah ! (*recua e encosta-se a uma columna*).

CLAUDIO

Morrer... (*Aproximando-se de Maria*). E por que não ? Escuta, bello pagen. Tu vais ver que a morte não é tão feia como se pinta. Sabes a historia de Roma ? Talvez não, mas vais conhecer quanto perdeste. Dize-me cá, nunca ouviste falar no banquete da morte que aquelle soberbo povo dava aos condemnados ? pois bem, escuta, é o meu segredo. (*Fala-lhe baixo*). Então, ainda tens medo de morrer ?

MARIA

Morrer... (*como que acordando*). Mas eu não quero que elle morra! (*Atira-se a Gonzaga*).

CLAUDIO

Mas tu disseste que todos estávamos perdidos.

MARIA

Todos, menos elle; porque... ouvi bem, talvez d'aquí possa sair um homem, mas um só: e este homem será Gonzaga. Ah! vós falais, falais, falais, e quando eu penso que tudo isto vai concluir num meio de salvação, terminais com estas palavras: — Morramos! Pois bem, morramos; mas que elle se salve! .. Não é verdade, meus senhores, que elle deve partir, que deve sair neste instante?... E eu que lhe tinha dito isto, mas elle não quer... tem a loucura de tentar contra a sua vida, a maldade de esquecer o meu tormento! Mas os senhores são bons, são seus amigos, peçam-lhe por mim que fuja. Oh! por piedade! Para que uma cabeça de mais no cepo do carrasco? Emfim, bem se vê que eu tenho razão... peçam-lhe que vá, peçam-lhe... (93)

XIII

Em Março de 1868 matriculou-se no terceiro anno juridico, da Academia de S. Paulo, onde se demorou até fins de 1869. José Bonifacio, que era um dos lentes, offerecia-lhe o braço quando saiam da Academia. Carlos Ferreira e Ramos da Costa, os mais festejados poetas do sul, acclamaram-no o mestre da mocidade; Ferreira de Menezes e Joaquim Nabuco, jornalistas e oradores de nome já conquistado, rendilharam com os mais vibrantes adjectivos o estylo de seus eloquentes discursos e bellos folhetins em louvor do poeta victorioso.

Até ali a mais vigorosa saude parecia pro-

metter-lhe largos annos de vida. Robusto, bello, cheio de mocidade e de talento, era realmente um rapaz invejavel. Esse rápido período da sua atribulada existencia faz lembrar a mocidade de Goethe.

Diz um biógrapho do venturoso poeta do *Fausto*:— « quando Goethe vai ao theatro, vestido de grego, me parece o deus Apollo ». Outro, depois de lhe chamar o *Júpiter de Weimar*, diz que elle « gosando o apogêu de sua belleza physica e intellectual, lendo suas poesias perante a côrte e fingindo continuar a ler quando improvisava, a todos captivava, até chegar ao ponto de dizer Wieland que o Diabo e Goethe não eram mais do que uma única pessoa, comparando o depois com os deuses da antiguidade ». Sua propria mãe, vendo-o um dia a patinar sobre o gelo, com o manto a voar-lhe dos hombros na rapidez da carreira, exclamou:—« O meu filho parece-me o filho dos deuses ! »

Mas Goethe foi feliz nos amores até á morte, e, si não amou muito, em compensação amou a muitas... O amor, o *eterno femi-*

nino, povoou-lhe a existencia inteira. De um sensualismo pagão, entregou-se a todas as loucuras da volupia, sendo sempre cruel; e assim passou da intimidade de Mme. Klettenberg para os braços das duas filhas do mestre de dança de Strasburgo; e dos braços destas para os de Frederica, alma generosa ! que se resignou, altiva e digna, depois de abandonada, dizendo: « que era o seu poeta muito nobre, para se sacrificar a ella, e que era ella tambem bastante nobre para não pertencer a outro homem depois de ter sido amada por elle ! »

Amou mais tarde á condessa de Stolberg e á Mme. Stein, uma respeitavel baronesa, que se julgou no direito de provocar escândalos, com ciumes da trágica C. Schoeter e até mesmo da grã-duqueza Luisa... O seu temperamento tinha necessidade imprescindivel dessa volubilidade, que lhe inspirou as mais bellas poesias. Ha na vida do poeta uma certa fatalidade « arrastada talvez pelos cavallos do sol e do tempo » segundo a sua phrase (symbolizando o seu insaciavel anhe-lo

de infinito no tempo e no espaço), que o obriga constantemente a se engolfar mais e mais em múltiplos elementos, até encontrar o manancial inexgotável da poesia.

Voltando ainda aos amores de Goethe, enamorou-se elle de uma dansarina, em Venesa; de uma formosa donzella de Milão, á qual se offereceu para lhe ensinar o inglez, e que lhe inspirou a interessante poesia o *Amor pintor de paisagens*; e apaixonou-se profundamente por Christiana Vulpius, —joven filha de um livreiro, que foi sua amante dezeseite annos, provocando a censurã de todos, até mesmo a de Schiller, (94) o que Castro Alves veio fazer mais tarde por amor da sua *Dama Negra*, quasi cortando relações por este motivo com o seu melhor amigo, Augusto Guimarães.

Goethe, finalmente, legitimou a sua união com a Vulpius, servindo-lhe de testemuhas seu secretario Riemer e seu filho Augusto (!); e para varrer a dupla offensa feita a si proprio e á sociedade, apresentando sua esposa aos amigos, dizia-lhes:—« Foi sempre minha

mulher ». A amante de Castro Alves, porém, não se tornou digna de vir a merecer o nome do homem que tão generosamente lhe dera o seu coração. Também a outra, na phrase biblica, só conhecera Goethe...

Somente a singular castidade de um filho de Deus pode purificar a alma de uma triste Magdalena. As *Damas das Camélias* e as *Luciolas* só se regeneram na imaginação dos poetas. Na vida real, o primeiro passo no declive do vicio é o rochedo de Sisypho rolando da montanha...

A actriz, que em Pernambuco, na Bahia e no Rio de Janeiro, vivera exclusivamente para o seu poeta, em S. Paulo, allucinada talvez pela vertigem das alturas da gloria em que o via, radiante de felicidade, quem sabe si não foi o instrumento inconsciente do destino, encarregado de provar que a ventura é uma ave errante, que só passa por nós voando, mas tão alto, que a não podemos prender, nem mesmo depois de ter ella pou-sado por alguns instantes no ninho quente de um coração apaixonado ? ...

Castro Alves, não podendo mergulhar no abysmo do esquecimento a recordação dessa mulher desleal... afastava-se habitualmente do centro da cidade, a pretexto de distrair-se; e, de espingarda a tiracollo, seguido apenas do seu cão de caça, perdia-se solitário campo fóra...

Numa dessas excursões (1869) pelos arrabaldes, ao transpor um vallo, o movimento brusco do salto fez disparar a arma, e a carga feriu-o gravemente no pé esquerdo. A muito custo conseguiu arrastar-se até a habitação mais próxima, de onde o levaram para a casa de sua residência. (95).

Além da grande perda de sangue, que soffrera durante o trajecto, teve que supportar uma dolorosa operação, a que sobreveio abundante hemorrhagia. Era então presidente da provincia de S. Paulo o visconde de Ibituruna, médico clínico actualmente residente no Rio de Janeiro.

Collega do pai do poeta, além de seu admirador, o illustre médico procurou diminuir-lhe as dores, evitando quanto possivel a am-

putação; o ferimento apresentava alternativas, tornando-se necessarias novas operações. Ainda novamente o operador evitou cortar-lhe o pé. Novos symptomas, de certa gravidade manifestaram se, o estado de fraqueza do enfermo augmentava dia a dia, e a gangrena appareceu no calcanhar.

Seguiu Castro Alves para o Rio de Janeiro, onde o distincto Dr. Matheus de Andrade se prestou a fazer a operação. (96) Castro Alves portou-se com uma coragem admiravel. Já então o seu estado de fraqueza tinha provocado algumas hemoptyses. Não era prudente chloroformisal-o. Enrolou um lenço, e mordendo-o, sem desprender um gemido, supportou a dolorosissima amputação do pé, pelo tornozelo.

Alguns mezes guardou o leito, no lar hospitaleiro do seu amigo Luis Cornelio, que morava então á rua Silva Manuel, até que finalmente pode voltar á terra do seu nascimento, « silencioso e alquebrado... trazendo por única ambição— a esperança de morrer entre os seus >... (97)

De chegada a esta cidade, era tal o seu estado, que os médicos lhe aconselharam, sem perda de tempo, os ares restauradores do campo. Partiu então para o Currálinho, onde havia passado os mais alegres dias da sua infância.

Foi lá que colleccionou as bellas poesias do seu primeiro e único livro que chegou a ver publicado, o admiravel volume das *Espumas Fluctuantes*, de cuja edição se encarregou Augusto Guimarães. Encontro a prova disto nos seguintes tópicos de uma das cartas de Augusto a Castro Alves:

«*Meu charo Cecéu.*

« 29 de Julho de 70.

« Soube hoje em tua casa, de volta da missa fúnebre do que havia amanhã portador guro para ahi. Apresso-me, pois. . . . escrever-te. (98)

« Recebi tua carta de 19 de Julho ha tres dias, tive com isso grande prazer, apesar de não me dares conta da tua saude.—Que queres ? E' a primeira carta que de ti recebo

ha mais de dois annos... (99) Foi pois tua carta um acontecimento.

«Recebi tambem tuas poesias.—Estão muito boas, especialmente *Os Perfumes*—offerecida á L*... Fiz já todas as correccões, additamentos, etc.

«Ainda não passou vapor para poder remetter os prospectos ás pessoas que indicas. Já havia mandado para o Recife ao Amancio, e ao Plinio, (100) para o Rio de Janeiro ao Cornelio, (101) e a diversos, para S. Paulo ao Américo Brasiliense, para Cachoeira ao Prisco e ao Car.... em Santo Amaro deve ter ido para Santa Izabel
.....oje não tencionava ir á tua c....da não levei os teus versos, n....quei de Guilherme (102)

.....ve-me até porque desejo saber onde estás. Já que vais fazer uma viagem de 22 léguas, é porque estás muito melhor dos teus encômmodos. (103) Deus o permita. Nisso vai grande interesse e grande gloria para os teus e para a patria, que não tem tantos Castro Alves que possa dispensar um.

«Não corra isto pedra de pilheria, como dizia o G. de S. . . sua these). Dizes que em fins de Agosto até os primeiros dias de Setembro estás aqui, tenho por indispensavel tua vinda. Não recebi nem papeis do Guilherme nem cartas para tua familia.

«.....
.....
agora, que estou respondendo á tua carta, vamos ao teu livro:

«Não vão páginas ou folhas completas, porque ainda não ha nenhuma. Comprei um papel excellente e muito caro, melhor, como já te disse, que o da edição do Alvares de Azevedo. Mas. tinha somente 400 folhas, o que fazia necessarias 48 resmas ou 50 para a obra toda. Andava só o papel em mais de conto de réis, porque esse papel é despachado na Alfândega como papel de escrever e não de impressão, o que faz pagar de imposto mais de 300 rs. por kilogramma.

«A' vista disto deliberei comprar papel de 1ª d'agua, por preço muito menos, com o que sairá a edição muito bonita, de luxo

até; e mandei tirar uns..... exemplares no papel de..... dares de presente ou..... teu gosto pelas edições bonitas. Fiz bem? O Franco approvou muito o que fiz e acha que a edição assim sai muito bonita. (104)

«Estão já compostas e correctas 14 poesias e si já não ha umas 5 fôrmas promptas ou 40 páginas é por causa do papel, que fez demorar alguns dias, em procura pelas lojas.

Esta nossa boa terra em materia de typographia e de tudo quanto diz respeito a letras está extraordinariamente atrazada.

«No fim de Agosto, o mais tardar, está tudo prompto e mandado aos quatro cantos da terra. Devo-te observar que não me mandes mais poesias para as *Espumas*; com as 49 que mandaste, ha 55, excluindo o *Fragmento*, tão bonita e tão pequena, as *Palavras de um Conservador*, e as *Horas de martyrio*, aliás muito bonitas, e que eu tencionava mandar datar da cella de S. Francisco, onde foram feitas. (105)

«Si o volume assim tornar-se, como supponho, de mais de 200 páginas, (106) eu lem-

bro-te que seria bom tirar a traducção de V. Hugo *A Olympio*, que, comquanto muito bonita, leva 16 páginas. O prólogo está composto, mas mandei demorar, porque tenho a te observar uma cousa:

«Lembras-te de uma das *meditações* do *Eurico* ? Diz pouco mais ou menos: «Era por uma dessas tardes saudosas de estio, em que o brilho de um sol sem mancha é... etc... em que o gemer das ondas nas ribas frago-sas do oceano é absoluto e *tétrico*». (107)

«No começo do teu prólogo o período, além de ter a mesma construcção, tem essa última palavra sublinhada, com que termina, como o período do *Eurico*.

«Ora isso, que passa de uma recordação, ou de uma coincidência, si tanto, para os zoilos poderá ser mais. Sabes que quanto maior é uma gloria, mais são os invejosos; quanto mais merecimento se tem, cresce mais o número dos detractores.

«De um, já teu conhecido, (O tal O. O. O.) (108) dizem-me que se prepara para atacar-te, e eu para *pulverisal-o*, e digo-o sem orgulho,

que, como sabes, não ha quem o tenha menos do que eu. Mas em tua defeza quem não se elevará e muito ?

«(*Não corra pedra de pilheria ainda*) . . .

«Acho bom que mandes o principio do prólogo. Escreve me portanto com urgencia e muita urgencia. Não convem que a obra fique concluida, mas sem poder sair por falta de prompta resposta tua. Quanto a assignaturas, vão bem. O Chico (109) tem mais de 60, eu mais de 150, e ha dias, por muito occupado, tenho me descuidado em obter mais.

«Vai uma carta de Cornelio. Suppuz que fosse negocio sobre a publicação e abri-a. Desculpa, demais não sou um *alter Castro* ? (especialmente agora, que sou teu procurador, e que já recebi um elogio de um typographo:—«Sr. Alves, me disse elle, suas poesias são soberbas!»—escusado é dizer-te que declinei da honra e da gloria (porque não quero roubal-as a ninguem).

«Pela 50ª vez repito-te:—Escreve-me, escreve-me! Agora que estás passando um mez de *chambre*, podes com encômodo menor dar-

me notícias tuas e responder miudamente o quanto te digo.

«O Mello publicou uns excerptos de literatura nacional, onde vêm muitas poesias tuas, dizem que o livro é offerecido a ti; não sei, porque ainda nem o vi. Tudo chega aqui na Bahia—tão tarde! De outra vez serei mais extenso. Por ora peço-te que me EsCREVAS. Vai em letra bem grande para ferir-te a vista.

«Teu amigo muito do coração

«Augusto».

Esta carta é o documento mais eloquente da profunda e intima estima que ligou Castro Alves a Augusto Guimarães. Outros poetas tiveram grandes amigos, nenhum encontrou na amizade mais extremos de dedicação.

Alvares de Azevedo teve Silva Nunes, (110) a quem escreveu:—«Emquanto aqui dentro do peito me bater quente o coração, teu nome acordará nelle uma pulsação; emquanto hou-

ver vida em minha alma haverá nella uma lembrança tua».

Gonçalves Dias, que comprehendeu o sentimento da amizade ao ponto de dizer que «seus prazeres foram só seus amigos, seus amores haviam de ser no mundo elles somente», encontrou—em Henrique Leal, (111) uma dedicação que ultrapassou o túmulo, lhe publicando as *Obras Pósthumas*, e fez erigir o monumento que se levanta na principal praça da cidade de S. Luis.

Junqueira Freire teve Rebouças, (112) que prematuramente o precedeu no túmulo, como se vê em uma das elegias das *Inspirações do Claustro*, ao qual escreveu num dos primeiros dias do seu noviciado :

- «Tu porque não me escreves? Já te esqueceste de mim, não é assim? Pois eu ainda não me esqueci de ti. Olha: todos os dias que Deus dá, apenas acordo para o côro e toca um pesado e grave sino, chamando-nos a matinas,—sabes a que horas? ás quatro da madrugada, quando ainda não raia um mínimo raio do sol, eu logo surjo,

é verdade: ponho-me de joelhos, mas não posso rezar: súbito um pensamento poderoso me sobe á mente, que me tolhe as demais faculdades minhas, que me aviva saudosamente as lembranças de minha mãe e de meus amigos em seguida: e eu nellas páro e estúpido me conservo »...

Varella teve Ferreira de Menezes, que no prólogo do seu livro *Cantos e Phantasias* burilou o poema da sua amizade, nascida na risonha infancia de ambos e religiosamente mantida na mocidade, até que a morte os separou, com 5 annos de intervallo entre os túmulos onde desapareceram tão cedo. Ferreira de Menezes, porém, sobreviveu-lhe o tempo preciso para resguardar-lhe a memoria dos botes traiçoeiros e vampyricos de seus invejosos detractores pósthumos.

Castro Alves, neste ponto mais feliz que todos os outros, teve a dedicação incondicional de Augusto Guimarães, essa alma verdadeiramente digna de ser amada pelo maior poeta da sua patria.

XIV

Com as intermitências características de uma das mais traiçoeiras enfermidades, a tuberculose, que lentamente lhe ia esburacando os pulmões, Castro Alves ora melhorava, de maneira a despertar as mais justificadas esperanças, ora recaía, aterrorizando a família, os amigos e os admiradores, que eram quantos o conheciam e todos os que liam os seus versos. Até mesmo os Tobias e os Belarminos!...

E' então que Castro Alves, comparando o seu livro á pomba d'alliança que vóa sobre as aguas do diluvio em busca de um signal de terra... nos seguintes versos

traduz o fundo sentimento que lhe escurecia a alma:

Pobre órfão! Vagando nos espaços
Embalde ás solidões mandas um grito...
Que importa? de uma cruz ao longe os braços
Vejo abrirem-se ao mísero precito !...
Os túmulos dos teus dão-te regaços,
Ama-te a sombra do salgueiro afflicto...
Vai, pois, meu livro! E como ramo agreste
Traze no bico um ramo de... cypreste! (113)

A idéa da morte, que por mais de uma vez lhe roçara pela fronte como uma aza negra, nunca mais lhe abandonou o leito, povoado de sonhos funestos e húmido dos suores frios das insomnias cheias de lágrimas e espantos! ..

Não é por mera imaginação que se pode escrever versos como estes :

Eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terrivel me devora a vida:
Triste Ashaverus, que no fim da estrada
Só tem por braços uma cruz erguida.

Sou o cypreste, que inda mesmo flórido,
Sombra de morte no ramal encerra!
Vivo—que vaga sobre o chão da morte,
Morto—entre os vivos a vagar na terra. (114)

Uma joven, pura e linda, que nunca saíra do pequeno povoado do seu nascimento, moradora das proximidades do Currálinho, viu o bello poeta moribundo e amou-o. A indiferença de Castro Alves, cujo estado de saúde não lhe permittia imaginar que ainda pudesse inspirar amor ás mulheres, levou a tímida menina a declarar-lhe o seu amor, com a vehemencia das almas simples e das organizações meridionaes.

A historia desse idyllo dos seus últimos mezes de vida acha-se admiravelmente synthetizada na bellissima poesia (que conservo em autógrapho) escripta no Currálinho, em 29 de Abril de 1870, de que transcrevo as seguintes estrophcs :

.....

—Pálido moço! Um dia tu chegaste
De outros climas, de terras bem distantes...
Era noite!... a tormenta além rugia...
Nos abets da serra a ventania
Tinba gemidos longos, delirantes.

Uma busina restrugiu no valle
Junto aos barrancos onde geme o rio...
De teu cavallo o gallop soava,
E teu cão ululando replicava
Aos surdos roncões do trovão bravio.

«Entraste. A loura chamma do brazido
Lambia um velho cedro crepitante.
Eras tão triste ao lume da fogueira...
Que eu derramei a lágrima primeira
Quando enchuguei teu manto gottejante!

.....

Queres voltar a esse paiz maldito
Onde a alegria e o riso te deixaram?
Eu não sei tua historia... mas que importa?
...Boia em teus olhos a esperança morta,
Que as mulheres de lá te apunhalaram!

«Não partas, não! Aqui todos te querem.
Minhas aves amigas te conhecem.
Quando á tardinha volves da collina,
Sem receio da longa carabina,
De lagedo em lagedo as corças descem !

Teu cavallo, nitrindo na savana,
Lambe as húmidas gramas em meus dedos.
Quando a *fanfarra* tocas na montanha,
A matilha dos êcos te acompauha
Ladrando pela ponta dos penedos.

«Onde vais, bello moço? se partires
Quem será teu amigo, irmão e pagem?
E quando a negra insomnia te devora,
Quem na guitarra, que suspira e chora,
Ha de cantar-te seu amor selvagem? (115)

E' tarde! responde lhe o misero, não ou-
sando querer que essa vestal se expuzesse
a «tropeçar nas pyras do templo de sua alma,
em cujo altar já não ardia mais o fogo san-
to»... Além disso, a lembrança teimosa da
funesta *Dama Negra* não lhe saía da memoria,
assoberbada pelas saudades, e nua de espe-

rança !... Só mesmo com tinta de lágrimas
é que se pode transmittir ao papel estes
pedaços de vida :

Ah! não queiras os restos do banquete !
Não queiras esse leite conspurcado!
Sabes ? meu beijo te manchara os labios
Num beijo profanado,

Como o temp'lo, que o crime encheu de espanto,
Ermo e fechado ao fustigar do norte,
Nas ruinas dest'alma a raiva geme !.
E cresce um cardo, a morte !

Ciume ! dor ! sarcasmo ! — Aves da noite !
Vós povoais-me a solidão sombria...

.....

Mas não! Somente as vagas do sepulchro
Hão de apagar o fogo que em mim arde...
Perdoa-me, Senhora ! Eu sei que morro...
E' tarde ! E' muito tarde ! (116)

Somente o desalento de quem já nada es-
pera, na idade em que os mais começam a

aspirar tudo, é que pode produzir versos como estes :

Um adeus ! e depois morra no olvido
Minha historia de luto e de martyrio...

..... si a fibra morta
Reviver já não pode a tanto alento,
Companheiro ! uma cruz na selva corta
E planta-a no meu tosco monumento ... (117)

Parece que um Genio do Mal persegue até anniquillar na flor dos annos os nossos melhores poetas!... Alvares de Azevedo expira com 20 annos de idade, murmurando:— «*Que fatalidade, meu pai!*» —depois de escrever estes versos:

«Lujejo as flores que murchando morrem
E as aves que desmaiam pipillando
E expiram sem soffr...
As minhas veias inda ardentes correm,
E na febre da vida agonisando
Eu me sinto morrer!» (118)

Casimiro de Abreu morreu com 22 annos, dizendo:

« Tenho pena... sou tão moço,
A vida tem tanto enlevo !
Oh que saudades que levo
De tudo que eu tanto amei! » (119)

Junqueira Freire, expirando com 23 annos, soluçava :

Olha-me, ó virgem, a face,
Olha-me os olhos sem luz...
A palidez do infortunio
Por minha fronte transluz;
Olha, virgem, não te illudas:
Eu só tenho a lyra e a cruz! » (120)

Castro Alves morre com 24 annos de idade, depois de prolongados soffrimentos, com uma resignação admiravel.

Antes, porém, de descrever essa agonia de gigante, cumpre-me lembrar que o mesmo mysterio que parecia querer envolver o dia e o logar do seu nascimento, voltou teimo-

so a querer estender o seu pesado manto sobre a data do seu fallecimento.

O meu illustre e saudoso amigo Guilherme Bellegarde, (121) na sua *Conferencia* (citada no segundo capitulo deste trabalho) referindo-se á data da morte de Castro Alves, cita um tópico da carta que nesse sentido lhe dirigiu o nosso commum amigo Rangel de S. Paio, então presidente do *Gremio Castro Alves*, o qual, sem a rigorosa precisão que se deve empregar em laes consultas, disse:

—«A hemoptisis appareceu, a tísica pulmonar veio pouco depois e o túmulo abriu-se para recebê-lo em 10 de Julho de 1871»...

Foi devido a isso que a festa do decenario do poeta foi realisada nessa data, quando devêra ser a 6 de Julho de 1881, o que maisadiante se verá cabalmente demonstrado.

O periodo da enfermidade de Castro Alves (1869 a 1871) foi o da sua vertiginosa fecundidade. Desde que elle comprehendeu que pouco lhe restava viver... vencendo o desalento, que domina os cérebros communs, despendeu uma prodigiosa somma de activi-

cade, phenômeno este que tambem se observa em Alvares de Azevedo e Junqueira Freire, e único a explicar tamanho número de producções em tão pouco tempo.

São desse pe iodo: o prólogo e a *dedicatoria* das *Espumas Fluctuantes*; e as seguintes poesias do mesmo volume:—*A volta da primavera*,—*A uma taça feita de um crâneo humano* (trad. de Byron),—*Poesia e Mendicidade*,—*Versos de um Viajante*,—*Onde estás?*—*A uma estrangeira* (lembrança de uma noite no mar),—*Murmurios da tarde*,—*Pelas sombras*,—*as duas flores*,—*O tonel das Danaides*,—*Os anjos da Meia Noite* (photographias, synthese e sonetos a):—1.^a *Sombra* (Marietta),—2.^a *Sombra* (Bárbora),—3.^a *Sombra* (Esther),—4.^a *Sombra* (Fabiola),—5.^a e 6.^a *Sombras* (Cândida e Laura),—7.^a *Sombra* (Dulce),—8.^a *Sombra* (Ultimo Phantasma);—*O Hóspede*,—*Aves de arribação*,—*Os Perfumes*,—*Immensis orbibus anguis*,—*E' tarde!*—*A meu irmão Guilherme d: Castro Alves*,—*Quando eu morrer*,—*Uma página de escola realista* (drama cô-

mico em quatro palavras) —*Coup d'étrier*, — e notas.

São desse mesmo período: o drama *Don Juan* (122) a *Cachoeira de Paulo Affonso*, primeira parte do poema *Os Escravos*, cujos cantos têm estes títulos: —*A tarde, Maria, O baile na flor, Na margem, A queimada, Lucas, A Senzala, Diálogo dos Ecos, O nadador, No barco, Adeus!, Mudo e quedo, Na fonte, Nos campos, No monte, Sangue de Africano, Aman-te, Anjo, Desespero, Historia de um Crime, Ultimo abraço, Mãe penitente, O Segredo, Cre-púsculo sertanejo, O Bandolim da Desgraça, A canôa phantástica, O São Francisco, A Cachoeira, Um raio de luar, Despertar para morrer, Loucura divina, A' beira do Abyssmo e do Infinito.*

São ainda do mesmo período: *Manuscriptos de Stenio*, segunda e última parte do poema *Os Escravos*, contendo as seguintes poesias: *O Século, A Visão dos Mortos, Vozes d'Africa, Tragedia no lar* (a Senzala), *O Navio Negro* (tragedia no mar), *O Vidente, Saudação*

a *Palmares*, *Estrophes do Solitario* e *Adeus, meu canto!*

E as poesias, até agora por colleccionar, (algumas têm sido publicadas em jornaes e edições fraudulentas) que elle pretendia reunir em volume, sob um destes títulos:—*Hymnos do Equador*, ou — *Versos d Ave Maria*. Essas pesias são as seguintes:

— *O Poeta*,—*Triplíce diadema*,—*Horas de martyrio*,—*Agonia e Gloria*, — *Pesadelo de Hunaytá*,—*Ao estudantes Voluntarios*—*Pensamento de Amor*,—*Amemos!*—*Sonhos bohemios*, *Noite e Amor*,—*Soneto ao 2 de Julho*,—*A Bainha do Punhal* —*A D. Joanna*,—*Capricho*, —*A Furtado Coelho*, e os poëmetos: *Pesadelo e Dama Negra* (1864 a 1869); e

De 1869 a 1871 as seguintes:

Deusa incruenta (A Imprensa, antithese da *Terribilis Déa*)—*Depois de una leitura*,—*Consuelo*,—*Durante o temporal*,—*Remorsos*, —*A um coração*,—*Fé, Esperança e Caridade*, —*A cestinha de costurá*,—*No camarote*,—*Me-nina e Moça*,—*Aquella mão!*—*Epitaphio*,—*A Virgem dos últimos amores*,—*Em que pensas?*

—*Rezas*,—*A' ...*.—*Noite de Maio*,—*Horas de saudade*,—*A' minha irmã Adelaide*,—*No mee-ting do Comité du Pain*,—*Si eu te dissesse...*,—*Gesso e Bronze*,—*O meu segredo*,—*O derradeiro amor de Byron*,—*A cruz da estrada*.

Além dessas poesias, todas originaes, deixou tambem, por publicar, as seguintes traducções em verso:—*Madrid*,—*Chanson*,—*Veneza*, e o poemeto—*Octavio* (de Alfr. de Musset); *Canção*—palavras de um conservador a proposito de um perturbador) e o poemeto *A Olympio* (de Victor Hugo);—*Elegia* (de Lamartine);—*A ballada do Desesperado* (de Henri Murger);—*O Junco e o Cipreste*—e—*Pássaro viajante* (de Guillermo Gana); e o poema *O Diabo-Mundo* (de Espronceda).

Com excepção d *As tres Irmãs do Poeta* (de Berthoud), *Oitavas a Napoleão* (do venezuelano Abigail Lozano), e *Perseverando* (de Victor Hugo), são tambem dos seus últimos tempos de vida as traducções: *A uma taça feita de um crâneo humano* e *As Trevas* (de

Lord Byron) publicadas por elle nas suas *Espumas Fluctuantes*.

Entre os manuscriptos, em prosa, de, Castro Alves, possuo os seguintes trabalhos, que só devem apparecer na edição de sua *Obras Completas*, que penso poder publicar em 4 volumes, de 400 páginas cada um:

—Synthe do poema *Os Escravos*; —Introdução para o seu segundo volume de poesias; tres folhetins, publicados em Pernambuco, com o pseudônimo de *Antony*: um, intitulado *O Eco*, deliciosa phantasia; outro, de crítica theatral, e *Adriana*, inspiração das *Quedas fataes*; a serie intitulada *O Supple-mento e o Sr. Barreto*, da ingloria questão a que fôra provocado, em 1866; a bella *Carta ás Senhoras Bahianys* (publicada pelo *Diario da Bahia*, em Abril de 1871), uma interessante *Chrônica* (publicada no a. 4 do *Futuro*, de 30 de Agosto de 1864, no Recife); uma longa e criteriosa análise litteraria, intitulada *Impressões da leitura das poesias do Sr. A. A. de Mendonça*, em XII capitulos, publicada tambem no Recife, em Junho de 1864 (123)

XV

Os últimos mezes de Castro Alves foram assoberbados não só pelo soffrimento physico, que tanto o martyrizou, como tambem por uma nova paixão, que brotou com a impetuosidade das plantas tropicaes no terreno húmido e fertil dos cemiterios...

Uma estrangeira, a quem fez muitos versos, os mais bellos hymnos de amor que tenho lido em lingua portugueza, (124) despertou-lhe o desejo de viver e viver muito, com todas essas esperanças que só os tísicos sabem entreter por entre os seus desalentos, e isto já nos últimos dias de vida !...

Pobre coraçãode poeta! tão generoso, tão

grande, palpitando sempre, ora pela patria, ora pela natureza, ora pela formosura das mulheres... e ter de parar tão cedo, como um relógio onde Deus marcasse as horas da poesia, e de que Satan rebentasse a corda quando começava a dar as primeiras pancadas da hora do amor e da gloria !

Castro Alves passou sete mezes no Curralinho, onde esteve carinhosamente hospedado em casa de uma familia amiga de seus pais, na fazenda de Santa Izabel, de onde regressou para esta capital em Setembro de 1870.

Durante esse tempo as suas únicas distrações eram percorrer a cavallo essas poéticas solidões sertanejas, escrever versos, no seu pequeno quarto de solteiro, ou á sombra do grande tamarineiro que ensombra o terreiro da frente da habitação, ou desenhar, o que fazia admiravelmente.

Uma illustrada Sra. alemã, professora das irmãs do poeta, vendo a facilidade com que elle desenhava, e observando como eram originaes os assumptos de seus desenhos, disse-

lhe um dia: — «Que pena que o Sr., em vez de ir estudar direito, não tivesse ido para a Italia, pois se faria um pintor immortal!»

Realmente, ha muita poesia e originalidade nos desenhos de Castro Alves, como tambem ha muita pintura, do mais vivo colorido, em quasi todos os seus versos. Desta outra face do seu extraordinario talento restam infelizmente poucos documentos: uma pintura a óleo, que fez no Rio de Janeiro, durante a demorada convalescença em casa do seu amigo Luis Cornelio, os retratos de suas irmãs, de Augusto Guimarães, Plinio de Lima, Campos Carvalho e outros amigos, caricaturas de estudantes e lentes das academias de Pernambuco e de S. Paulo, umas ligeiras paizagens em albuns, e *O Tamarineiro*, á cuja sombra escreveu tantos versos, seu último desenho, assignado e datado a 1º de Maio, que me foi offerecido em 1888 pela Exma. Sra. D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, e que eu conservo como um singular thesouro.

O quadro a óleo, que ainda em fins de 1879

se via na sala de visitas da casa de seu amigo Luis, á rua de Silva Manuel, no Rio de Janeiro, representava *Gilliall* no alto do rochedo, sobre a fornalha soprada pelos ventos do mar, numa attitude de Colosso de Rhodes, sob cujas pernas — abertas — passavam navios de velas desfraldadas, fazendo lembrar aquella estatua do nosso patricio Almeida Reis, prendendo raios na mão, que se vê no alto do frontespicio da estação da estrada de ferro D. Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro.

Entre os seus desenhos de paizagem os mais notáveis são: *Uma noite em Veneza*, onde o palacio dos Doges parece tremer reflectido nas aguas do canal; no primeiro plano passam gôndolas, numa das quaes ha um grupo de amantes que se beijam ao luar, ouvindo a serenata dos *lazzaroni*, na ponte dos Amores ... Uma scena oriental, representando *O Sultão no grupo das Odaliscas*, onde cada figura é um exemplar de belleza, palpitante de juventude e de volupia... E a velha árvore do Currealinho, *O Tamarineiro*, á cuja sombra tanto scismou e cantou, onde lhe

passaram pela mente as divinas estrophes d' *O Hóspede*, copia fiel do centenario dos sertões bahianos, á cuja sombra tambem scismaram e amaram as virgens tabarôas, e da qual as folhas sombrias, agitadas pelos ventos do crepúsculo, parecem suspirar saudosas pelo seu poeta...

Castro Alves era tambem um admiravel caricaturista: com dois traços de lapis esboçava uma physionomia; ora era um companheiro, poeta lyrico e meditabundo, a que elle dava uns ares fúnebres de coruja... ora um guerreiro, cujos olhos e orelhas e bocca e nariz eram instrumentos béllicos; ora um leque entre-aberto, de cujas varetas saíam bustos de moças bonitas, todas muito conhecidas suas... ora a impertinencia de um lente repimpada na ponta do nariz transformado em poço de sciencia jurídica... ora o *ponto* e o *bedel*, que eram os espantalhos dos estudantes do seu tempo.

Regressou o nosso poeta do Currallinho muito melhor da tosse e quasi livre das hemoptyses. Já no seu bello rosto reappareciam

as rosas da saúde... E' desse tempo o seu retrato, que tem sido tão reproduzido nas illustrações nacionaes e estrangeiras. (125)

Desde que amputou o pé não pode mais dispensar o auxilio da mulêtas, uns luxuosos bastões feitos na Europa, com a parte côncava do tampo acolchoada sob custoso veludo. Isto entristecia-o!... Moço e bello, tendo mesmo um certo garbo da sua não vulgar belleza varonil, ter de apoiar-se a um bastão, como os velhos já decrépitos, para poder dar alguns passos... comprehendeu então o martyrio de Byron, poeta da mais singular formosura, mas tambem aleijado de um pé.

Saía sempre a cavallo, indo o pagem esperal-o com as mulêtas no ponto designado. Quando ia assistir a algum espectáculo, era sempre o primeiro a chegar ao theatro, para que os espectadores já o encontrassem sentado no seu camarote, onde ainda assomou algumas vezes, para colher os mais ruidosos applausos, recitando os seus sumptuosos versos.

Passeava quasi todas as tardes, num bello

alazão, sendo seus passeios predilectos á Barra, a Itapagipe e ao Rio Vermelho, indo quasi sempre scismar algumas horas defronte da *Boa-Vista*, antiga propriedade de seu pai, onde passara os bellos dias da juventude. (126)

Foi então que uma interessante estrangeira, admiradora entusiasta do seu talento, lhe inspirou os seus últimos amores... *Mysterios* insondáveis do coração humano! elle, que durante tantos annos concentrou todas as suas affeições numa única mulher, agora divide, numa volubildade inexplicavel, as suas horas de illusões entre essa estrangeira e duas formosissimas virgens judias, inspirando se em ambas ao escrever a mystica poesia *A Hebréa*, que ora dizia ser feita a uma, ora á outra, (eram irmãs) consagrando simultaneamente os versos da *Consuelo*, *A um coração*, *Aquella mão* e *Gesso e Bronze* á italiana; os *Remorsos* á uma patricia, que actualmente reside na Europa... *A Cestinha de costura* á musa inspiradora de outro poeta, que vive ha muitos annos no Rio; e os

versos *Em que Pensas ? e Si eu te dissesse...* á ingenua e adoravel menina do Currallinho...

Uma das formosas judias casou-se, em principios de 1871; *Cecéu*, no dia do noivado della, (eram visinhos, das janellas conversavam por signaes) fez um punhal de papel e apertando as mãos em cruz, interrogando-a por gestos si realmente ia se casar, improvisava uns ares trágicos e fingia suicidar-se, cravando no coração o punhal de papel...

Entretinha-se nessas futilidades aquelle extraordinario poeta, que já tinha garantida a immortalidade ! outras vezes.. reunindo em torno de si suas irmãs e as amigas dellas, que diariamente as visitavam, encantadas com as constantes diabruras do divino rapaz, sentava-se no vasto tapete do salão de visitas, envolto num chambre de vistosas cores, de pernas trançadas, turbante á moda do Oriente, um grande cachimbo ao lado, parodiando o sultão entre as odaliscas...

Rápidos passaram esses dias, de apparente felicidade!... A molestia seguia na sua marcha precipitada, e um dia... quando menos se

esperava, a consumpção apparece: a tosse convulsiva e pertinaz arranca-lhe os pulmões cavernosos .. a febre sobe a uma temperatura assustadora, varrendo as últimas esperanças, que se ostentavam tão ruidosas, como a ironia da fatalidade!...

No dia de S. Pedro, á hora do almoço, Castro Alves declarou que não se sentia com forças para ir até á sala de jantar. Não se levantou mais dahi por diante. Os padecimentos progrediram com uma rapidez vertiginosa. Não teve mais um momento de tranquillidade. Os seus ligeiros somnos eram entrecortados de bruscos sobresaltos, as suas longas vigílias eram tão cruciantes, que elle pedia a morte, como um linitivo a tantas dores. (127)

Seu irmão Guilherme costumava ir acordal-o e passava á sua cabeceira todas as manhans, em palestras íntimas, procurando assim distraill-o, o mais possivel. Um dia, porém, entrou já tarde no quarto de Cecéu, que se achava então á beira da cama, correct-

mente vestido, escrevendo sobre uma mesinha redonda (que a família conserva). (128)

Castro Alves, estranhando a demora do irmão, mas querendo interpretar maliciosamente o motivo de sua ausência, fez-lhe uma pergunta, em phrase metrificada, que foi respondida no mesmo tom, improvisando assim ambos, de collaboração, esta estrophe:

—D'onde vens?

—Venho de um seio.

—Onde vais?

—A um coração.

—De quem és filho?

—Do enleio...

—Como te charas?

—Paixão!

Mais uma nota vibrante da lyra dos seus *últimos amores*, pois só parecia viver para cantar e amar! Uma das mulheres que lhe foram musas, instada para ir a uma festa na noite de Dois de Julho, quatro dias antes

da morte do apaixonado poeta! Consultou-o nesse sentido.

O joven moribundo, julgando-se com direito a mais alguma piedade, respondeu-lhe apenas *que não deixasse de ir á festa...*

Na calada da noite, ouvia-se distinctamente os sons da música, que os écos pareciam repetir como satánicas risadas aos seus ouvidos de tísico!...

Era a ironia ferindo o amor proprio e talvez o proprio amor!

Estas estrophes da sua poesia *Gesso e Bronze* dão idéa do que elle então sentiu:

Senhora, Deus tambem ás vezes é esculptor
E gosta de esculpir nos corações o amor...
De argila ou de metal, de barro ou de alabastro,
Com o limo com que faz a escuridão e o astro...

Mas quando o acaso, um gesto... um riso leviano
Atèa a flama vil de um zelo ardente, insano,
Sabes o que se dá?—O amor de gesso medra...
De lodo que era ha pouco... enrija, faz-se pedra.

Mas da lava infernal o beijo libertino
Funde a estatua do amor de bronze florentino.

Sentindo que se aproximava a hora fatal, quiz que o transportassem do quarto para o salão de visitas. O seu leito foi conduzido por

moças, por seu amigo Augusto, seu irmão Guilherme e o Dr. Franco Meirelles.

Uma vez no logar que escolhera para morrer, mandou abrir as janellas e disse:—«Quero ver o céu, antes de desaparecer da terra».

Os seus últimos dias foram de um padecimento cruel! As pessoas de casa, passando tambem noites em claro, pareciam somnâmbulos a vagar em torno do seu leito . . sua irmã Adelaide, a *Sinhá*, não lhe saía da cabeceira.

Na véspera do dia fatal, depois de reiteradas supplicas, deram-lhe um espelho. Elle contemplou-se alguns instantes, visivelmente compungido, e balbuciou:—«Já não sou o mesmo... Como a morte desfigura as suas victimas!» Entregou-o, dolorosamente desilludido, e disse:—«Ninguem mais pode entrar aqui. Quero que se lembrem do que fui, não do que sou!.. Assim que eu morrer, cubram-me de flores e fechem logo o meu caixão».

A' meia noite de 5 de Julho, ouvindo o

relogio da parede dar as horas pausadas, disse: — «Ainda mais um dia de sofrimento !» — «Pela madrugada, sua irmã Adelaide, que tinha a mão d'elle apertada na sua, pensando que elle estivesse adormecido, começou a chorar, e uma de suas lágrimas humideceu a mão do poeta. Elle, tentando sorrir, disse-lhe: — «*As contas quentes senti* » . . .

Era um verso seu, da seguinte estrophe da poesia *A Virgem dos últimos amores*:

Porque derrubas as gottas
Do cacho do ouricuri?
São tuas missangas rotas
Que rolam na minha frente?
Teu collar estava quente . . .
As contas quentes senti ! (129)

Depois, compadecido do pranto que a irmã procurava dissimular, disse-lhe:—« Ao pé de cada Calvario ha uma Magdalena que reza e chora » ! . . .

Na manhã do dia 6 de Julho, como o médico declarasse que a sua vida estava por

poucas horas. sua madrastra, (130) uma senhora religiosa, que o amava como a um filho, perguntou-lhe si queria receber os soccorros da religiãõ. Elle respondeu-lhe que sim, e pouco depois o padre Turibio Tertuliano Fiusa ouvia o em confissão. Esse sacerdote, que vive actualmente em Pernambuco, pode dizer si não era de um justo aquella alma que tão cedo abandonava este valle de lágrimas!...

A emoção causada por esse rigoroso acto da religiãõ cathólica abreviou-lhe a agonia. Começou a respirar arquejante, como que aos solavancos... e pouco depois arregalou um olhar branco como a sua consciencia, uma lágrima rolou pela face macilenta... exhalou o último suspiro! (131)

Estava terminada a sua missão. O relógio tinha o ponteiro das horas entre estes dois algarismos romanos:—III e IV . . e o dos minutos estava caído a prumo em sentido vertical...

XVI

Desde que se fecha a sepultura onde se guarda o cadaver de um poeta, pode-se abrir o livro da historia para nelle escrever-se o juizo imparcial, que o deve amortalhar no seu proprio epitaphio ou entregar o seu nome á consagração dos vindouros.

O túmulo é um rochedo, no meio deste oceano encapellado de paixões subalternas, onde se quebram os vagalhões da inveja e das injustiças, levantando a espumarada alvissima das lágrimas sinceras.

Tenho citado até aqui o que encontrei de bello nas obras de Castro Alves; assiste-me o direito de procurar ver si nos seus traba-

lhos ha incorrecções. Ha, e muitas. Encontro ahi exaggerações, abusos, erros de arte e até de grammática, como tambem os encontro nos mais famosos poetas de todas as literaturas; mas isso não lhe tolda a fulguração do estro: pois, si não conseguiu robustecer o seu grande talento com os estudos necesarios, ainda assim o seu genio supriu com a intuição o que as intelligencias communs só conseguem á força de applicação.

A inspiração do poeta é a exaltação do sentimento, profundamente agitado pelo tumultuar das idéas no cérebro. Ninguem, pois, pode estranhar que a imaginação do inspi-rado produza exaggerações como esta:

Um pedaço de gladio — no infinito...

Um trapo de bandeira—na amplidão ! (132)

Isso seria exigir o dominio da razão sobre o sentimento; e, sendo a razão a calma absoluta do espirito, desde que essa calma se manifeste—desapparecerá a inspiração.

O poeta que mais tem posto a razão ao serviço do ideal é Victor Hugo. No entanto

o proprio Victor Hugo já *viu os joelhos das almas...* (Ha momentos, diz elle, em que qualquer que seja a attitude do corpo, a alma está de joelhos). E nem por isso deixa de ser elle a mais radiosa inspiração deste século— depois de Byron.

Castro Alves teve absurdos, como este:

Esposa do porvir, noiva do sol ! (133)

Escreveu uma estrophe que parece de Tobias Barreto... é esta:

.....
Eil-os os vultos sem par,
Só de joelhos podemos
N'est'hora Augusta fitar
Riachuelo e Cabrito,
Que sobem para o infinito
Como jungidos leões,
Puchando os carros dourados
Dos meteoros largados
Sobre a noite das nações. (134)

Mais isto:

O Genovez salta os mares...
 Busca um ninho entre os palmares
 E a *patria da imprensa* achou... (135)

Outras vezes, a sua retina servida do
 nervo óptico como o astrónomo de um teles-
 copio, chegou a ver... que umas

...brancas ossadas
 São coluznas arrojadas
 Dos *infinitos* azues... (136)

Não sabia metrificar o verso alexandrino,
 fazendo-o como os poetas hespanhoes e ita-
 lianos, quando o devera fazer com a correcção
 dos francezes. Abusou do adjectivo *infinito*,
 chegando até a pluralisal-o... Tambem não
 evitou alguns cacóphatons.

Rima *Sevilha* com *Antilhas*; repete a pala-
 vra *alma* no fim de dois versos de uma só
 estrophe; intitulou uma de suas melhores
 poesias *Ahasverus e o Genio*, e diz no pri-
 meiro verso: «Sabes quem foi *Ahaverus?*»

etc., quando devêra escrever — *Ashaverus*; nessa mesma poesia tem o verso: «Fogem *pasmadas* de si», no sentido de *espasmadas*. (137) Rima *orgia* com *Lucrecia Bórgia*. (138) Traduz o nome de *Danton*, para rimar com o substantivo *revolução*. (139) Repete as rimas de *cruz, luz, nós e Jesus*—com *azues*; mais de uma vez escreve *oschesta*, para rimar com *feita*. (140) A quinta estrophe da sua traducção do *Perseverando*, de V. Hugo, termina em rima breve, quando todas as outras terminam por aguda. Rima *origem* com *virgen*. (141) Escreve *erriçada*, quando é mais correcto *erçada*. (142) Etc.

Mistura assonantes com as suas consoantes, o que se observa em todos os nossos melhores poetas, até nos actuaes parnasianos, que se intitulam os zeladores da fórma, sacrificando-lhe o sentimento e a idéa.

Outras incorrecções já foram exploradas pelo seu implacavel inimigo Bellarmino Barreto, que no rancor pósthumo da inveja que o devorava (143) andou mezes e mezes a esmiuçar taes ninharias, á semelhança de um

maniaco que se lembrasse de catar pulgas na juba de um leão acorrentado. ou na pluma-gem olympica do cysne de Leda.

O tal Zoilo *embizarriou-se* numa ufanía pedagógica, jactancioso por encontrar versos como estes :

Adamastor de granito,
Co' a testa roça o infinito
E a barba molha mar. (144)

E estes :

O motim—*Nero profano*
No ventre da cova insano
Mergulha os dedos crueis. (145)

E diz (dez annos depois da morte do poeta): — « Não posso também esquecer suas *contraposições de palavras que produzem uma impressão desagradavel em um ouvido fino*, nem o modo porque elle exprime *com certa solemnidade uma idéa vulgar* como esta :

Como que Deus baixa á terra
Sem *mesm*o descer dos céus. (146).

E cita os seguintes descuidos grammaticaes, fazendo de taes ninharias um cavallo de batalha, mais impetuoso que o de *Mazeppa*, mas tão ajaezado de guizos como o de um volatim de circo de cavallinhos...

Eil-os: — « Vem ! nós iremos *na floresta densa*. (SUB TEGMINI FAGI). — Deus ! porque *emquanto que o monte...* (PEDRO IVO). — E' martyr — *alma...* a saturnal — patibulo ! (COUP D'ÉTRIER) — Cançado cheguei *na mata*. (NA FONTE). E quem tem um punhal *na da carece*. (AMANTE). — *Fazem hoje muitos annos*. (HISTORIA DE UM CRIME).

E diz em seguida: — « Creio que estes exemplos bastam, tanto mais quanto não se encontram nos outros poetas ».

Era tal a ignorancia desse critico que chegou a affirmar tal absurdo. Erros idénticos e faltas mais graves são encontrados nos nossos melhores poetas, como passo a provar.

Citarei de preferencia poetas brasileiros, simplesmente para não me tornar prolixo, pois não seria difficil a citação de taes erros

em poetas eminentes de outras nacionalidades.

Magalhães, Visconde de Araguaya, um dos nossos mais famosos lyricos, na célebre ode a *Napoleão em Waterloo*, que é considerada a sua obra prima, tem um grave erro grammatical na estrophe que começa pelo verso: — « Que importa que Grouchy, surdo ás trombetas », etc., onde deixou no tinteiro o complemento da oração principal.

Alem disso, não foi em tal poesia tão original como se tem dito até hoje. Encontra-se nessa mesma composição um verso inteiro de Lamartine, — « *Les bras croisés sur la large poitrine* », de quem tambem imita as comparações *do pastor, e da espada, como um raio, a d'ispor da sorte das nações...* E reproduz servilmente á idéa do poeta italiano que no seu poema *Colombo* ouviu Deus dizer ao navegador genovez: — « Segue o rastro do sol! » — o que levou Salles Torres Homem a bradar, cheio de enthusiasmo, que na inspiração « o poeta compara

o heróe de Austerlitz ao astro da luz, que caminha ao occaso ».

Gonçalves Dias, que, na hypèrbole de C. Castello Branco, « morreu coroado imperador da lyra americana », o inspirado cantor do *Y—Juca—Pyrama*, descuidado na fórma, procurou justificar-se, no prólogo dos seus *Primeiros Cantos*, dizendo de suas poesias: — « Muitas dellas não têm uniformidade nas estrophes, porque menosprezo regras de mera convenção ». — Mas commette, em todos os seus livros, erros imperdoáveis, não só de grammática como de probidade literaria, sendo arbitrario na collocação dos verbos e pronomes no principio dos períodos e depois dos adverbios, e... o que não se encontra em Castro Alves, dando como suas... poesias de outros auctores, allemães, francezes e hespanhóes.

Na minha obra *Poetas do Brasil* cito os principaes plagios de Gonçalves Dias. Idénticas faltas são encontradas em Fagundes Varella. E si Alvares de Azevedo Jun-

queira Freire e Casimiro de Abreu não commetteram plagios, nenhum delles deixou de imitar de perto outros poetas, incorrendo todos nos mesmos erros de Castro Alves. (147)

Joaquim Nabuco, de um pessimismo sincero e até certo ponto justificavel, diz :

«Não quero julgar Castro Alves pelos seus maus versos, pelos versos de occasião que elle escreveu para deslumbrar e tomar de surpresa o público das platéas.

Si se julgassem os poetas pela generalidade de suas obras e não pelos momentos em que elles possuiram a inspiração verdadeira, a quem poderia agradar o sentimentalismo pueril de Casimiro de Abreu, a vulgaridade de Gonçalves Dias, a philosophia rimada de Magalhães, as monótonas cantilenas de Junqueira Freire, a imitação servil que fez Alvares de Azevedo do tom libertino de Musset, a incuria, os plagios de Varella ?

Para mim bem poucas são as poesias que me dão um prazer real nos livros de todos

esses auctores e por ellas eu os julgo, porque um grande poeta pode ser muitas vezes mediocre, mas um homem mediocre não pode se elevar uma só vez á altura de um grande poeta »

Li algures que *O Navio Negreiro* não pas-sava de plagio de um poemeto de Henrique Heine... O individuo que se atreveu a levantar tão insólita accusação ao glorioso cantor d' *Os Escravos*, não merecia as honras de uma discussão. Mas como podem pairar dúvidas no espirito dos que o tenham lido, julgo oportuno esclarecer aqui tão melindroso ponto.

O poeta allemão-parisiense, no seu bello *Livro de Lázaro*, tem realmente um poemeto intitulado *O Negreiro*, onde parece que Castro Alves bebeu inspirações. Isto, porém, não passa de uma simples predilecção de dois nobres espiritos por um assumpto ao alcance de todos.

Quem não sabe que os míseros escravos eram conduzidos, por europeus, em funestos navios da Africa para a América? Na Euro-

ça, como entre nós, os capitães e marinheiros narravam na intimidade as scenas horríveis dessas tragedias no mar...

Heine, vivamente impressionado por essas narrações, escreveu bellas páginas, eivadas de sentimento e sarcasmo; Castro Alves, ou porque lesse essas páginas, ou porque ouvisse narração semelhante, estava no pleno direito de escrever os admiráveis versos com que opulentou a nossa literatura.

Nada mais ha de commum entre ambos. Cada um tomou o seu rumo, pintando-nos uma mesma scena atravez de dois temperamentos inteiramente diversos. A Henrique Heine cabe a gloria de ter sido o primeiro a explorar o assumpto; a Castro Alves não se pode disputar a gloria de lhe haver dado mais vivo realce, muito mais sincera e humana commoção.

E para que se não diga que a poesia de Castro Alves é um plagio do original de Henrique Heine, passo a traduzir, em prosa, para

manter a fidelidade precisa, o bello poemeto do insigne forasteiro allemão. Eil-o :

O NEGREIRO

I

Está sentado em seu camarote o capitão do navio, *mynher* von Kock, occupado em fazer suas contas. Está calculando o preço do carregamento e os lucros prováveis.

*
**

« A gomma é boa, a pimenta não é inferior, levo tresentos sacos e tresentas pipas respectivamente. Tenho tambem ouro em pó, e marfim; mas o que vale mais é a mercadoria negra.

*
**

Tenho seissentos negros que adquiri por troca, e por uma ninharia ou pouco menos, nas praias do Senegal. A carne é forte, os nervos são vigorosos; dir se-ia bronze habilmente fundido.

*
**

Dei em pagamento aguardente, contas de vidro, instrumentos de aço. Uma vez que chegue com vida a metade, eu ganho oitocentos por cento.

*,

Sim, desde que consiga desembarcar no porto do Rio de Janeiro tresentos negros apenas, a casa Gonçalves & Pereira me abonará cem ducados por cabeça.»

*
**

De repente *mynher* von Kock vê-se arrebatado ás suas meditações. O doutor von der Smiszen, cirurgião de bordo, entra no seu camarote.

*,

E' uma figura sêcca e rachitica, com o nariz salpicado de verrugadas vermelhas:— «Olá, Esculapio naval, brada von Kock, como vão os meus caros negros?»

*
**


~~~~~

inteiros; gostam tanto da carne negra! São meus pensionistas.

\*  
\* \*

Desde que nos fizemos de vela da praia vieram seguindo o navio. Os malditos têm um olfacto apurado para sentir o cheiro dos eadáveres...

\*  
\* \*

O mais cômico é ver como destroçam os mortos: este serra uma cabeça, aquelle uma perna, os de mais longe engolem pedaços de carne humana.

\*  
\* \*

Quando já nada mais resta, se requebram garbosos pelos costados do navio e contemplam-me com os seus grandes olhos de vidro á flor da cabeça, como que me agradecendo o almoço ».

\*  
\* \*

Von Koek interrompe-o, suspirando:—

---

«Como diminuir o mal? Como deter a mortandade em sua marcha progressiva?»

\*  
\*

Responde o doutor: — «Muitos dos negros morrem por sua propria culpa; o fedor da catinga que exhalam de si corrompeu o ar da sua prisão debaixo da coberta.

\*  
\*\*

Muitos outros morrem de melancolia. Um pouco de ar, um pouco de música e dansas bastam para pol-os sãos».

\*  
\*\*

— «Ótimo conselho! exclama von Koek. Meu presado Esculapio naval, és sabio como Aristóteles, o preceptor de Alexandre.

\*  
\*\*

«O presidente da Sociedade para o aperfeiçoamento da tulipa em Delft é um homem habilissimo; mas não tem nem a metade da tua penetração.

\*  
\*\*

---

« Muito bem, música ! música ! Vou dar um baile aos negros na cobertura, e ai do que não se divirta com a dança ! A esse, chicote sêcco ! »

## II

Milhares de estrellas, brilhantes de desejos, contemplam a noite do alto da abóbada celeste, como grandes olhos de mulheres formosas.

\* \*

Contemplam em baixo o mar, que apparece ao longe envolto nos purpurinos vapores do phósphoro.

\* \*

Nem uma única vela fluctua nos mastros do navio negreiro. Parece despido de todo o cordame: mas na cobertura a luz das lanternas mostra o ponto onde ha música e dança.

\* \*

O piloto roça o arco nas cordas do violino,

---

o cosinheiro sopra numa flauta, um marinho toca o tambor e o médico a corneta.

\*,  
\*,

Uns cem negros, homens e mulheres, soltam gritos de alegria e saltam e pulam como loucos. A cada um dos movimentos, soam cadenciosamente os grilhões.

\*,  
\*,

Fincam os pés no taboado com saltos frenéticos, e a formosa negra estreita voluptuosamente entre seus braços o corpo nu do seu companheiro. — Dentre essa algazarra exhalase ás vezes um gemido.

\*,  
\*,

O contramestre é o mestre-sala: a chicotadas estimula e excita a alegria dos pares fatigados.

\*,  
\*,

E *trara-trara!* e *dumdúm-dundúm!* O estrepito attrai á superficie das aguas es

---

monstros marinhos adormecidos em seu estúpido somno.

\*  
\*\*

Empanturrados ainda, comparecem : são tubarões, centenas de tubarões ; cravam os olhos no navio e boiam aturdidos.

\*  
\*\*

Mas finalmente percebem que ainda não é a hora do almoço ; bocejam e escancaram as fauces , as suas queixadas estão guarnecidas de dentes ponteagudos como uma serra.

\*  
\*\*

E prosegue o *trara-trara!* e o *dumdúm-dumdúm!* A dança continúa. Os tubarões, na sua impaciencia, mordem o proprio rabo.

\*  
\*\*

Eu creio que elles não gostam de música, como alguns dos nossos semelhantes ... Não te fies de animaes que não gostam de música, disse o grande poeta de Albyon.

\*  
\*\*

---

E *trara-trara!* e *dum-dum!*... Dança que dança! Minher von Koek está perto do mastro grande e põe as mãos em attitude de rezar:

\*  
\* \*

—«Por amor de Christo, conserva, Senhor, a vida dos peccadores de pelle negra. Si te offenderam, tu bem sabes que são umas bestas como os bois.

"  
\* \*

«Conserva a sua vida pelo nome de Christo, que morreu para nos salvar a todos; pois, si eu não chegar com tresentos ao Rio de Janeiro, faço um péssimo negocio ».

—

Como se vê, o único ponto de contacto que se encontra nas duas composições é a descripção do baile dos negros. Tudo o mais é inteiramente diverso. Nesse caso todos os poetas que descrevem bailes de brancos, em salões illuminados, não passam tan bem de plagiarios...

---

Do confronto só resultam vantagens para o nosso poeta, que soube dar o mais vivo realce ao quadro admiravelmente pintado, collocando seus personagens na mais elevada esphera do ideal. O trabalho de Heine não passa de uma bella composição realista, onde a ironia e o sarcasmo salpicam de ignominia a face do capitão do navio; o objectiva de Castro Alves teve intuitos mais levantados, verdadeiramente sociaes e humanos.

Nada do que se atrevem a dizer os seus impotentes invejosos pode eclypsar o sol glorioso desse nome, conquistado a golpes de tanto talento e com o esplendor de tão viva imaginação. Foi um verdadeiro poeta de raça.

## XVII

Assim que se espalhou a notícia da morte de Castro Alves a alma nacional cobriu-se de pesado luto. Homenagens da mais alta veneração foram tributadas á sua memoria gloriosa, de sul a norte, numa expansão de verdadeira commoção patriótica.

Poetas e prosadores dobraram o joelho ante o seu túmulo, consagrando-lhe todos o preito da mais sincera admiração. De nenhum outro poeta brasileiro tem se escripto tanto, em prosa e verso, como de Castro Alves, dentro e fora do paiz.

Quando se espalhou em Paris a noticia de que Henrique Heine entrava em agonia, de-

pois de 8 annos de um soffrimento innenarravel, os mais illustres literatos francezes exclamaram: — « Perdemos Aristóphanes ! » (148) A *Revue des Deux Mondes* explorou a piedade pública, publicando o seu retrato, extenuado e de frente pendida, como um Christo. Mas apenas alguns amigos, literatos e artistas, conduziram o seu glorioso féretro até o cemiterio de Montemartre, de onde mais tarde foram seus ossos trasladados para Hamburgo.

No momento de collocar-se o cadaver de Castro Alves na catacumba do cemiterio do Campo Santo desta cidade, de onde foram retirados os seus ossos, que a familia conserva numa urna, para serem depositados sob o seu monumento, proferiu o seguinte discurso o Dr. Rozendo Muniz:

A CASTRO ALVES

*Discurso panegyrico proferido, em nome da Sociedade Libertadora « Sele de Selembro », ao sepultar-se o cadaver de tão sympático e applaudido poeta.*

« Senhores !

Uma honra inesperada e mal cabida em mim, constitue-me agora intérprete da liber-

---

dade ante o féretro de um verdadeiro intérpetre do bello.

Deveis imãginar quão pesaroso acode meu coração á honra tanta, por vel-a coberta de luto pelo trespasso de um magnifico talento, prematuramente arrebatado ás musas brasileiras.

Em nome pois da Sociedade Libertadora *Sete de Setembro* venho depor uma grinalda de sempre-vivas sobre o cadaver do joven bardo, sobre esse invólucro ainda impregnado das luzes do espirito, que se alou para estancias melhores, porque mais condignas delle.

Não ha duvidar que a esta hora aquella alma, libertada dos ecúleos da dor, esteja prestes a fruir as delicias do Emypyreo, devassando mais esplêndidos panoramas, hau-rindo fragrancias de ambientes mais suaves e puros, e perdendo de vista as baixesas terrestres, qual aguia alterosa, que habituada a adejar sobre as corôas da serra, donde abarca pelo olhar os horisontes, sobrelevando as nuvens e fitando de mais perto os astros, não

---

desce a pousar nas asquerosas pocilgas da tortuosa e solitaria vereda, nos humildes tugurios da aldêa, ou a reflectir as pandas e atrevidas azas no sórdido e turvo espelho dos pântanos.

Não ha duvidar que nesta proficua e sublime transformação da materia que os inconsiderados appellidam — morte ou aniquillamento — vai a incomparavel conveniencia da liberdade aos remigios d'alma para a mansão dos justos.

Não ha duvidar que este valle de lágrimas, com todas as suas pretenciosas grandezas, com todas as suas contrastadas paixões, com todos os seus radicados orgulhos e com todas as suas enormes e hediondas miserias, não passa de uma estação transitoria para os espiritos que voam, embebidos e esbraseados na profunda crença da immortalidade.

Entre Pythágoras e Voltaire, entre a metempsychose que degrada a missão do espirito e o scepticismo que exalta a impiedade do verme chamado atheu, ha muito espaço em que se acolham e tranquillisem as tristes con-

---

jecturas da humanidade sobre o grandioso problema da continuação da vida que daqui se esvai para mundos mais amplos e deleitáveis.

E' por isso que, presentindo o seu arrancar estupendo e mavioso de cysne, Soares de Passos, o maravilhoso auctor do *Noivado do Sepulchro* e do *Firmamento*, em nome da eternidade assim apostrophava, triumphante e vidente, á maga, que tanto horripila e desarma as ignorancias altivas :

«Morte, morte, bem vinda sejas sempre !  
Em nome da existencia eu te saúdo !»

Sim, que quando nos deixa um desses lúcidos predestinados, si choramos pelo que perdemos nelle, não devemos chorar pelo que elle não vai soffrer. E' assim que venho lamentar o inopinado passamento de Castro Alves.

Sobre o túmulo do poeta, sobre o túmulo que val um monumento erguido entre o finito e o infinito, saúdo o esplendoroso passamento desse vulcânico intellecto, cujos

---

últimos lampejos na terra serviram de illuminar descrentes, nutrir estóicos, e embevecer até as insensibilidades marmóreas dos Lovelaces e das Dalilas.

A alma é luz; o corpo é lâmpada. Nas incessantes lucubrações do espirito, nesse irresistivel afan de saber, sempre que estalar a materia por incapaz de conter tanto fogo, o mineiro da intelligencia não lastima o socio que se foi, antes admira o prodigio da clæridade, que sobrevive aos destroços da lâmpada.

E si o grave philósopho e socialista de Maistre diz que o homem é o animal que mata para comer, mata para beber, mata para vestir-se, mata para instruir-se, e mata para matar, eu digo que é portentoso e impagavel o homem, que morre para dar vida, quando, sobrepondo-se a todas as exigencias e repellindo os ins'inctos de conservação, crava os olhos nos vultos edificantes do passado e movido pelas indifferenças do presente, atira-se, febricitante obreiro da

---

sciencia envolvido no *away* do progresso, ás revoluções do futuro.

Assim é o poeta, o peregrino da gloria, o passageiro hóspede importuno ás mediocridades permanentes, que dominam a terra! Assim é a privilegiada creatura que realisa o *Deus in nobis* do Mantuano, e que se desfaz em cánticos de redempção ás turbas, que lhe fogem, porque raro comprehendem aquella magnitude!

Assim foi Castro Alves.

Mal que saía dos brincos da infancia, esse invejavel adolescente em haustos de gigante parecia querer esgotar toda a Castalia!... e tudo para que? Para contentar a sêde de gloria pela patria, de allivio ao proletariado, de vingança contra os prepotentes, e de compaixão em favor dos escravos.

Que de noites perdidas em mystico scismar! que de estrophes brotadas em lágrimas! que de alegrias suffocadas pela só recordação da miseria do próximo!

Naquelle imaginação juvenil que lembrava os arrojos do Prometheu anglicano, do auctor

---

de *D. Juan*, havia um labirinto de inspirações, um oceano revolto de idéas, um Vesúvio de amores!

Si fosse dado a alguém penetrar os arcanos das evoluções do espírito humano, poder-se-ia ver dentro daquella cabeça — no mesmo pensamento — um *eu* contrariando outro *eu*, a soberania do poeta resistindo aos caprichos do homem!

Luta gigantesca assim travada num cérebro ainda hontem de criança!... tanto ardor para tão acanhado âmbito! Como não sair vencida a materia?

O moço vate bem quizera ser, como a sarça do Horeb. Mas Jehovah por cada chispa que se escapava daquelle estro precoce, diminuia-lhe um dia de existencia na terra.

Cumpriu-se a vontade divina, porém fi a entre nós, que nos debatemos á mingua de saber e de prosperidades, o rastro luminoso de mais um genio subtraído ás esperanças do Brasil, como Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Gomes de Sousa, Franco de Sá,

---

Gonçalves Dias, Junqueira Freire, e Agrario de Menezes.

Como elle a distrair-se das agonias sociaes nos arroubos vasados em livros, capitólios portáteis que nos foram legados por esses desmedidos talentos, mitiguemos as saudações que nos inspira Castro Alves, nas folhas tão repassadas d'alma que a musa delle espargiu do seio desta sua inconsolavel mãe — a Bahia, em todos os cantos do Imperio da Santa Cruz.

Consolemo-nos ao rememorar a fidelidade e imponencia, com que elle pintor da natureza e da sociedade com palheta de luzes e ainda não eivado das insinuações malignas da surpresa, aliás, politica, reproduziu o vulto histórico de Gonzaga num drama; resumiu o feito da nossa independência num cántico; num cántico bem retribuiu pela geração novíssima ao passado vivo na immensa descoberta de Colombo; encerrou em quatro estrophes a inexcedivel magestade do exilio do seu egregio mestre Victor Hugo e a sublime pertinacia de Pedro Ivo; em dois

---

versos magnificamente espelhou a sombria tristeza da linda e proscripta Agarena; em moldes de ouro verteu a bem da patria lingua as surprehendedentes e fantásticas originalidades de Espronceda; em catadupas de eloquencia metrificada copiou as maravilhas da brasilia natureza na vertiginosa cachoeira de Paulo Affonso, e finalmente num generoso poema, que pretendia quanto antes dar a lume, deixou por galardão da idéa liberal o melhor titulo que se possa abrir á emancipação dos miseros escravos, porque elle era um consciencioso prosélyto de Cramacio, Wilberforce, e de Lincoln.

Quantos anhelos! quanto fôlego! quanto trabalho e quanta benemerencia em tão poucos annos!

Castro Alves era tão diligente propagador das idéas philantrópicas que pouco antes de recair para sempre no leito da molestia implacavel, invocou, numa delicada e pathética epistola os bcns auspicios da caridade, do bello sexo bahiano em pró da abolição do elemento servil. (149)

Mas apesar de tantos viridentes laureis, que já lhe ornavam a espaçosa e morena fronte, de tantos applausos que o levantavam á posteridade, e da juventude ardente que tanto desmentia a suavidade desse perfil byrônico, pode-se assegurar que a mór parte dos dias de Castro Alves foi uma serie ininterrompida de soffrimento.

Como tal não succeder, si o soffrimento é o apanagio desta vida terrena, si a dor é a pedra de toque das almas sobreexcellentes e acendradas na paciencia !

Si assim não fosse, não seria tanto para captar encômios esta bella estrophe de um dos nossos recolhidos e inspirados poetas lyricos, o conselheiro Octaviano :

« Quem passou pela vida em branca nuvem  
E em plácida calma adormeceu;  
Quem não sentiu o frio da desgraça,  
Quem passou pela vida e não soffreu,  
Foi espectro de homem, não foi homem;  
Só passou pela vida, não viveu » . (151)

---

Castro Alves, mal que se lhe abriram as portas desta vida, viu fechar-se-lhe num tumulto o cadaver de sua idolatrada mãe, e pouco tardou que dessa desventura inexprimível se deparasse com a de órfão de pai!

Tambem tanto e sempre o acompanhava a melancolia dessa dupla orphandade, tanto lhe amargurava o pesado cobertor de lousa, que lhe escondia seus pais, que em troca do seu primeiro livro dedicado á memoria delles, pediu á mudez da necrópole que ao menos lhe consentisse a posse de um ramo de cipreste, para acalentar as máguas da saudade filial.

Contava apenas 24 annos, que se deslisaram tão rápidos, como si elle fosse um meteoro, que travessasse a terra para influir e captivar longos êxtasis!

Que águia da poesia brasileira lhe poderia acompanhar os surtos, si a iracunda antagonista do genio não lhe cortasse tão cedo de chofre as mundanas e fúlgidas azas?

E agora, tão gélida, aquella fronte que tantos louros convidava, não mais ha de re-

---

verberar ardores da intelligencia, que lidou muito mais pela fortuna da patria, do que muito braço de heróe pelo phantasma da gloria ensanguentada, que se chama guerra !

E elle assim se afanava, porque tinha convicção de suas forças, porque emquanto lhe pulsasse o coração pela liberdade e para a liberdade, a dúvida, « esse sarcasmo do espirito », na phrase enérgica do tribuno hespanhol, não havia de sombrear-lhe o flammejante e laborioso craneo.

Coherente com os nobres impulsos de tão verde idade, o dilecto das musas pendia muito mais para a miseria pálida e andrajosa, que bebe lama, do que para essa gloria impetuosa e van que bebe sangue.

E como não sympatisar com tal miseria ao pé de tal gloria, si o festejado expressivo Thomaz Ribeiro tão significativamente assim as contrasta ? — « A gloria impera e manda, a miseria chora e pede. A gloria é vaidosa e ingrata; a miseria modesta e humilde.

« O guerreiro é como o tufão que passa : trôa, asso!a . . . espanta ! fica-lhe após um côro

---

immenso composto de hymnos, silvos e maldições, cõro que ás vezes se dilata pelos ecos das idades até se perder no abysmo incomensuravel dos tempos; a miseria é a voz suave e meiga que se dirige á consciencia, e que só proclama os seus direitos, pedindo á sociedade a esmola dos seus deveres. A gloria épica, a guerreira, é, si tanto, uma vaidade nacional, a miseria uma infeliz verdade social ».

Em nome dessa infeliz verdade social que bem se pode traduzir por — elemento servil —, em favor do qual pugna abertamente o feliz gremio, cujo intérprete ora aqui sou, permitti-me, senhores, que ante o frio cadaver de Castro Alves, inda uma vez eu me curve reverente á maior realidade desta vida precaria e mesquinha, segundo predicava o espléndido gigante do púlpito francez, essa águia sagrada de Meaux, que tanto doutrinou a humanidade nos rasgos da mais subida eloquencia.

Mais e mais a terra se ufane dos gloriosos

---

vestígios que lhe deixa a passagem dos genios como Castro Alves.

E tu, Bahia, pressurosa companheira dos infortunios mais longínquos e estranhos, tão digna do progresso pela liberdade, tão mal retribuida pelos que se avantajam com os teus sacrificios! tu que em tão breve tempo has perdido uma plêiade de literatos, que te esmaltavam o diadema de Athenas Brasileira; resigna-te, desditosa terra, sente mais este golpe, e corresponde, confiada na sabedoria eterna, ao passamento do teu querido filho, do teu sempre memoravel Castro Alves, com este beatífico reconhecimento de Job:

*«Deus dedit, Deus abstulit... sit  
Nomen Domini benedictum ».*

Bahia, 7 de Julho de 1871. — *Rozendo Muniz Barreto.*

Na imprensa desta capital, então representada pelo *Diario da Bahia, Correio da Bahia e Jornal da Bahia* appareceram sentidos artigos editoriaes, tarjados de negro. Na missa do sétimo dia o Dr. Antonio Alves de Carvalho

---

proferiu um notavel discurso. O *Correio Pernambucano* e *O Democrata*, de 12 de Julho; *O Conservador*, de Sergipe, de 15; *O Americano*, de Pernambuco, de 16; o *Pedro II*, do Ceará, de 20; *O Popular*, de Santo Amaro, de 20; *O Correio Paulistano*, de 18; a *Imprensa Acadêmica*, de S. Paulo, de 19; *O Jornal do Commercio*, do Rio, e o *Diario do Rio de Janeiro*, ambos de 25, e o *Rio Grandense*, de Porto Alegre, de 30, todos do mez de Julho; o *Correio Paulistano* de 3 e a *Imprensa Acadêmica* de S. Paulo, de 13 de Agosto, publicaram excellentes artigos na página de honra.

Escreveram por essa occasião brilhantes artigos e folhetins: Ferreira de Menezes, Luis Guimarães, Bruno Seabra, Cyrillo Pessôa, Paula Ramos, Martinho Garcez, Moraes Carneiro, Evaristo Marinho, e outros. (152)

A 12 de Agosto desse mesmo anno realisou-se em S. Paulo, com a maior pompa e solemnidade, uma memoravel *Sessão fúnebre*, presidida por Ferreira de Menezes, que a abriu com um bello discurso, na qual o illustre poeta rio-grandense Carlos Ferreira recitou

---

uma arrebatadora poesia, e se fizeram ouvir os seguintes oradores: Fernando Osorio (rio-grandense, filho do general Osorio e actual ministro do Supremo Tribunal de Justiça), pelo *Núcleo Jurídico*; Oliveira Rebello (notavel orador rio-grandense), pela redacção da *Propaganda*; Antunes Maciel (tambem rio-grandense, ex-ministro do Imperio), pela redacção da *Tribuna Académica*; Rodrigo Silva (que morreu como senador do imperio e ex-ministro de dois gabinetes), pela *Imprensa Académica*; Eduardo Ramos (actual deputado ao congresso da União), pela sociedade *Tributo ás Letras*; Lopes de Freitas, pelo *Atheneu Académico*; F. Portilho, pela sociedade *Ensaio Literarios*; e Ferreira Nobre (já fallecido, ex-deputado e presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro), pela redacção do *Constitucional*. (152)

A sessão começou por uma notavel marcha fúnebre, tocada ao piano por Cardoso de Menezes, o músico-poeta, que a escreveu expressamente para aquelle acto. Dos versos de Carlos Ferreira causou viva impressão a

---

seguinte estrophe, que elle recitou mostrando o retrato de Castro Alves, que se destacava cheio de mocidade sobre os emblemas fúnebres:

« Quando elle entrou nos pórticos celestes,  
Fronte incendiada, fulgurantes vestes,  
Soberbo, audaz condor,  
O Anjo da Gloria ergueu-se ante a conquista...  
Mas levou deslumbrado a mão á vista,  
Batida de esplendor ! »

Em Pernambuco realisou-se outra *Sessão fúnebre*, onde o acadêmico Frederico Augusto Borges proferiu um notavel discurso e foram recitadas muitas poesias. Apareceram mais tarde as seguintes homenagens, além de muitas de que não tenho conhecimento: —artigos de Guedes Cabral, Herculano Ladislau (um esboço biográfico) (153), Campos Carvalho, Antonio Carlos de Almeida, Gregorio de Andrade, Moraes Carneiro, Valle Cabral, Lucio de Mendença, Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro (154) e Mucio Teixeira.

---

Escreveram poesias á memoria de Castro Alves, e tenho em meu poder as seguintes, de: Anna Autran, Narcisa Amalia, Carlos Ferreira, José Bonifacio, Ramos da Costa, Luis Guimarães, Luis Delfino, Antonio Camargo, João de Brito, Silva Senna, Lucio de Mendonça, Castro Rebello, Victoriano Palhares, V. F. S., Augusto Cratinguy, F. Bahia da Silva Araujo, Adelino de Araujo, Julieta Monteiro, Pedro Jorge de Gusmão Rocha, Antonio Figueira, Francisco de Castro, H., Ambrosio Lyra, F. de Paula Pereira da Costa, Alfredo Lisboa, Augusto Guanabara, Hypólito de Camargo, Brasílio Machado, Lobo da Costa, Alexandre Fernandes, Raymundo Corrêa e Mucio Teixeira. (155)

---



## XVIII

Este capitulo é especialmente consagrado aos meus illustres amigos das occidentaes terras de ultramar, Theóphilo Braga, Teixeira Bastos, Fernandes Costa, Xavier Cordeiro e Ramalho Ortigão, que tão carinhosamente se têm occupado de poetas brasileiros. E' tambem uma homenagem de saudade e reconhecimento á gloriosa memoria de Pinheiro Chagas, tão enthusiasta pela nossa nascente literatura e tão magnánimo para commigo.

Os múltiplos laços, de sangue e tradições, que tão intimamente nos ligam a Portugal, explicados naturalmente pela acção poderosa das leis atávicas, estreitam cada vez mais os

---

corações portuguezes e brasileiros numa fraternidade lógica.

Em nenhum outro paiz estrangeiro gosa de mais brilhante renome o cantor d' *Os Escravos*. Mas tanto lá, como entre nós, a biographia de Castro Alves ainda está por ser feita. Em 1882, Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro deu o retrato e biographia do nosso poeta, no seu interessante *Almanach Luso-Brasileiro*. Agora (6 de outubro de 1896) acaba de apparecer nesta capital uma nova biographia de Castro Alves, publicada no n.º 16, anno 2.º do *Amphion*, revista que se publica em Lisboa.

O illustre director do *Almanach Luso-Brasileiro* desempenhou-se de tão melindrosa missão, justificando cabalmente as lacunas de seu notavel trabalho, nas seguintes linhas:

« Não sabemos o dia em que o poeta nasceu. Custa dizel-o, mas ao encetar este esboço biográphico nunca nos vimos tão pobres de elementos para o levar ao fim, como este anno. Escrevemos em tempo, appellando para a boa vontade de cavaheiros em quem suppúnhamos. com bom fundamento, desejos de

---

nos obsequiar » (cita os nomes); « pedimos o que nos pudesse servir on fosse conducente para levar a cabo o nosso propósito, e nada !

« Só ao Sr. Dr. Antonio Henrique Leal devemos o favor do retrato, e si não fôra devermos tambem ao obsequio do illustrado auctor do *Lyrismo Brasileiro*, residente em Lisboa, um número do *Novo Mundo*, periódico brasileiro impresso em New-York, em que vem a noticia da morte de Castro Alves, acompanhada de pouquíssimos dados biográficos, nem sequer saberíamos o seu nome de baptismo !

« ... Triste fado do poeta ! No *Supplemento ao Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, publicado em 1867, quando já Castro Alves era conhecido como poeta, não vem o seu nome. No *Anno Biographico Brasileiro* do Dr. J. Manuel de Macedo, publicado em 1876, em que estão archivadas dia a dia as glorias da patria, falta o nome de Castro Alves ».

O illustre escriptor portuguez ignorava que

---

no primeiro volume do *Supplemento do Anno Biographico*, de Macedo, (Rio, 1880) vem uma ligeira noticia biographica de Castro Alves, nas páginas 59 a 62, onde encontraria os dados precisos.

A pretensa biographia que o *Amphion* acabava de publicar, incorrendo nas mais graves faltas, não tem justificação, como passo a explicar : seu auctor, que se acha residindo nesta cidade, foi-me recommendado por uma das dignas irmans de Castro Alves, no sentido de eu fornecer-lhe os dados precisos para o seu trabalho-

Appareceu-me esse cavalheiro na redacção d' *A Bahia*, combinámos uma conferencia em minha casa, onde lhe disse eu que estariam á sua disposição todos os documentos relativos ao assumpto, além dos retratos do poeta, em diferentes idades, bem como algum dos seus preciosos autógraphos, no caso de querer dar um *fac-simile*.

Dias depois, encontrando-nos na livraria Magalhães, disse-me S. S. que já estava de posse de tudo quanto necessitava; pediu-me

---

então a collecção completa de minhas obras e apontamentos para biographar-me. Agradei-lhe essa amabilidade, e offereci-lhe um dos meus livros, pedindo-lhe que me dispensasse do resto, pois não tinha á mão os livros e publicações que se referem a mim, nem dispunha de tempo para fazer uma recapitulação de memoria, preocupado como estava, na redacção de uma folha diaria e na direcção da redacção dos debates da câmara dos deputados.

Vim a saber mais tarde que os apontamentos para a biographia de Castro Alves foram fornecidos ao correspondente do *Amphion* por um professor e noticiarista de uma folha desta capital, que abusou da boa-fé do distincto hóspede bahiano, fazendo-o incorrer nas seguintes faltas :

« Antonio de Castro Alves nasceu no *Currallinho*, pequena *aldeia* ».

Nem o poeta nasceu na florescente cidade do *Currallinho* (vide a página 36 deste livro), (156) nem no Brasil ha *aldeias*, a não se-

rem as de selvagens ou de soldados arregimentados.

«Fez na villa de S. Felix os seus estudos elementares e os *complementares em S. Salvador*», etc.

Não é exacto : aprendeu a ler na propria azenda paterna, sob as vistas de um curandeiro e professor primario, de nome Peixoto; em 1859 matriculou-se no *Gymnasio Bahiano*, de que era director-proprietario o Dr. Abilio Cesar Borges, mais tarde Barão de Macahubas, e em 1862 seguiu para o Recife, onde concluiu os preparatorios, matriculando-se em 1864 na faculdade de direito

«... indo depois matricular-se no 3.º anno em S. Paulo, o qual não concluiu não se sabe bem porque», etc.

Sabe-se perfeitamente que concluiu o 3.º anno juridico, matriculou-se no 4.º e estava em vésperas de exame, quando foi victima do tiro, como se vê á página 156 deste livro,

«A' beira da sepultura de Castro Alves, em 7 de Julho de 1871, falaram differentes oradores» etc.

Apenas um orador falou nessa ocasião, como se vê no *Diario da Bahia* de 8 do mesmo mez e anno, e o Sr. João de Brito recitou uns versos seus.

« Castro Alves é o primeiro poeta brasileiro ou um dos primeiros? » Pergunta S. S., e responde em seguida, ora dizendo « não trepido em collocar Castro Alves *no primeiro plano* » ora, animado pelas poesias publicadas á tão gloriosa memoria, « o que muito bem prova o ascendente que o poeta exerceu no espirito dos seus contemporâneos e portanto que Castro Alves é o *primeiro poeta brasileiro* ».

E cita em abono da sua dupla opinião (ora collocando-o entre os do primeiro plano, ora dando-o como o primeiro), os nomes de José de Alencar, Machado de Assis, José Verissimo, Ruy Barbosa, etc., quando os dois primeiros apenas saudaram a estréa do joven cantor, e os outros só lhe fizeram a devida justiça depois da glorificação do decennario da sua morte; nenhum, porém, classificando-o como o primeiro poeta brasileiro, o que

---

por mim foi feito, em 1883, apparecendo depois muitos outros a consideral-o como eu.

« ... na riqueza das imagens, na singeleza do estylo, na abundancia e suavidade da rima e na música do rythmo, e até no descuido por vezes, *participa de João de Deus*; e de Victor Hugo na concepção da idéa, na philosophia dos conceitos », etc.

Citar o nome de João de Deus a par do de Victor Hugo, é pendurar uma oleographia na mesma parede onde se ostente uma tela de Buonarotti. Além disso, o lyrico portuguez só foi conhecido entre nós muitos annos depois da morte de Castro Alves. Dois únicos poetas de Portugal podem ser comparados ao cantor das *Vozes d' Africa*: — Guilherme Braga, seu egregio contemporaneo, e Guerra Junqueiro, seu insigne continuador.

Diz o digno correspondente do *Amphion* que em 1881 se realisou na *Bahia* uma festa litteraria commemorando o decennario de Castro Alves. Devia ter dito que o decennario da morte do poeta foi sumptuosamente celebrado na *Bahia* e no Rio de Janeiro. Diz

---

ainda que « alguns livros foram publicados em sua homenagem » . . . Naturalmente allude á *Polyanthéa* e aos dois únicos folhetos, um de 16 páginas, outro de 30, contendo as conferencias de Guilherme Bellegarde e Ruy Barbosa, pois o primeiro livro consagração á memoria de Castro Alves é este, que só agora apparece.

Muitos outros *senões* prejudicam esse trabalho do correspondente do *Amphion*, dentre os quaes destacarei mais este : « Castro Alves foi tambem *grande* no drama *Gonzaga*, no seu *único drama* ». Si S. S. se desse ao trabalho de acceitar o meu offerecimento, encontraria em meu poder as bellas scenas de outro drama de Castro Alves, intitulado *Don Juan*, do qual publiquei fragmentos no *Diario da Bahia* de 7 de Julho de 1896.

Conclue, porém, de uma maneira digna de nota, fazendo por singular coincidencia o mesmo appello que fiz pelas columnas do já citado *Diario da Bahia*, e que se lê á páginas 9 e 10 da presente obra. Eil-o:

« Senhores Africanos, não vos envergonheis

---

de ter sido *escravos*; notai que ainda ha muitos escravos em todo o mundo e que vós sois livres; mas assim como tendes mostrado aos vossos libertadores a vossa gratidão, pela dedicação ao trabalho, pelo amor ao próximo, pela cordura dos costumes, pelos vossos sentimentos, enfim, nobres, cumpre-vos ir mais longe, muito longe—mostrar-lhes tambem que sois tão progressistas quanto aquelles; e para este fim, como ha pouco ouvi da bocca de um homem illustre da vossa classe, que eu venero pelo seu saber e virtude, tendes um meio muito facil de demonstrar.

Castro Alves foi o vosso verdadeiro Messias, o vosso libertador. Pois bem: todos os annos no dia do seu passamento, organisai uma procissão cívica, e ide todos, ricos e pobres, sabios e ignorantes, moços e velhos cubrir-lhe o túmulo de flores. Será a mais cabal demonstração de quanto sois gratos e nobres; porquanto taes procissões são o apanagio das civilisações modernas, dos espiritos cultos e altamente progressistas.

E quando a estatua do grande poeta se

---

erguer magestosa em S Salvador; para cujo fim, uma commissão de beneméritos bahianos está agenciando donativos populares, organisai aqui o vosso soberbo préstito cívico, entoai-lhe as devidas Hosanas, e depois parti».

---



## XIX

Não me constando que os bellos versos de Castro Alves tivessem sido traduzidos, quiz eu ser o primeiro a tornal-os conhecidos na bella lingua de Calderon e Cervantes. Meus amigos de Venezuela, grandes poetas, que honram o parnaso americano, enthusiasma-dos com as ligeiras amostras que lhes dei, pediram-me as obras de tão admiravel engenho brasileiro, que é hoje verdadeiramente familiar a muitos literatos daquella florescente nação que o traduziram.

As poesias de Castro Alves, que me atrevi  
a traduzir em lingua castelhana, são estas:

—

BUENAS NOCHES

Buenas noches, María !... En las ventanas  
Se extiende de la luna el rayo pleno;  
¡Buenas noches, María ! es tarde... es tarde...  
¡No me estreches así contra tu seno ! ...

Buenas noches, ...¿ y dices—buenas noches ?—  
Pero... no me lo digas entre besos...  
Desnudo el pecho así no me lo digas,  
Porque en él mis deseos viven presos.

¡Ay ! Julieta del cielo... La calandria  
Modula ya su endecha matutina...  
¿Dices que yo mentí ? Pues no lo niego...  
Fuiste tú quien cantó ; mujer divina !

De *Capuleto en el jardín* derrama  
Venus radiante su postrer destello ;  
Y yo te digo, aunque la aurora brilla,  
Que reina aún la roche en tu cabello.

---

La noche reina aún... Surge, incitante,  
(La blanca espalda sin mantilla alguna)  
El globo de tu pecho en los armiños,  
Como en las nieblas la indolente luna.

Aun es noche... ¡ durmamos, mi Julieta !  
Tu alcoba aromatizan bellas flores:  
—Cierra sobre nosotros las cortinas,  
Que alas del ángel son de los amores...

La blanda claridad de aquella lámpara  
Tus formas besa... voluptuosamente...  
—Déjame calentar tus piés divinos  
Con las caricias de mi labio ardiente...

Si á mis besos, amor de mis amores,  
Tiembla tu alma, como lira al viento,  
En tu movible seno ¡ qué armonías !  
¡Qué escalas de suspiros en tu aliento !...

Canta... la cavatina del delirio,  
Habla, rie, suspira, tiembla, llora...  
Marion ! Marion... si todavía es noche,  
¡Olvida el rayo de la nueva aurora !...

---

Sobre mí como nube tormentosa,  
De tus crenchas desata el denso velo:  
Y déjame dormir... balbuceando:  
¡Buenas noches... hermosa... mi Consuelo !...

Caracas: 14 de enero de 1889.

## EL BUQUE NEGRERO

### I

Estamos en la mar... en el espacio  
Brilla la luna,—blanca mariposa...  
Las nubes y las olas juguetean,  
Como turba de niños bulliciosa.

Estamos en la mar... del firmamento  
Los astros bullen como espumas de oro...  
Y enciéndense en el mar las ardentías,  
Estrellas—¡de su líquido tesoro !

Estamos en la mar... dos infinitos  
Aquí se estrechan con abrazo insano...  
—Azules, y dorados, y sublimes:  
¿Cuál es el cielo ? ¿ cuál el océano ?...

---

Estamos en la mar... suelto el velamen  
Del viento á la caricia clandestina,  
Surca ligera nave por las olas,  
¡Cual por el aire va la golondrina !

¿Viene ó se vá?... De las errantes naves  
Sólo saben el rumbo las estrellas...  
El mar es un Sahara donde cruzan  
Raudos caballos que no dejan huellas.

Feliz quien puede contemplar, abriendo  
Las ventanas de mágico palacio,  
Abajo—el mar... arriba—el firmamento...  
¡Y en el mar y en el cielo—el gran espacio!

¡Oh ! ; qué dulce armonía trae el viento!  
¡Qué música suave hay en las olas !...  
¡Cuán sublime es, Dios mío, oír al lejos  
La voz des la tardías barcarolas !

¡Hombres del mar ! ; oh rudos marineros,  
Tostados por el sol de cuatro mundos !  
¡Niños que las tormentas columpiaban  
En la cuna de piélagos profundos !...

¡Aguardad ! ¡aguardad ! mientras me arroba  
 Esta grande y salvaje poesía !...  
 El mar contra la proa—es una orquesta,  
 ¡Y el viento en el cordaje—es sinfonía !

...¿Por qué huyes así, ligera nave ?  
 ¿Por qué huyes del tímido poeta ?  
 ¡ Oh! quién pudiera perseguir tu rastro,  
 ¡Que semeja en el mar raudo cometa !..

¡Albatrón !... ¡oh señor del océano !  
 Tú, que tienes las nubes por escalas,  
 —Agita sobre mí tuas largas plumas,  
 ¡Albatrón ! ¡ Albatrón !—¡dáme tus alas!...

## II

¡Baja de los espacios, condor del océano!  
 Más y más todavía... no puele el ojo humano  
 Seguir como tus ojos al buque naia l or...  
 ¿Mas qué miro ? ¿ qué escucho ? ¡ qué escenas tan oscuras!  
 ¡Qué voces funerales ! ¡ qué tétricas figuras!  
 ¡Qué espectáculo infame!... ¡ Dios mio ! ¡ cuanto horror !...

## III

¡Era un sueño del Dante !... En la amurada,  
De las lucernas por la luz bañada,  
Se ve sangre manar...  
Crujir de hierros... voces de reproche...  
¡Y hombres se ven, más negros que la noche,  
Fantásticos bailar !...

Negras mujeres, de escaldados ojos;  
Niños ; oh Dios ! en cuyos labios rojos  
Hay hambre y nunca hay pan !  
¡Y jóvenes... desnudas, con espanto,  
Entre aquellos espectros, ya sin llanto ,  
En miserable afán !...

¡Ríe la orquesta irónica, estridente!  
¡Y de la ronda la infernal serpiente  
Muérdelos con furor !...  
Si el pobre viejo en la balumba espira,  
Gritos resuenan...—el azote gira...  
Y bailan ... ¡ oh ! qué horror !...

Presas en los grillos de una misma suerte,  
Pide la muchedumbre á Dios la muerte,  
¡ Y llora y baila así !

Uno de rabia tiembla, otro enloquece.  
 Otro, que en el martirio se embrutece,  
 ¡ Sonriendo, canta allí!

Dá el capitán sus órdenes de mando ;  
 Y al ver que el rojo sol va declinando  
 Sobre el inmenso mar,  
 Exclama, al fulgurar de los luceros :  
 « ¡ Con más fuerza azotadlos, marineros !  
 ¡ Hacedlos más bailar ! »

¡ Ríe la orquesta irónica, estridente !  
 Y el azote — cual rápida serpiente —  
 Muérdelos más, y más ...  
 ¡ Es un sueño del Dante !... Sombras se hunden ...  
 Rezos y maldiciones se confunden ...  
 ¡ Y aplaude Satanás !

## IV

¡ Oh ! Dios de los desgraciados !  
 Responde tú, mi Señor !  
 Si esto es verdad ó mentira ...  
 ¡ Si el cielo vé tanto horror ! ...  
 ¿ Por qué ¡ oh mar ! ¿ por qué no inmolas

---

En el seno de tus olas  
Ese bajel de Satán ?  
¡ Astros ! noches y tormentas !  
Pues que Dios no os pide cuentas ...  
¡ Limpia este mar, huracán ! ...

¿Cuál es la cuna del nauta ?  
¿ En dónde tiene su hogar ?  
¡ Qué le importa ! él canta versos  
Que le enseña el viejo mar ! ...  
Canta ... ¡ la noche es divina !  
Vuela el buque á la bolina,  
Diciendo á su estela adiós ;  
Suelta al viento la bandera,  
Que toca en la azul esfera,  
Dejando nubes en pos ! ...

Del español las canciones,  
Con sus requiebros de amor,  
Recuerdan niñas trigueñas ...  
— ¡ Las andaluzas en flor !  
De Italia el hijo indolente  
Canta á Venecia, sonriente,

---

— Tierra de amor y de afán !  
Y hace del go'fo un Parnaso,  
Leyendo versos del Tasso  
Al resplandor del volcán!...

El inglés, — nauta de hielo,  
Que en el mismo mar nació,  
— Pues Inglaterra es un buque  
Que en la Mancha Dios ancló !  
Recuerda sus patrias glorias,  
Narrando orgulloso historias  
De Nelson en Aboukir ;  
Y el francés, — predestinado, —  
Piensa en lauros del pasado  
; Y en lauros del porvenir !

Los marineros de Grecia,  
— Que ola jónica creó, —  
Bellos piratas trigueños  
Del mar — que Ulises cortó ;  
Hombres — que Fídias tallara,  
Van, en noche pura y clara,  
Versos de Homero á cantar ! ...  
; Oh nautas de todas partes !  
Vuestros buques son baluartes  
En los abismos del mar ! ..

---

¿ Quiénes son los desgraciados,  
Que ya no encuentran en vos  
Más que la risa de aquellos  
Que van del verdugo en pos ? ...  
En vano el bardo interroga ...  
Sigue el buque : y boga y boga ...  
¿ Será un vampiro voraz ?  
Ante la noche confusa,  
Habla tú, severa Musa,  
¡ Musa libérrima, audaz !

Son los hijos del desierto,  
Los predilectos del sol !  
En cuya piel se confunden  
La noche y el arbol ...  
Son los guerreros osados,  
Que con los tigres cebados  
Luchan por su salvación !  
Ayer — simples, fuertes, bravos ;  
Hoy — ¡ miserables esclavos,  
Sin aire, luz, ni razón ! ...

Son mujeres desgraciadas,  
¡ Cual lo fué también Agar !  
Vienen de lejos, sedientas,  
Y agoviadas de pensar ;

Y llevan, por los desiertos,  
Sus hijos ya casi muertos ...  
Y en el seno sangre y hiel ;  
Como Agar sufriendo tanto  
¡ Que ni la leche de llanto  
Le pueden dar á Ismael !

En las arenas distantes,  
Bajo palmas del país,  
Ellas moraban felices  
— Pero ... ¿ Qué es eso ? ... No oís ? ...  
Dios mío ! — es la caravana  
Que fué á robar la africana  
Que reposaba en su hogar ...  
— ¡ Adiós, palmas ! ¡ Adiós, montes !  
¡ Adiós, anchos horizontes  
¡ Adiós, amores ! ... ¡ Al mar ! ...

Después de los arenales  
Llenos de polvo y calor,  
Después de aquellos desiertos,  
El mar, — desierto mayor ! ...  
Y la sed, el hambre . . . ¡ Ay ! cuántas  
Vierten sangre de las plantas,  
¡ Sin sangre en el corazón !  
-- Sale una de la cadena,

---

Pero el chacal en la arena  
Vé en en cuerpo una ración !

Ayer — ¡ la Sierra Leona,  
La guerra, la caza al león !  
Y el sueño manso al relente  
Bajo una constelación ...  
Hoy — en ese buque inmundo,  
Sobre el abismo profundo,  
Con la peste por jaguar ...  
Y el sueño siempre cortado  
Por el — ¡ ay! — de un desgraciado ...  
Y el choque de un cuerpo a' mar !

Ayer — libertad completa,  
Ir por doquiera ó venir ;  
Hoy ... ¡ perversidade humana !  
¡ Ni pueden libres morir ! ...  
Y muérdelos vorazmente  
La encarnizada serpiente  
De la infame esclavitud !  
—Así, la triste cohorte,  
Sin que nadie la contoste,  
Baila ¡ en su propio ataúd ! ...

¡ Oh ! Dios de los desgraciados !  
 Responde tú ¡ mi Señor !  
 Si esto es verdad ó mentira ...  
 ¡ Si el cielo vé tanto horror ! ...  
 ¿ Por qué ¡ ch mar ! ¿ por qué no inmolas  
 En el seno de tus olas  
 Ese bajel de Satán ?  
 ¡ Astros ! ¡ noches y tormentas !  
 Pues que Dios no os pide cuentas ...  
 ¡ Límpia este mar, huracán ! ...

## V

¡ Y su propio estandarte un pueblo presta  
 Para cubrir tan negra cobardía !  
 ¡ Transformándolo en esa oscura fiesta  
 En velo impuro de bacante impía !  
 ¡ Oh Dios ! ¡ oh Dios ! ¿ y qué bandera es ésta,  
 Que en la gavia impudente afrenta al día ?  
 Silencio, Musa ... llora, y llora tanto  
 ¡ Que el pabellón se lave con tu llanto ! ...

El pabellón de mi querida tierra ...  
 La insignia del Brasil, ¡ de su pujanza !  
 Pabellón—¡ que la luz del sol encierra  
 Y el divino color de la esperanza !

De nuestras libertades en la guerra  
 Flameabas de los héroes en la lanza ;  
 Tú, pabellón, de libertad sagrario,  
 ¿ Cómo servir á un pueblo de sudario ? ...

Fatalidad ! Fatalidad ! Inmola  
 En tu fúnebre altar el buque inmundo,  
 ¡ Que así borra la estela que en la ola  
 Dejó al surcar Cclón el mar profundo !  
 Si en él esa bandera nos desola,  
 Si es afrenta y baldón del Nuevo Mundo,  
 No la arboles ¡ ANDRADA ! en tus pinares ...  
 ¡ Cclón ! — ¡ cierra la puerta de tus mares ! ...

---

#### PAGINA REALISTA

(Fragmento de un drama en cuatro palabras)

MARIO (*en el lecho*)

Es tarde ... ! es tarde ! ... Abridme estas cortinas,  
 Dejad la luz arariciár mi frente.  
 ¡ Oh sol ! ¡ novio gentil de las esferas !  
 No te ocultes tén pronto en el poniente ...

SILVIA (*cubriendo la ventana*)

El viento del crepúsculo resfría  
 Tu mórbido su'or ...

## MARIO

Déjala abierta...

La tarde dora mi sudor helado,  
¡ Último lauro de esta vida muerta !

¡ Naturaleza ! ¡ Juventud ! ¡ Crepúsculo !  
¡ Inundad de esplendor mi último día !  
Como el remo sutil se hunde en las aguas,  
Quiero abismarme en ondas de armonía.

¡ Qué amores los que sueñan esos mundos!...  
El silencio es la voz de las tinieblas...  
Sale el gusano de los verdes musgos,  
Sale la estrella de las negras nieblas...

Todo en la tierra su pareja busca  
Para vivir de amor en sombra amena:  
¡ Feliz la tórtola—al volver al nido !...  
¡ Feliz también la abeja—en la colmena!...

Las nieblas flotan, como trenzas negras  
De la andaluza en éxtasis sereno;  
Y entre celajes tímida aparece  
La luna plena—como virgen seno.

Palpita el nido. el cáliz... el regazo...  
¡ Todo de amor palpita en todo el mundo !  
Y tú también me aguardas en tu lecho,  
¡ Oh ! muerte... ¡ novia fiel del moribundo!...

## SILVIA

*(A' media voz, cantando al són de la guitarra)*

Dicen las niñas galantes  
Que las palomas constantes  
—¿ Qué será ?—  
Cuando mueren sus amantes .  
Mueren ellas ¡ delirantes !  
¿ No es verdad ?

Dicen sabios arrogantes  
Que en esas tierras distantes,  
—No acá,—  
Sobre piras humeantes  
Las viudas mueren constantes...  
¿ No es verdad ?

Yo no creo en navegantes,  
Ni en las historias galantes,  
Pues no me dicen verdad ;  
Esas bogeras brillantes  
No hay acá.....

¡ Ay ! pero aun mueren amantes  
De recuerdos penetrantes...  
¿ Quién dirá ?

*(A' los últimos arpegios empieza á llorar)*

MARIO

Deja brillar ¡ oh Silvia ! en la guitarra  
De tu llanto la perla peregrina...  
¡ Eres, cantando, la mujer hermosa !  
¡ Eres, llorando, la mujer divina !...

Las lágrimas son perlas...son espumas  
Hirviendo en el interno cataclismo  
Del oceano ¡ el dédalo insondable  
Del corazón, que es un profundo abismo ! ..

¡ Silvia ! quiero beber la gota de agua  
En tu párpado trémulo, entreabierto,  
Cual lamen las gacelas el rocío  
En las hojas del árbol del desierto...

Y cuando el alma mía abra las alas  
Y éntre en el cielo, en la región serena,  
Irà, sobre mis labios, como un astro,  
Tu lágrima divina ¡ oh Magdalena !

## SILVIA

*(Arrodillándose cerca del lecho)*

Apenas sirven mis llantos  
Para bañar tus cabellos,  
Cual de la corza en los vellos  
Vese el rocío temblar...  
Sobre las flores que aspiras  
Ruede el llanto de mis ojos;  
¡ Cuando pises sobre abrojos,  
Verás mi llanto rodar !...

Humedecerá mi llanto  
El suelo que tú pisares;  
Cuando de sed te abrasares  
¡ Tendrás mi sangre, señor !  
Mis llantos son óleo puro  
Que yo derramo á tus plantas...

*(Mario la levanta, abrazándola)*

Pero si tú me levantas...  
¡ Mis llantos te hablan de amor !

## MARIO

*(Conservándola contra el pecho)*

Sentir que la existencia me abandona,  
Como el sol que desmaya en el poniente,  
Y flotar en las ondas de la tumba  
Como Ofelia en la rápida corriente...

Sentir la sangre hirviendo de mis venas  
—Licor mortal—sobre la boca fría...  
Y mi labio enjugar en tus cabellos,  
Como Rola en las crenchas de María...

De tus brazos hacer los verdes lauros  
De mi existencia, que desmaya insano...  
Y olvidar mi pasado en te regazo,  
Como Byron besando la Italiana...

¡ En tus húmedos labios olorosos  
Saciarme quiero en la postrera cita !  
Y escucharte en las ansias de la muerte  
Cual Fausto la canción de Margarita...

---

Solo así quiero, en medio del banquete,  
Morir, cual huye el sol del horizonte...  
— Aun la copa libando de tus besos,  
¡ Bajo el rosal en flor de Anacreonte !

*(Ha empezado la noche. Un rayo de la luna, penetrando en la alcoba, alumbra el grupo de los amantes).*

SILVIA

¡ Qué palidez, mi poeta,  
Se extiende en la frente tuya !

MARIO

Son los rayos desmayados  
De la fría e blanca luna...

SILVIA

Pero un sudor de agonía  
Tu pecho ardiente extenua...

MARIO

Es el rocío que tiembla  
Al esplendor de la luna...

SILVIA

¿ Pero qué mancha sangrienta  
Sobre tus labios fluctua ?

MARIO

Es la sombra de una nube  
Que pasa bajo la luna...

SILVIA

¡ Ay ! ¡ frío siento tus dedos  
Sobre mi espalda desnuda !

MARIO

Mira... ¿ tú no ves un ángel  
Bajar á mí, de la luna ? ...

SILVIA

¡ Mario ! ¿ No ves quién te llama ?  
¡ Mira ! ¡ Soy Silvia ! la tuya...

MARIO

La muerte tiende sus alas..  
Vuelo al rayo de la luna...

*(Desmaya. Al caer desmayado aprisiona entre su  
mano contraída una trenza de la joven).*

## SILVIA

Con tus dedos para atarme  
Has prendido mis cabellos ;  
Quedo cautiva como ellos,  
Mas libre el alma quedó...  
¡ Sí, pues libre es el deseo  
Que nuestras almas domina !  
¿ No has visto la golondrina  
Que alegre el nido olvidó ?

*(El reloj dá las once)*

¡Yá! ¡ tan tarde ! Y en vano intento  
Abrir tus dedos cerrados  
¡ Como si fueran candados  
Con que el amor me prendió !  
Fero si aquí me aprisionas,  
Otro ya mi alma domina...  
! No has visto la golondrina  
Que alegre el nido olvidó !

*(Inclinándose) y escribiendo en una cartera*

“ Pablo, á las doce te aguardo;  
Mario muere, Mario espira...  
¡ Vien ! que tu amante delira,  
Pues cautiva se quedó...”

## MARIO

*(Que ha leído por arriba del hombro de ella)*

¡Silvia, mis dedos se abrieron.  
Eres libre... ¡él te fascina!...

*(Muriendo)*

¡Mi alma es cual golondrina  
Que alegre el nido olvidó !...

Caracas: junio de 1889, (157)

Desde que procurei tornar conhecidos nas repúblicas sul-americanas os principaes poetas brasileiros, (158) porque não hão de os nossos literatos, por sua vez, já que se acham tão íntimamente familiarizados com os europeus (principalmente os francezes) procurar conhecer os poetas e prosadores americanos, quando os ha, em nada inferiores aos do velho mundo ?

---

A não ser Edgar Poe e Longffellow, grandes poetas mortos da América do Norte, os seus actuaes continuadores nos são completamente estranhos. E os grandes poetas de Venezuela e do México ? E os do Chile e do Paraguay, da Argentina e do Esado Oriental, do Perú e da Bolivia ?... E' imperdoavel a ignorancia dos nossos literatos em relação ao grande movimento que se manifesta em todas essas florescentes literaturas contiuetas.

Venezuela tem estes poetas, de primeira grandeza : Andrés Bello, o cantor de *La Zona Tórrida* e do poema *América* : os irmãos Calcaño, (159) verdadeira dytastia reinante do talento ; Jacinto Gutiérrez Coll ; Heráclio Martín de la Guardia ; Felipe Tejera ; Marco-Antonio Saluzzo ; Diego Jugo Ramirez ; Manuel María Fernandez ; Santiago Gonzales Guinán ; Vicente Coronado, Domingo Santos Ramo ; Félix e Simón Soublett, (pai e filho) ; Domingo Ramón Hernandez ; Heriberto Garcia de Quevedo ; M. Pardo e José Antonio Maitin ; Abigail Lozano ; Aran-

da y Ponte ; Perez Bonalde, o grande intérprete dos cantores germânicos, e tantos outros.

O México tem : Manuel Acuña, Díaz Mirón e Juan de Dios Peza ; Cuba tem: Plácido, José Maria Herédia e a grande poetisa Gertrudis Gomez de Avellaneda ; o Chile : Palemón Huergo, Balcarce e Inurraieta ; o Paraguay: Navas e Echeverría ; a Argentina : Mármol, Albistur, e a poetisa Josefina de Sagasta ; o Estado Oriental : Rivera Indarte e Estanislau del Campo ; o Perú : Lacasa e Godoi ; a Bolivia : Benjamín Blanco e tantos outros poetas e poetisas, cujos nomes deixo de citar, por não ter agora á mão o interessante *Parnaso Boliviano*, que me desapareceu da estante. (160)

Depois de Venezuela e o Brasil, os países americanos onde se encontram em maior número poetas eminentes são : a Bolivia, com vinte e tantos, de grande mérito, e o México, com os seguintes : Esther Tapia, Laura Mendez, e Isabel de Landázuri, Manuel Acuña, José Rosas, José Maria Vigil,

---

Manuel M. Flores, Ignacio Ramirez, Agustín Cuesta, Justo Sierra, Manuel Peredo, Guillermo Prieto, Peon Contreras, Hajar y Haro, Gomez Vergara, Riva Palacio, Cósmes, Téllez, Gustavo Baz, Gallardo, José Monroy, Olaguibel, Ortiz, Ignacio Altamirano, Anselmo Alfaro e Juan de Dios Peza.

E' tempo, porém, de concluir.

Para fechar com chave de ouro este modesto pórtico do futuro monumento de Castro Alves, aqui deixo uma synthese, até hoje completamente desconhecida, do seu immortal poema. São ligeiros apontamentos a lapis, que encontrei entre os seus autógraphos, mas que dão a idéa do poenia que a morte não o deixou concluir:

#### OS ESCRAVOS

«E' noite! No alto de uma montanha Stenio e o Bardo escutam as vozes ignotas da natureza.

O espirito profundo de Stenio serve de in-

~~~~~  
térprete ás lamentações da terra. (Africa—
vozes)...

Uma tristeza profunda tem-lhe eivado a an-
cia de viver.

Emma — o espírito que Deus havia creado
noiva do seu poeta, acaba de morrer — isto
é — attingir a perfeição.

Theoria do Spiritismo.

Differentes vidas, destas duas almas, atra-
vez dos séculos...

Agar ! O Ilota ! O Gaulez, etc., são as di-
versas encarnações

A noite transmonta o meio... A chamma da
fogueira chama ao valle os dois amigos.

A casa do caçador.

Stenio dorme...

Manuscriptos de um sonhador.

Quando a manhã desponta o precito toma
o caminho do túmulo de Emma.

Como suas almas vão viver juntas noutros
mundos, suas cinzas repousarão á sombra da
mesma grama.

Inda um momento o seu vulto se destaca
na montanha...

Rompe o sol ».

Não por um momento, mas por toda a eternidade, o vulto de Castro Alves ha de se destacar na montanha da poesia brasileira.

Rompeu para o seu nome o sol glorioso da posteridade !

XX

QUADRO SYNÓPTICO DAS PRINCIPAES ÉPOCHAS
DA VIDA DE CASTRO ALVES

QUADRO SYNOPSIS DAS PRINCIPAES EPOCAS DA VIDA DE CASTRO ALVES — POR MUCIO TEIXEIRA

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1847	1 — Nasce a 14 de Março, na fazenda das <i>Cabaceiras</i> (Bahia) filho do Dr. Antonio José Alves e D. Clelia Brásilia da Silva Castro. — 2, Neste mesmo anno é baptisado na freguezia de Muritiba.	1 — Informações de familia e notavel coincidência. — 2, certidão de baptismo, impressa no capitulo III desta obra.	Vide supra. Pag. 31, 33 e 56.
1854	1 — O Dr. Antonio José Alves é nomeado lente de clinica externa da Faculdade de Medicina da Bahia e fixa residencia na capital, trazendo de sua fazenda sua esposa e tres filhos varões: José Antonio Alves, de oito annos de idade; Antonio de Castro Alves, com sete annos; e Guilherme de Castro Alves, com um anno.	1 — <i>Carta</i> do Dr. José Alves Guimarães a Mucio Teixeira, e artigo publicado no <i>Diario da Bahia</i> de 14 de Março de 1895, intitulado <i>O Berço de Castro Alves</i> .	Pag. 38 e 43
1855	1 — Passa Castro Alves os felizes tempos da infancia na risonha e confortavel quinta de propriedade paterna A <i>Bôa-Vista</i> , mais	1 — Capitulo III desta obra.	Pag. 39.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1856	<p>tarde proprio provincial e actualmente o <i>Asylo de S. João de Deus</i> (hospicio de loucos).</p> <p>1—Castro Alves e seu irmão José Antonio são internos no collegio Sebrão, que funcionava então no predio que serve actualmente de palacio do governo.—2 Os dois irmãos distinguem-se pela precocidade do talento, contrastando o espirito saltitante do nosso poeta com o de José Antonio, profundamente melancólico.</p>	<p>1 -- Informações de familia, corroboradas pelo testemunho de condiscipulos que ainda vivem.</p>	Pag. 39.
1858	<p>1—Castro Alves e seu irmão José Antonio são internos no <i>Gymnasio Bahiano</i>, onde continuam a estudar primeiras letras.—2 A imaginação de Castro Alves apenas se manifesta nos seus desenhos; José Antonio revela-se poeta.</p>	<p>1—<i>Ibid.</i>—2—».</p>	Pag. 47.
1859	<p>1—Castro Alves escreve os seus primeiros versos, inferiores aos de seu ir-</p>	<p>1—<i>Ibid.</i> 2, Alexandre Herculano</p>	Pag. 43, 44 e No-

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1860	<p>não José Antonio.—2, Morre D. Clelia Brasília da Silva Castro, a 10 de Abril deste anno, deixando tres filhos varões e tres filhas de tenra idade: Elisa, Adelaide e Amelia.</p> <p>1—São publicações os primeiros versos de Castro Alves, a instancias do director do <i>Gymnasio Bahiano</i>, Dr. Abilio Borges, mais tarde Barão de Macahubas.—2, O Dr. Antonio José Alves reprova a publicação de taes versos, que não lhe pareciam dignos de publicidade.—3, José Antonio, que por occasião da morte de sua mãe tentara suicidar-se, abandona por muitos mezes o cultivo da poesia, abysmado sempre na mais profunda tristeza.</p>	<p>Ladislau, no seu <i>Esboço Biographico de Castro Alves</i>, diz erradamente ter fallecido a mãe do poeta em 1861.</p> <p>1—<i>Poesias e Allocuções</i> « recitadas nos outeriões ou festas literarias e patrióticas, havidas no <i>Gymnasio Bahiano</i> a Dois de Julho e Sete de Setembro do corrente anno. Bahia Typ. do <i>Diario</i>, 1860. (Um folheto, de 10 págs.)—2, Informações de familia.</p>	<p>as deste volume.</p> <p>Pag. 47, 48 e <i>N.º</i> 48 das <i>Notas</i> deste volume.</p>

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1863	<p>1—Castro Alves e seu irmão José Antonio estudam os últimos preparatórios no Recife, escrevendo ambos poesias, mas sendo as de seu irmão incontestavelmente superiores.—2, Castro Alves faz magnificas caricaturas.</p> <p>1—José Antonio adoece gravemente, e regressa á Bahia em Março deste anno.—2, Castro Alves matricula-se no 1.º anno do curso jurídico da Faculdade do Recife.—3, Começa a publicar e a recitar em público as suas poesias; Tobias Barreto, considerado o primeiro poeta acadêmico, presta a devida homenagem a Castro Alves, estima-o e offerece-lhe a sua poesia <i>Os oito annos</i>, cuja dedicatória, Sylvio Romero riscou do livro <i>Dias e Noites de Tobias</i></p>	<p>actualmente á D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.</p> <p>1—<i>Carta do Dr. Augusto Alvares e Notas</i> Guimarães a Mucio de Teixeira.—2, <i>Ibid.</i> l.ume.</p>	Pag. 44
1864	<p>1—<i>Castro Alves</i>, esboço biographico por A. H. Ladschau.—2, <i>Annaes da Academia de Pernambuco</i>.—3, <i>Imprensa diaria e revistas acadêmicas do Recife</i> em 1864.</p>	<p>1—<i>Castro Alves</i>, esboço biographico por A. H. Ladschau.—2, <i>Annaes da Academia de Pernambuco</i>.—3, <i>Imprensa diaria e revistas acadêmicas do Recife</i> em 1864, e <i>prólogo dos Dias e Noites de Tobias</i></p>	Pag. 44, 48 e 65.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1865	<p>Tobias.—4, Castro Alves publica brilhantes crônicas literarias e theatraes, um notavel juizo-critico sobre as <i>Poesias</i> de A. A. de Mendonça, sendo considerado grande poeta e distincto prosador.—5, E' approved <i>simplesmente</i> no 1.º anno de direito, por imposição de um lente ultra-montano, que ficara indignado ao ouvir-o recitar no theatro a sua bella poesia <i>O Século</i>; isto feriu o orgulho de Castro Alves, que se viu obrigado a repetir o an-dramática de Furtado Coelho, de que era primeira ingénuua a actriz que se torna a amante ostensiva de Castro Alves.—7, Entouquece na Bahia o seu irmão José Antonio.</p> <p>1—Morre na Bahia o Dr. Antonio José Alves, no dia 24 de Janeiro deste anno, precisamente quando completava o 3.º</p>	<p>Barreto.—4, <i>O Furo</i>, do Recife, ns. de Junho a Setem-bro de 1864.—5, Annaes da. Acadé-mia, e <i>Diario da Bahia</i> de 4 de Setembro de 1871.—6, <i>Carta</i> do Dr. Augusto Alvares Guimarães a Mucio Teixeira.—7, <i>Ibid.</i></p> <p>1—<i>Biographia do Dr. Antonio José Alves</i>, pelo Dr. Pa-182, e No-</p>	<p>pag. 48, 52, 76 a</p>

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	<p>aniversario do seu segundo casamento.—2, Castro Alves frequenta de novo as aulas do 1.º anno da Faculdade de Direito do Recife.—3, Continua a recitar e a publicar as suas magnificas poesias, improvisa discursos patrióticos diante dos batalhões que marcham para a guerra do Paraguay, e aos louros de poeta e prosador e reúne os de notavel orador. A mocidade acclama-o o primeiro poeta da academia.—4, Tobias Barreto, vendendo-se de-thronado por um poderoso rival, que apenas contava 18 annos de idade, tor-na-se inimigo rancoroso de Castro Alves, dá-lhe combate em todo o terreno: para feril-o no seu amor pela actriz, improvisa-se campeão de outra dama da mesma companhia dramatica e organisa um par-tiào theatral. Castro Alves é o chefe do outro partido, arrasta com a sua inspi-</p>	<p>cifico Pereira, director da Faculdade de Medicina da Bahia.—2, Annaes da Academia do Recife.—3, Imprensa pernambucana de 1865.—4, <i>Ibi d.</i>, <i>Hist. da Lit. Bra-sileira</i> por Sylvio Romero, pág. 1386.—5, Annaes da Academia do Recife.—6, A capa des-</p>	<p>tas deste volume.</p>

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO	
1866	<p>ração e assombrosa eloquencia a academia e os mais distinctos moços do functionalismo público e do commercio; além disso, estão do seu lado os poetas e mais brilhantes talentos da academia: — Plínio de Lima, Augusto Guimarães, Victoriano Palhares, Guimarães Cerné, Genérino dos Santos, Guimarães Júnior, e outros.—</p> <p>5, E' approvado plenamente nas materias do 1.º anno.—6, Tira o seu segundo retrato, em photographia.—7, Morre no Curralinho seu irmão José Antonio Alves.</p> <p>1—Matricula-se no 2.º anno da Academia de Recife.—2, Continuam as lutas dos dois partidos theatraes, passando Castro Alves e Tobias Barreto dos camareotes e bastidores do theatro Santa Isabel para as columnas da imprensa.—3, Castro Alves, volta-se para um assumpto digno do seu talento: começa a escrever</p>	<p>a Mucio Teixeira, conjuntamente com uma madeixa dos cabellos do poeta, cortados logo depois de ter elle expirado.</p>	<p>1—Annuaes da Faculdade do Recife.—2, Imprensa diaria, e especialmente <i>A Luz</i>, <i>O Futuro</i>, e a <i>Revista Literaria</i>, publicadas no Recife</p>	<p>Pag. 57 a 65, 78 a 82, e <i>Notas</i> deste volume.</p>

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	<p>o poema dos <i>Escravos</i>.—4, A companhia de Furtado Coelho sai de Pernambuco, ficando a sua primeira actriz com Castro Alves, indo habitar os dois amantes nuns dos mais pittorescos arrabaldes do Recife.—5, Castro Alves é approvado plenamente nas materias do 2.º anno juridico.</p> <p>6 Regressa á Bahia, trazendo a actriz em sua companhia, indo morar com ella no poético retiro da <i>Boa-Vista</i>, onde passara os risonhos tempos da infancia.—7, Pagnudes Varella é seu companheiro de viagem, demorando-se apenas alguns dias na Bahia.</p>	<p>(1864-1865), — 3, <i>Carta do Dr. Augusto Alvares Guimarães a Mucio Teixeira</i>, e <i>A Litteratura Brasileira</i>, synthese historica, por Mucio Teixeira, no tomo IV, págs. 366 a 379 da <i>Revista Brasileira</i> de 15 de Dezembro de 1895.—4, Informações de contemporaneos do poeta na Academia do Recife.—5, <i>Annuaire da mesma Academia</i> —6, <i>Informações de</i></p>	

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1867	<p>Abandona os estudos académicos, vindo inteiramente entregue ao amor e á poesia.—2, Collabora nas principaes fôlhas da Bahia, e lê os melhor-s poetas nacionaes, francezes, italianos e hespanhóes.—3, Começa a escrever o poema <i>A Cachoeira de Paulo-Afonso</i>; adianta o poema dos <i>Escravos</i>, do qual escreve o <i>prólogo</i>; prepara-se para ir ver a prodigiosa catadupa do rio S. Francisco, a fim de poder descrevel-a vivamente, mas é removido desse proposito por motivos de ordem subalterna.—4, Escreve o drama <i>Gonzaga</i>, que é em seguida levado á scena, na noite de 7 de Setembro deste anno, no theatro S. João. O papel de Maria é magistralmente representado por Eugenia Câmara, e o de Gonzaga pelo Brito, Senna e Ro-</p>	<p>parentes e amigos, da Bahia. 1—<i>Ibid.</i>—2, Imprensa da Bahia em 1867 e informações de inifimos do poeta.—3, <i>Carta do Dr. Augusto Alves</i> e <i>res</i> Guimaraes a Mucio Teixeira, e <i>Carta de Castro Alves</i> ao Dr. Augusto Alves—4, <i>res</i> Guimaraes.—4, Juizo-critico do Conservatorio Dramático da Bahia.</p>	<p>Pag. 63 a 73, 85 a 88, 140 a 149, e <i>Notas</i> deste volume.</p>

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	<p>actor Lapa Y'itta. Castro Alves é repetidas vezes chamado á scena e victoriado no fim de cada acto; finda a representação, é coroado em scena aberta, os espectadores todos de pé na platéa, applaudindo freneticamente, e as senhoras, tambem de pé, agitando os lenços dos camarotes. Finalmente é conduzido em triumpho ao hotel, onde seus admiradores lhe offerecem sumptuoso banquete. Poetas e oradores recitam poesias e improvisam entusiásticos discursos ao dramaturgo e poeta.—5, Recita Castro Alves numa festa do <i>Gremio Litterario</i> a sua poesia <i>O Livro e a America</i>, e no theatro S. João as décimas <i>As Doas de Julho</i>, neste grande dia bahiano, e as oitavas <i>Quem dá aos pobres empresta a Deus</i>, por occasião do Gabinete Portuguez de Leitura offerecer o producto dum beneficio ás</p>	<p>zendo Muniz, todas a Castro Alves, recitadas no theatro S. João e publicadas no <i>Diario da Bahia</i> (Setembro de 1867); noticias do mesmo jornal e outras folhas locais, e <i>Carta de Castro Alves ao Dr. Augusto Alves</i> em <i>Guimarães</i>.—5, <i>Espumas Fluctuantes</i>, 1.^a edição, págs. 1, 5 e 25.</p>	

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSAO
1868	<p>familias dos soldados brasileiros mortos na guerra do Paraguay, sendo sempre delirantemente applaudido.</p> <p>1—Segue, com a sua amante, para o Rio de Janeiro, com destino a S. Paulo. Ahi, durante a sua passageira estada, lê ante selecto e numeroso auditorio o seu drama <i>Gonzaga</i>, sendo ruidosamente applaudido e merecendo da imprensa fluminense os mais justos conceitos.—2, Augusto Emilio Zaluar offerece um banquete a Castro Alves. José de Alencar e Machado de Assis apresentam o poeta do norte ao publico do sul do Brasil.—3, Chega Castro Alves a N. Paulo e matricula-se no 3.º anno da Faculdade de Direito.—4, A mocidade acadêmica e a imprensa paulistana recebem o laureado poeta como um triumphador. Em Março deste anno recita pela primeira vez em</p>	<p>1—<i>Carta</i> do Dr. Augusto Alvar es Guimarães a Mucio Teixeira, — e <i>Im- e Notas</i> imprensa fluminense de Fevereiro de 1868).—2, Informa- ções verbaes de Augusto Emilio Za- luar, Carlos Fer- reira e Francisco Octaviano a Mucio Teixeira; e o <i>Cor- reio Mercantil</i> do Rio de Janeiro (22 de Fevereiro e 1 de Março de 1868).—3,</p>	<p>Pag. 97, 105, a 110, 139, a 140 e <i>Notas</i> deste vo- lume.</p>

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	<p>S. Paulo, num sarau literario onde se achavam lentas da Faculdade. A poesia recitada, foi <i>Sub tegmine fagi</i>, não <i>A visão dos Mortos</i>, como se lê na <i>Homenagem a Castro Alves</i>, da Academia de S. Paulo, commemorando o decennario da morte do poeta. Instado para que recitasse mais versos seus, recitou então <i>As duas ilhas</i> e em seguida <i>A visão dos Mortos</i>, provocando delirios de enthusiasmo. «Si algum dia obtive um triumpho não foi noutro logar», escreveu elle. Essas poesias foram publicadas nos jornaes do dia seguinte, que as precederam de merecidos louvores. Conquista neste anno a consagração de primeiro poeta brasileiro do seu tempo.—5, E, approved plenamente nas materias do 3º anno juridico.—6, Tira o poeta neste anno o seu terceiro retrato, em photographia.</p>	<p>Annaes da Academia de S. Paulo.—4, Imprensa de S. Paulo, informações verbaes de Ferreira de Menezes, Carlos Ferreira, Joaquin Nabuco e Saldaña Marinho a Mucio Teixeira, Carta de Castro Alves ao Dr. Augusto Alvares Guimarães, e <i>Subsidios Literarios de Guilherme Bellegarde</i>, tomo I págs. 335 a 336.—5, Annaes da Faculdade de Direito de S. Paulo.—</p>	

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
1869	<p>1—Matricula-se Castro Alves no 4º anno da Faculdade de S. Paulo.—2, Motivos de ordem moral obrigam o poeta a abandonar a actriz.—3, O amor e a saucade, exacerbados pela violencia do ciuime, provocam uma prolongada luta intima entre o sentimento e o dever. Castro Alves, até então sempre expansivo, transforma-se repentinamente num melancólico, contemplativo e taciturno. Passa os dias inteiros em casa, a ler, sem produ-</p>	<p>6, Este retrato foi o que serviu para a copia, em ponto grande, que se vê na página principal do <i>Eco Americano</i>, de Londres, n.º de 9 de Setembro de 1871.</p> <p>1—Annaes da Academia de S. Paulo.—<i>Carta</i> do Dr. Augusto Alves Guimarães a Mucio Teixeira.—3, Informações de Carlos Ferreira, Felisardo Júnior, Ferreira de Menezes e Joaquim Na-</p>	<p>Pag. 127, 155 a 168, e <i>Notas</i> deste volume.</p>

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	<p>zir. Seus únicos passeios são por fora da cidade, de espingarda, mas sem caçar. Numa dessas excursões, a 11 de Fevereiro deste anno, dispara casualmente um tiro no calcanhar, sendo considerado grave o ferimento. Faz repetidas operações, perdendo muito sangue, o que o prostrou profundamente.—4, E creve então (em Março) a poesia <i>Quando eu morrer</i>, «julgando repousar em terra estranha». —5, Manifesta-se a gangrena no calcanhar, segue immediatamente para o Rio de Janeiro, onde o notavel cirurgião D. Martheus de Andrade lhe faz a amputação do pé, pelo tornozelo. Sofre muito, passando mezes numa posição forçada, manifestando-se os primeiros symptomas da tuberculose pulmonar.—6, Durante todo esse tempo apenas escreve 5 poesias e traduz uma <i>Elegia</i> de Lamartine.—7, Re-</p>	<p>buco a Mucio Teixeira.—4, <i>Espumas Fluctuantes</i>. 1.^a edição, págs. 187, 188 e 205.—5, <i>Carta de Dr. Augusto Alves</i> e <i>Guimaraes a Mucio Teixeira</i>.—6 São as que se intitulam: <i>A volta da primavera</i> (em Junho), <i>Marmarios da tarde</i> (12 de Outubro), <i>Immens's orbibus anguis</i> (13 de Outubro), <i>O tonel das Danairos</i> (14 de Outubro) e <i>E' tarde!</i> (3 de Novembro). <i>Lamartine</i>.</p>	

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	<p>gressa, em Novembro, á Bahia, «<i>silenciosa</i>» <i>ten-</i> <i>e alquebrado</i> (na sua propria phrase) <i>ten-</i> <i>do por unica ambição a esperança de re-</i> <i>poso em milha patria». No seio da fami-</i> <i>lia occupa-se em organizar as poesias do</i> <i>volume Espumas Fluctuantes, unico que</i> <i>viu publicado. —8, Le as primeiras poesias</i> <i>de seu irmão Guilherme de Castro Alves,</i> <i>e anima o com verdadeira confiança no</i> <i>talento delle. —9, Traduz duas poesias de</i> <i>Myron, uma a 15 e outra a 23 de Dezem-</i> <i>bro deste anno.</i></p>	<p><i>neanas, poesias de</i> <i>Afonso de Lamar-</i> <i>tine traduzidas por</i> <i>Poetas Brasileiros</i> <i>páes. 49 a 51 da</i> <i>edição de 1862. —7,</i> <i>Prólogo das Espu-</i> <i>mas Fluctuantes</i> <i>escripto já na Ita-</i> <i>lia. —8, Guilherme</i> <i>de Castro Alves</i> <i>rasgou mais tarde</i> <i>essas poesias, de</i> <i>um lyrismo singelo</i> <i>e inspirado, vindo</i> <i>a publicar em 1875</i> <i>versos de outra es-</i> <i>cola, no volume in-</i> <i>titulado Raios sem</i> <i>Luz, com o pseu-</i></p>	

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSAO
1870	<p>1—E' grande a commoção da familia e dos amigos, vendo o joven poeta afeiçado e quasi moribundo.—2, Castro Alves morra com suas irmãs, seu irmão Guilherme, e a viuva de seu pai, na grande casa n.º 50 da rua Sodré (tem actualmente, o n.º 24 e onde funciona o Collegio Florentino.—3, Escreve em Janeiro a <i>Dedicatória</i> e em Fevereiro o <i>prólogo</i> do volume das <i>Espumas Fluctuantes</i>; escreve tambem os versos intimos <i>Onde estás?</i> e as vinte e duas quadras da <i>Poesia e mendi-</i></p>	<p>dônimo <i>D'Alva Xavier</i>.—9, <i>A uma taça feita de um cranio humano e As Trevas</i>, ambas publicadas no volume das <i>Espumas Fluctuantes</i>.</p>	<p>1—<i>Carta do Dr. Augusto Alvarés Guimarães a Mucio Teixeira</i>.—2, <i>Ibid.</i>—3, <i>Espumas Fluctuantes</i>.—4, <i>Pesquisas de Mucio Teixeira</i>, examinando as datas das poesias impressas e confrontando os autographos de</p>

Pag. 158, 169, 186 a 188, e *Notas* deste volume.

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSAO
	<p><i>cidade</i>, no album de uma senhora amiga da familia.—4, Segue em Fevereiro para o Curralinho, com destino à fazenda de Santa Isabel, escrevendo em caminho os versos de um <i>va-jante</i>.—5, Melhora muito com os ares, restau-radores do sertão, len-do e escrevendo habitualmente à sombra de um tamareiro, de que faz no dia 1.º de Maio um <i>croquis</i> a lapis, representando a grande árvore centenaria no primeiro plano, tendo ao fundo uma habitação campestre por traz dum cercado e duma palmeira.—6, Visita muitas vezes a casa da fazenda de Santa Isabel, fazendo sempre os seus passeios a cavallo.—7, As suas poesias deste periodo exprimem as alter-nativas da sua saude, pintando ora os seus desalentos ora as suas esperanças, sempre a sauda-de da amante: <i>As duas flo-</i></p>	<p>Castro Alves. <i>Car-ta</i> de Castro Alves ao Dr. Augusto Al-vares Guimarães.—5, Pesquisas do au-ctor deste livro.—6, <i>Ibid.</i>—7, <i>Ibid.</i>—8, <i>Ibid.</i>—9, Teste-munho dos literatos presentes.—10, In-formações da fam-ilia do poeta.—11, E-o que se vê na pre-sente edição desta obra.—12, Um vo-lume, in-8.º com-primido, typo miúdo, bo-a impressão e excellentes papel, de 10 páginas não</p>	

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	<p>res (Marco); <i>Horas de saudade</i> (2 de Abril); <i>O Hospede</i> (29 de Abril); neste mez passa mal, quasi morre); <i>Pelas sombras</i> (5 de Junho); <i>Fé, Esperança e Caridade</i> (20 de Junho); <i>Os Perfumes</i> (21 de Junho); <i>A uma estrangeira</i> (2 de Julho); <i>A meu irmão Guilherme de Castro Alves</i> (Julho); <i>Uma página de escola realista</i> (13 de Julho); <i>Madrid e Veneza</i>, traducções de Alfr. de Musset (ambas a 27 de Julho); <i>Sí eu te dicesse</i> (15 de Agosto); <i>O derivado amor de Byron</i> (21 de Agosto); <i>Os Anjos da Meia-Noite</i> (28 de Agosto); <i>Octavio</i>, trad. de Musset (30 de Agosto); <i>Chanson</i>, (trad. de Musset (31 de Agosto). — 8, Regressa á capital nos primeiros dias de Setembro; começa então a última phase de sua vida, tão curta quão agitada e fecunda. A 14 de Setembro escreve a poesia <i>Deusa incruenta</i>, que é recitada,</p>	<p>numeradas e mais 204 páginas, em cujo frontispicio se lê: ESPUMAS FLUCTUANTES — POESIAS DE CASTRO ALVES Estudante do quarto anno de direito de S. Paulo — BAHIA 1870</p>	<p>No reverso lê-se: <i>Typo de Camillo de Lellis Masson & C.</i></p>

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSAO
	<p>no theatro S. João, em presença do auctor, pelo seu amigo desembargador Palma.—9, A 2 de Outubro os poetas e principacs escriptores da Bahia offerecem uma sessão litteraria a Castro Alves, na propria residencia do poeta, que recaira em Novembro, por ter ido ao theatro. Castro Alves lê o poema dos <i>Escravos</i>, e improvisa as duas estrophes (ainda inéditas) que intitulou <i>Depois da leitura dum poema</i>. Castro Rebello faz a sua estrêa litteraria nesta noite, recitando versos seus a Castro Alves.—10, Castro Alves memoriosamente, e produz vertiginosamente.—11, Tira então (pela quarta vez) o seu último retrato, em photographia.—12, E' publicado o volume das <i>Espumas Fluctuantes</i>, recebido com unanimem applausos da imprensa, lido sofredamente pela nocidade das academias, te,</p>	<p>O livro tem a seguinte dedicatória: <i>A memoria de meu Pai, de minha Mãe e de meu irmão</i>.—O D. C.—Contém as seguintes composições: <i>Prólogo</i> (em prosa) <i>Dedicatória</i> (em 3 oitavas). O prólogo é impresso em typo normando, pequeno, e a dedicatória em phyllographia, corpo 10. Setenta e seis sonetos dos <i>Arquivos da Meia-Noite</i>, todas originaes,</p>	

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	<p>se nesses interessantes namoros; envol- ve-se em occultas intrigas amorosas, seu nome é citado em conquistas difficeis e escândalos ruidosos, principalmente o que provocou a brusca retirada para paiz estrangeiro de uma joven viuva, rica, instruida e bella.—2, Reapparece o poeta na sociedade, recitando suas poesias nos principaes salões e pela última vez no theatro, de suas primitivas glorias, o S. João.—3. As mais bellas mulheres da Bahia sabem a hora em que Castro Alves deve passar a cavallo, esperando-o á ja- nela todas as tardes. Os homens mais considerados honram-se das relações do poeta, os literatos disputam a sua inti- midade, velhos e moços descubrem-se na rua á sua passagem: é apontado com o dedo a estrangeiros e recém-chegados. Os rapazes elegantes procuram imitar a</p>	<p>corroboradas pelo testemunho dos 4, Informações de família.—5, <i>Ibid.</i>, e a seguinte carta a Castro Alves: «Bahia 11 Fevrier 1871. MONSIEUR CAS- TRO ALVES, Bahia. La société SOUSCRIPTION PERMANENTE DE SEIYURS POUR LES VI- CTIMES FRANÇAISES DE LA GUERRE, qui s'est organisé hier, tou- ché de la manière avec laquelle vous avez docus vos vers</p>	

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	<p>sua maneira de trajar e pentear-se.—4. Entregue dia e noite a excessos de gozo e de trabalho intellectual, reapparecem os symptomas da terrivel enfermidade.—5. Na noite de 9 de Fevereiro, já com difficuldade, vai ainda ao theatro, onde recita a sua poesia <i>No meeting do Comité du Pain</i>, sendo freneticamente applaudido, mas peiorando muito nessa mesma noite, ao ponto de nem poder subir a escada de sua casa, sendo por Augusto Guimarães e Guilherme de Castro Alves levado em braços para o leito.—6. Nunca mais sai de casa, dividindo o tempo com a familia, os amigos e a elaboração febril do grande numero de suas ultimas poesias. Percebe a aproximação da morte e sente não poder viver «mais dois annos» para limar as suas poesias e completar a sua obra.—7. Castro Alves publica uma <i>Carta ás</i></p>	<p><i>si éloquents et si charitableuse, plaidé la cause de nos matres, me charge, Monsieur, de vous transmettre avec toute sou admiration pour votre talent et tout sa reconnaissance pour votre sympathie, au noms que nous vous prions d'agrecer au nome de la Colónia Française de Bahia. Merci donc, Monsieur, au nom de nous tous et merci surtout au nom de</i></p>	

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSAO
	<p><i>Senhoras Babinas</i>, em prol dos captivos. —8, No dia 15 de Junho escreve seus últimos versos, inéditos ainda, que se intitulam <i>Gesso e Bronze</i>. —9, No dia 29 de Junho não consegue levantar-se da cama, progredem os padecimentos, chegando por vezes a desejar a morte como unico alivio. Na véspera do dia fatal, ouvindo o relógio dar meia-noite, disse: «Ainda mais um dia de sofrimento!», —10, Na manhã de 6 de Julho confessa-se, e morre ás 3 1/2 horas da tarde, cercado das tres irmãs, seu irmão Guilherme, sua madrastra, seu cunhado Francisco Lopes Guimarães, e seu melhor amigo, e futuro cunhado, Dr. Augusto Alvares Guimarães, e o seu velho amigo Dr. Franco Meirelles. —11, O saído, do primeiro andar do sobrado, onde expirou Castro Alves, é transformado em câmara ardente. Logo</p>	<p><i>nos freres malheureux. J'ai l'honneur, Monsieur, de vous présenter mes salutations les plus distinguées. Le secrétaire: Eug. Marsóo</i>. —6, Informação de familia. —7, <i>Abolista</i> n. 4, de 30 de Abril. —8, Exame dos autographos de Castro Alves, todos por elle dados. —8, l'este-munho de D. Adelaide de Castro Alveides. —9, <i>Ibid.</i> —10, <i>Ibid.</i> —11, <i>Correio da</i></p>	

ANNO	FACTOS	FUNDAMENTO	DISCUSSÃO
	<p>depois do cadaver amortalhado, sua irmã Adelaide corta uma madeixa dos bellos cabellos do poeta.—11, No dia 7 de Julho às 9 horas da manhã, tem lugar o saíento do cadaver de Castro Alves; o féretro é levado á não desde a casa da rua do Soliré n. 50 (hoje 23) até o alto da madeira, sendo aí depositado no carro fúnebre que o leva ao cimiterio do Cambo Santo. Acompanharão, em piedoso recolhimento, seus parentes e amigos e quasi todos os poetas e escriptores da capital, não sendo maior a concurrencia devido á hora.—12, Diante da catacumba, o Dr. Rozendo Muniz proferiu um discurso e João de Brito recitou a sua poesia <i>Castro Alves</i>.</p>	<p><i>Bahia de 7 de Julho, Diario da Bahia e Jornal da Bahia</i>, ambos de 8 de Julho.—12, <i>Discurso panegyrico</i>: que se lê nesta obra á pag. 218 e a poesia que se lê na respectiva nota.</p>	

NOTAS

NOTAS



RETRATOS DE CASTRO ALVES

Os dois retratos que ornão a presente edição foram copiados de photographias pelo notavel artista bahiano MANUEL LOPES RODRIGUES.

A allegoria da capa, onde se destaca o busto do poeta, na idade de 18 annos, época em que escreveu a ode *A Pedro Ivo*, é de uma inspiração realmente digna do assumpto.

O retrato da página de honra, copiado de uma photographia tirada 6 mezes antes do fallecimento do joven poeta, é o único até hoje conhecido pelas muitas copias feitas na patria e no estrangeiro.

Possuo outras photographias de CASTRO ALVES, uma representando o poeta aos 15, outra aos 22 annos de idade; bem como o retrato de seu pai, quando contava 27 annos (que muito se parece com o glorioso filho), dos quaes darei copias fieis na edição definitiva das *Obras de Castro Alves*.

DEDICATORIA

D. ADELAIDE DE CASTRO ALVES GUIMARÃES era a irmã que o poeta mais estremecia. Menina ainda quando o poeta falleceu, elle só recitava ao piano acompanhado pela sua *sorella*, como lhe costumava chamar, e durante a enfermidade, era ella quem velava á sua cabeceira, como o seu anjo da guarda.

Trinta e sete dias antes de morrer, escreveu elle estes versos, até hoje inéditos:

A' minha Irmã Adelaide

Quando sosinho e triste... em horas de amargura
 Tu sentes de meu seio, a tempestade escura
 As azas encurvar, no fúnebre oceano...
 Quando a esponja de fel embebe-me a lembrança!..
 ... Levantas-te de leve, ó limpida criança!
 E deixas tuas mãos correr sobre o piano...

Tu' alma terna e meiga inclina-se inquieta
 No abysmo funeral das maguas do poeta,
 E sonda aquelle pçgo... e rasga aquelle arcano!
 Após... nesse arquejar da vida, que me pesa,
 Ouço... longe, uma voz que no infinito reza!..
 Na terra um soluçar choroso... E' teu piano!

Quando no desviver das horas de atonia,
 Das noites tropicaes na morna calmaria,
 Da mocidade o canto arrojo ao vento insano...
 E—perto de morrer—o amor aneio ainda!..
 Que mulher me soletra essa harmonia infinda?..
 E' tua mão que empresta um'a'ma ao teu piano...

E enquanto a flor rebenta á face da lagôa...
E a lua vagabunda o céu percorre á tôa,
Mirando na corrente o seio leviano...
Inda a terra me inspira um sonho de ternura!
... O genio da desgraça, o genio da loucura...
Tu sabes, qual David, curar no teu piano.

Criança! que não vês como é sublime e santo
Fazer irmãos no amor e cúmplices no pranto
Mozart, o homem do Norte! e Verdi, o Italiano!
Despertar ao relen'co o idyllio de Bellini!
Fazer dançar Sevilha ao toque de Rossini...
E o bolero estalar nas teclas do piano!

Ai! toca! No meu ser acorda ainda o estro
A' voz de Gcttchalck—o espléndido maestro—
Aos lampejos de luz—do Moço Paulistano!—
Ai! toca! Enche de sons o derradeiro dia
Daquelle que só tem.. por sonho—uma harmonia!
—Por única riqueza... A ti e ao teu piano!...

S Salvador, 29 de Maio de 1871.

(1) No seu discurso *Visita á terra natal*, proferido na manifestação politica de 7 de Fevereiro de 1892, diz RUY BARBOSA :

«Aos primeiros sorrisos longínquos de minha terra, na curva azul de sua enseada, enquanto o vapor me aproximava rápidamente destas doces plagas, onde minha mãe me embalou o primeiro e meus filhos me velarão, talvez o último somno,

vendo pendurar-se do céu e estremecer para mim o ninho, onde cantou Castro Alves, verde ninho murmuroso de eterna poesia debruçado entre as ondas e os astros, parecia-me que a saudade, amado phantasma evocado pelo coração, me estendia os braços de toda a parte, no longo amplexo do horizonte». Etc.

(2) CASTRO ALVES, como se vê no capítulo XVI deste livro, não conhecia a regra do verso alexandrino. Não observava com o *rigor indispensavel o hemistichio da sexta syllaba*, sem o qual não ha alexandrino correcto. Este verso é um dos errados, felizmente o único, entre todos os outros da primeira parte desta bel'a poesia.

(3) Esta poesia foi escripta nos últimos mezes de vida, a 20 de Março de 1871.

Faz parte de algumas das muitas edições fraudulentas das *Espumas Fluctuantes*, mas o poeta pretendia publical-a no seu livro, até hoje inédito, intitulado *Versos d' Ave-Maria*.

(4) Allude á 1.^a edição dos *Escravos*, poema brasileiro de CASTRO ALVES, precedido da biographia do poeta por MUCIO TEIXEIRA.—Rio de Janeiro, Editor Serafim José Alves, 1883.

(5) Quem se der ao trabalho de examinar as biographias dos auctores que figuram na minha obra *Poetas do Brasil*, encontrará as mais notáveis exemplos de taes coincidencias.

(6) Prólogo do livro de poesias, em lingua castelhana, *Celajes* de MUCIO TELXEIRA, 1 vol. de 368 páginas, edição de Caracas (capital federal dos Estados Unidos de Venezuela), Imp. y Litog. de Gobierno Nacional, 1889.

(7) O obscuro auctor deste livro, que tambem tem a vaidosa pretensão de se julgar poeta, nasceu a 13 de Setembro de 1857.

(8) Não confundam o poeta citado com o poeta Ignacio José de ALVARENGA PEIXOTO, que nasceu em 1748 e falleceu em 1793 (Vide o tomo I da minha obra *Poetas do Brasil*). O poeta brasileiro a que me refiro é Luis Antonio de ALVARENGA SILVA PEIXOTO, fluminense, fallecido em Lisboa a 14 de Setembro de 1876, não a 11 de Setembro de 1846, como se lê á página 27 deste volume,

(9) Por singular coincidência, o poeta Gentil Homem de ALMEIDA BRAGA nasceu e morreu nos mesmos mezes em que nasceu e morreu CASTRO ALVES. (Vide o primeiro volume da minha obra *Poetas do Brasil*).

(10) Além da *Conferencia* de GUILHERME BELLEGARDE, nitidamente impressa num folheto de 32 páginas, no Rio, em 1881, esse mesmo escriptor no seu interessante volume intitulado *Subsidios Literarios* (Porto, 1883) consagra a CASTRO ALVES as páginas 334 a 350.

(11) O documento que transcrevo a páginas 33 a 34 nada adianta, mas o que se lê nas páginas 34 e

35 deste volume satisfaz á mais conscienciosa exigência.

(12) O distincto deputado e meu presado amigo Dr. AMÉRICO BARRETO obsequiou-me com um *croquis*, de seu proprio punho, representando a casa onde nasceu CASTRO ALVES. Pretendo dar delle uma cópia na edição definitiva das obras do poeta.

(13) Na sessão passada (1894) da Assembléa Geral Legislativa do Estado da Bahia, foi apresentado o projecto de denominar-se CASTRO ALVES a cidade do Curralinho, que vai se mostrando digna de tal nome pelo seu notavel florescimento.

(14) *Espumas Fluctuantes*, página 97, poesia *A Boa-Vista*. Todas as citações deste volume são feitas de conformidade com a 1.^a edição, de 1870, única feita em vida do auctor. Todas as outras, tanto feitas no Brasil como na Europa, são criminosamente alteradas, interca'ando-se-lhes no texto composições que o poeta destinava a outras collecções.

(15) A critica indigena foi impiedosa com GUILHERME DE CASTRO ALVES, por occasião de ser dado á publicidade o seu livro de versos intitulado *Raios sem Luz*, Si ainda vivesse o implacavel zoilo dos irmãos CASTRO ALVES (o jornalista *Belarmino Barreto*) naturalmente havia de satyrisar tambem o sabio médico allemão RÖNTGEN, com a sua recente descoberta scientifica dos raios X...

(16) Na obra *Fottas do Brasil* occupo-me deta-

lhadamente dos dois dignos irmãos do meu biographado.

- (17) *Espumas*, pág. 14. (*O Laço de fita*).
- (18) *Ibid*, pág. 201 (*Coup d'étrier*).
- (19) *Ibid*, pág. 44 (*O vôo do Genio*).
- (20) *Ibid*, " " (").
- (21) *Ibid*, " " (").
- (22) *Ibid*, pág. 25 (*Ao 2 de Julho*).
- (23) *Ibid*, pág. 3 (*O Livro e a América*).
- (24) *Ibid*, pág. 22 (*Mocidade e Morte*).
- (25) *Ibid*. *Prólogo*.
- (26) *A Cachoeira de Paulo-Affonso*, 1.^a edição (1876) pág. 115.
- (27) *Espumas*, pág. 32, (*O Phantasma e a Canção*).
- (28) *Ibid*, pág. 192. (*Uma página de escola realista*).
- (29) *Ibid*, pág. 191 (")
- (30) *Ibid*, pág. 193 (")
- (31) Digo *ridículo Catão*, não só em referencia a qualquer dos empertigados continuadores do virtuoso censor, como também ao proprio romano da *Delenda Carthago*, que corrigiu os costumes... sendo casten de suas escravas — e até de sua propria mulher!

Diz CAMILLO CASTELLO BRANCO que « a severidade deste CATÃO era tão proverbial que Pompeu, posto que mais velho, quando elle entrava no tribunal, levantava-se. Quanto a dinheiro, era de um tal desprendimento que falsificava os vinhos que vendia nos seus armazens e tinha causas de alcouce por sua conta. Quanto ás mistelas que fazia do pseudc-falerno não sei como elle sociologicamente se justificava; pelo que respeita aos bordeis, dizia que as meretrizes defendiam com os seus corpos a pudicicia das senhoras castas. Virtudes romanas.

Eu não inventei estas coisas. Contou-as PLUTARCO (*Vidas dos Varões Illustres*) e commentou-as amplamente EUGÈNE LONDUN (*L'Antiquité*). Quando vos quizerem arreatar á virtude com o cabresto de CATÃO censorino e de HORTENCIO, o *homem de bem*, segundo PLUTARCO, mandai á fava os pregoeiros das antigas virtudes no Lacio, e dizei-lhes que tendes melhores praxistas » etc.

(32) O original do poeta diz:

Eram vozes—*que uniam-se* co'as brisas!

Eram risos—*que abriam-se* co'as flores!

A minha variante, sem alterar em nada o pensamento nem a fórma dos versos, tem por fim evitar a má collocação do verbo ali anteposto ao pronome.

(33) *Espumas*, pag. 164 (*Aves de arribação*).

(34) *Cecéu* era o appellido familiar de CASTRO ALVES.

(35) O poeta allude a isso, na sexta estrophe da sua poesia — *O vôo do Genio*, quando diz :

Mulher ! mulher ! Aqui tudo é volupia :
A brisa morna, a sombra do arvoreda,
A lympha clara, que murmura a medo,
A luz que abraça a flor e o céu ao mar...
O' princeza, a razão já se me perde,
És a sereia da encantada Scylla,
Anjo, que te transcrmas em Dalila,
Sansão, de novo — te quizera amar !

No sétimo verso desta estrophe ha outra varian-
te minha, obedecendo ao mesmo intuito da citada
na nota 32. O poeta escreveu : «Anjo, *que transfor-*
maste-te em Dalila.

(36) Drama em prosa, completamente inédito até
hoje. Infelizmente desapareceram os tres últimos
actos, restando apenas, em meu poder, o prólogo,
o quadro primeiro (3 scenas) e mais 3 scenas do
segundo quadro.

(37) SYLVIO ROMERO é tão apaixonado que, na sua
Historia da Literatura Brasileira, consagra a TO-
BIAS 125 páginas e apenas dispensa a CASTRO AL-
VES 17 páginas incompletas, quando á certa nul-
lidade chegou a dispensar 44 páginas da mesma
obra. (Vide o que se lê de páginas 1405 a 1449) !..

Além disso, a sua dedicação incondicional a
TOBIAS chegou ao extremo de dar tudo o que jul-
gou de melhor no seu livro, ao passo que de CAS-
TRO ALVES citou de preferencia uns versos que o

poeta escreveu com 12 e 13 annos de idade, quando ainda era alumno do *Gymnasio Bahiano*, em 1860!

Parece incrível que nada mais encontrasse o illustre crítico, no caso de figurar na sua obra, a não ser a formosa poesia *Adeus, meu canto!* que só appareceu depois da morte de CASTRO ALVES, e que naturalmente o poeta teria de lixar antes de a publicar, si a morte não viesse arrebatá-lo tão cedo.

(38) Longe de mim a idéa de querer incorrer na mesma falta que censuro em SYLVIO ROMERO. *A Cesar o que é de Cesar*. Gosto de TOBIAS BARRETO, como poeta, que o foi e distinctíssimo, embora muito inferior a CASTRO ALVES; admiro-o como erudito e respeito a independencia selvagem do seu character indomavel.

Vi-o apenas uma vez, em 1888, na Faculdade de Direito de Pernambuco. O nosso commum amigo MARTINS JÚNIOR apresentou-me ao illustre lente da academia. Trocámos ligeiras palavras. Eu estava de passagem para os Estados-Unidos da América do Norte, e quando regressei á patria (em 1890) TOBIAS já não existia.

—Li o seu trabalho sobre CASTRO ALVES... disse-me num tom irónico TOBIAS BARRETO. Naturalmente a minha physionomia denotou o constrangimento que me causaram as suas palavras, da maneira porque foram ditas. Eu já sabia quanto elle era orgulhoso, e imaginei uma discussão intempestiva.

Perspicaz como era, tirou-me elle desse embaraço, accrescendo :

—O Sr. defendeu um morto atacando um vivo, e um vivo que não se deixa matar... Gosto das audacias !

Abraçou-me, e desembaraçou-me com a sua prodigiosa loquacidade, encantando-me durante mais de uma hora com os fulgores intensos do seu espirito saltitante.

(39) Vide a *Historia da Literatura Brasileira*, de Sylvio Romero, 5.^a página do capítulo VII.

(40) Collecções da *Luz* e da *Revista Literaria*, do Recife, de 1866.

(41) Para voltar bem cedo « dessas terras do sul (diz elle no citado *prólogo*) silencioso e alquebrado, trazendo por única ambição — a esperança de repouso em minha patria ».

(42) A Exma. Sra. D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, depois de me obsequiar com autógraphos e desenhos de seu glorioso irmão, offereceu-me uma bella madeixa dos preciosos cabellos de Castro Alves, que conservo religiosamente como uma reliquia.

(43) *Espumas Fluctuantes*, pág. 177 (*Canção da Bohemia*).

(44) Castro Alves não fez a pretendida viagem, resolvendo repentinamente ir concluir o curso de direito na academia de S. Paulo, partindo da Bahia em Fevereiro de 1867.

(45) Maciel Pinheiro, um dos poucos amigos íntimos de Castro Alves.

(46) Belarmino Barreto, provocado por Castro Alves em, 1867, para uma luta *em qualquer terreno*, não reagiu... E só em 1881 (dez annos depois da morte de Castro Alves) improvisou aquella espectacular coragem, que nos dá tão triste idéa do seu character, tentando evitar a realisação das sumptuosas festas do decennario.

(47) O Dr. Antonio Franco da Costa Meirelles, tutor das irmãs de Castro Alves, e tambem distincto literato; traductor das *Melodias Hebráicas* e dos dramas *Caim*, *Manfredo* e *Céu e Terra*, de Lord Byron.

(48) Allude á serie de livros sob o titulo *Propaganda Abolicionista*, de Augusto Guimarães, de que só foi publicado o volume intitulado *Cartas de Vindex*, em 1875.

(49) Na minha obra *Poetas do Brasil* analyse os graves erros das famosas odes de Magalhães e José Bonifacio.

(50) Griphei propositalmente os *futuros leitores* do senador Octaviano, durante a vida do distincto politico e na propria cidade onde ambos residiamos então.

(51) F. Octaviano seguia a escola do Visconde de Castilho: considerava *genios* todos os poetas que lhe pediam prólogos para os seus livros...

(52) Muitos annos antes de Castro Alves cursar a faculdade de direito de Pernambuco á a academia de Olinda tinha sido transferida para o Recife.

(53) Guilherme Bellegarde diz nos seus *Subsídios Literarios*: — « Desta phrase do brilhante polygrapho brasileiro aproximemos as que se seguem e são : de Jacintho FREIRE DE ANDRADE na *Vida de D. João de Castro*, e de ERNESTO LEGUVÉ na *Question des Femmes*: — O nascimento em todos é igual : as obras fazem os homens differentes. — Il existe un arbre généalogique pour les obscurs, l'arbre généalogique de la probité ».

(54) Um dos mais distinctos criticos brasileiros da actualidade, José Verissimo, no livro dos seus *Estudos Brasileiros* (1884), diz :

« O notavel poeta Mucio Teixeira conclue o elogio biographico com que prece leu este poema (*Os Escravos*) por estas palavras :

« Castro Alves foi um genio. A historia reserva-lhe um lugar de honra entre os nossos poetas : para o povo já é elle um dos primeiros; para mim é o maior de todos ».

Não é desta opinção um atilado critico brasileiro, o Sr. Sylvio Romero, que no prefacio dos *Dias e Noites* do Sr. Tobias de Menezes, considera este superior a Castro Alves.

E'—me mais facil concordar com o Sr. Mucio Teixeira do que com o Sr. Romero, cujo franco espirito me perdoará a franqueza de pensar que, como poeta, o Sr. Tobias não pode almejar sequer um logar ao lado de Castro Alves». Etc.

(55) *Ver-o das Stances à Du Ferier sur la mort de sa fille Nã*, desta formosa composição os concedidos versos :

Mais elle était du mond où les plus belles choses
 Ont le pire destin,
 Et rose elle a vécu ce que vivent les roses,
 L'espace d'un matin.

Le pauvre en sa cabane où le chaume le couvre,
 Est sujet à ses lois,
 Et la garde que veille aux barrières du Louvre
 N'en defend point nos rois.

De murmurer contre elle et perdre, patience,
 Il est mal à propos;
 Vouloir ce que Dieu veut est la seule science
 Qui nous met en repos.

MALHERBE.

(56) ESPUMAS FLUCTUANTES : — *O Gondoleiro do Amor* (pág. 35).

(57) A CACHOEIRA DE PAULO-AFFONSO : — *Crepúsculo sertanejo* (pág. 89).

(58 e 59) ESPUMAS : — *Adormecida* (pág. 75).

(60) ESPUMAS : — *Immens's orbibus anguis* (pág. 170).

(61) ESPUMAS : — *Murmurios da tarde* (pág. 113).

(6!) ESPUMAS : — *O vôo do Genio* (pág. 43).

(63) ESPUMAS : — *Quem dá aos pobres empresta a Deus* (pág. 5).

(64) ESPUMAS : — *Ashaverus e o Genio* (pág. 17).

(65) ESPUMAS : — *Mocidade e Morte* (pág. 21).

(66) ESPUMAS : — *O Livro e a América* (pág. 1).

(67) ESPUMAS : — *O Phantasma e a Canção* (pág. 31).

—Depois de publicado este meu trabalho (*Diário da Bahia* de 7, 8 e 9 de Julho de 1896) recebi o primeiro número da revista illustrada *Italia e Brasile* (Roma, agosto 16, 1896) onde é transcrita esta bella poesia de Castro Alves, emoldurando uma symbolica illuminura, e literalmente traduzida nos seguintes versos:

IL FANTASMA E LA CANZONE

(Traduzione di Antonio della Porta)

— Chi è là? — « Trista nottata!... »

— Chi è là? — « Turbine immane... »

Odi? Iatra la ventata

Alla luna come un cane! »

— Chi è? — « Il nome che t'importa? »

È il dolore; apri la porta!

Schiudi, al freddo, il focolar!

Son la fame: un pane agogno!

Il mio nome, ecco: il bisogno! »

— Pezzente, vá, puoi andar!

« S'io parli, Donna, prometti
 Schiudermi l'uscio? » — Chi sa! —
 « Ve' : su la canizie al vecchio
 L'appassito alloro sta
 Mi ha nel cranio raggrinzato.
 Un gran solco profundato
 La corona imperial.
 Fuggitivo, errante spettro,
 Il baston fu già uno scettro!
 Manto, i cenci miei, real! »

— Signor mio, la casa he povera...
 Chè non picchiate a un castel? —
 « Di là vengo... il Re fantasma
 Bandir già dal proprio ostel.
 Per le scale ampie ed auguste,
 Nelle gallerie vetuste,
 Paggi e cortigiane, ognun
 Dato all'orgia, conclamava:
 Festa! festa! e non badava
 Al canuto re, nessun! »

— Fantasma! Han nel mausoleo
 Reggia i grandi in lor sventura! —
 « Taci! d'assai lungi io vengo:
 Franta mi han la sepoltura.
 Rodè — tarma ch'è, ad ingrasso,
 Dentro libri scritti in sasso —
 Marmo, il secolo crudel.
 Il tempo, Attila terribile,
 Fa, col grave piè invisibile,
 Polver, d'arca e capitel.

Qual disgrazia se uno spettro,
Sia d' Omero o di Solon,
Via tra 'l folto della tenebra
Urti contro il Pantheon...
Della fossa mette mano,
Ahi! Neron!, nel cavo insano,
Il fragor profanator.
E tu, inferno, in altri abissi
Allo strazio t' inabissi;
Ogni morto anche rimuor.

Ecco: fra l'ombre infinite
Scontrasi il confuso stuol
Dei fantasimi deserti
D'ogni cielo e d'ogni suol.
E quell'anime accorate
Si come aquile snidate,
Fan per l'aria un lamentar:
Empion di loro lamenti
I neri flutti dei venti
Ventanti dal nero mar.

Bussai a tutte le porte
Niuna mi volle ospitar!...»
—Entra! — una voce argentina
Risponde dal focolar;
— Ombra a cui manca l'avello,
Entra, dunque: è, il verso, ostello
Ai dispersi re dal tron;
Porpora è, la strofe, estrema;
Trono ultimo è il poema;
Arca estrema è la Canzon.

(68) ESPUMAS : — *Sub tegmine fagi* (pág. 37).

(69) ESPUMAS : — *A volta da primavera* (pág. 49).

(70) ESPUMAS : — *Pedro Ivo* (pág. 57).

(71) ESPUMAS : — *Boa-noite* (pág. 71).

Esta poesia, como se vê á páginas 250 a 252 deste livro, foi por mim vertida verso a verso para a lingua castelhana. Eminentés poetas de Venezuela, a quem offereci os livros de Castro Alves, traduziram muitas outras poesias, como se verá na edição das *Obras Completas de Castro Alves*, que estou organisando, de collaboração com a Exma. Sra. D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.

(72) ESPUMAS : — *Poesia e mendicidade* (pág. 81).

(73) ESPUMAS : — *Hymno ao Somno* (pág. 87).

(74) ESPUMAS : — *A uma estrangeira* (lembrança de uma noite no mar) pág. 103.

(75) ESPUMAS : — *Ode ao Dois de Julho* (pág. 121).

(76, 77 e 78) OS ESCRAVOS : — *O Navio Negroiro* (tragedia no mar) pág. 85.

Traduzi tambem estes soberbos versos de Castro Alves, (de que possuo o autógrapho, datado de S. Paulo, 18 de Abril de 1868), como se vê a págs. 252 a 263 deste volume.

(79) OS ESCRAVOS : — *Vozes d'Africa* (pág. 74).

(80) Do poema *Os Escravos*, que ficou incompleto, restam os cantos que se intitulam : — *O Vidente*, — *Ao romper d'alva*, — *O Século*, — *Prometheu*, — *A Visão dos Mortos*, — *Mater dolorosa*, — *Confidencia*,

— *O Sol e o Povo*, — *Tragedia no lar* (scena nocturna), — *O Sybarita Romano*, — *A Criança*, — *Bandido negro*, — *A cruz da estrada*, — *América*, — *O Remorso*, — *Bug-Jargal*, — *A órfã na sepultura*, — *Anthese*, — *Canção do violeiro*, — *Súpplia*, — *Lucia*, — *Tragedia no mar (o Navio Negreiro)* — *Vozes d'Africa*, — *Adeus, meu canto*.

(81) A CACHOEIRA DE PAULO-AFFONSO:—*No monte* (pág. 59).

(82) Não conheço em lingua portugueza poesia que se conserve do principio ao fim na altura deste prodigioso poemeto.

(83) OS ESCRAVOS:—*Tragedia no mar* (pág. 85).

(84) OS ESCRAVOS:—*Vozes d'Africa* (pág. 74).

(85, 86, 87 e 88) *Ibid.*,—*Tragedia no mar* (pág. 85).

(89 e 90) *Ibid* — *Vozes d'Africa* (pág. 74).

(91) E' indiscutivel a prioridade do Sul do Brasil em assumptos de tentativas de liberdade.

(92) Esta ligeira citação tem por objectivo dar a medida exacta do brilhantismo de Castro Alves, tanto no verso como em prosa.

Lamento que Castro Alves preferisse Grunzaga aos outros grandes poetas da *Inconfidencia* (CLAUDIO MANUEL DA COSTA, SILVA ALVARENGA e ALVARENGA PEIXOTO), ou ao legendario TIRADENTES, para o principal papel do seu drama, quando todos estes affrontaram a morte com tamanha superioridade de ánimo, ao passo que o enamorado *Dir-*

ceu de Marília tentou provar «que se achava em summario sem ter parte no delicto, que se lhe imputava, e que estava totalmente innocente»...

Castro Alves deixou-se levar por seus generosos sentimentos de moço, dando naturalmente demaziado crédito ao seguinte tópico da *Sentença proferida contra Tiradentes e outros réus da Conjuração Mineira*:

«Mostra-se quanto ao réu Thomaz Antonio Gonzaga, que por todos os mais réus contéudos nestas devassas era geralmente reputado por chefe dos conjurados, como mais capaz de dirigil-os», etc.

Era tal a superioridade mental de Ignacio José de ALVAEENGA FEIXOTO, que fôra elle o escolbido para fornecer o lemma do estandarte da conjuração:—*Libertas quæ sera tamen*.

Isto, porém, não diminue o mérito do drama de Castro Alves.

(93) O drama tem versos de Castro Alves, intercalados nas scenas III e IX do 1.º acto, XIX do 3.º e XIII do 4.º e último; sendo admiráveis as décimas recitadas por Maria, quando vê Gonzaga partir para o degredo.

(94) Quando Schiller morreu, Goethe escreveu a Zelter:—«Perdi o meu amigo, e com elle a metade da minha existencia».

(95) Castro Alves foi ferido no bairro da Consoiação, á meia légua de distancia além do cemiterio. O actual progresso da formosa cidade do sul não

dá a mínima idéa do que era a antiga Paulicéa dos poéticos tempos de Alvares de Azevedo, Varella e Castro Alves.

(96) O Dr. Matheus de Andrade, por notavel coincidencia, suicidou-se no Rio de Janeiro ao mesmo tempo em que morria Castro Alves na Bahia.

(97) Luis Cornelio dos Santos, um dos poucos amigos íntimos de Castro Alves, a quem o poeta offereceu os versos *A Luis*, das *Espumas Fluctuantes*.

(98) As reticencias representam pedaços da carta roídos pela traça e rasgados nas dobras do papel.

(99) Por causa dos funestos amores.

(100) O distincto poeta Plinio de Lima, que se formou em direito no Recife, em 1871, e falleceu envenenado no sertão da Bahia em 1872.

(101) Luis Cornelio dos Santos.

(102) Guilherme de Castro Alves.

(103) Allude á projectada viagem de Castro Alves ao rio S. Francisco.

(104) Tem 204 (e mais 8 não numeradas).

Possoo um exemplar dessa edição, completamente esgotada desde 1871, valiosissimo presente com que me honrou a Exma. Sra. D. Adelaide de Castro Alves, pouco depois da publicação do meu primeiro trabalho relativo ao seu irmão.

(105) Augusto Guimarães e Castro Alves, logo

que chegaram ao Recife, hospederam-se no convento de S. Francisco.

(106) O volume tem 201 páginas e mais 8 não numeradas.

(107) Castro Alves ainda não tinh^a mandado as notas finais do livro, onde a criteriosa observação de Augusto é justificada, ao mesmo tempo que é demonstrada a probidade literaria do poeta.

(108) Allude ao fallecido jornalista Belarmino Barreto, que levou o seu rancor póstumo a embaciar as homenagens do decennario da morte de Castro Alves.

(109) Francisco Lopes Guimarães, filho da madrastra de Castro Alves e marido de D. Elisa de Castro Alves, irmã do poeta.

(110) O conselheiro Dr. Luis Antonio da Silva Nunes, rio grandense residente no Rio de Janeiro.

(111) O Dr. Antonio H. Leal é o auctor do *Pantheon Maranhense*.

(112) Luis da França Rebças, joven e mallogado poeta bahiano, fallecido a 15 de Abril de 1853.

(113) *Dedicatoria das Espumas*.

(114) *Espumas*, pág. 21 (*Mocidade e Morte*).

(115) Posseuo o autographo desta bella poesia, intitulada *O Hóspede*, que pode ser comparada á de Victor Hugo—*A Filha d' O-Taiti*.

(116) *E' Tarde!* poesia das *Espumas Fluctuantes*, pág. 133.

(117) *Ibid.*, pág. 201 (*Coup d'étrier*).

(118) ALVARES DE AZEVEDO *Obras Pósthumas* 2.º vol.

(119) CASSIMIRO DE ABREU—*Primaveras*.

(120) JUNQUEIRA FREIRE—*Contradições Poéticas*.

(121) Auctor da notavel obra intitlada *Subsidios Literarios*, falleceu no Rio de Janeiro em 1888.

(122) Desappareceram o 2.º e 3.º actos desse admiravel drama, em prosa, cujos originaes restantes estão commigo.

(123) Conservo em meu poder todos os manuscriptos citados.

(124) Allude á poesia *Consuelo*.

(125) *O Eco Americano*, Londres, 9 de Setembro de 1871; *O Novo Mundo*, New York, 24 de Setembro de 1871; *Almanach Luso-Brasileiro*, Lisboa, 1882; *Gazeta Literaria*, *Revista do Novo Mundo*, e outras publicações do Brasil.

A familia possui mais dois retratos do poeta, em photographia, um dos 15 e outro dos 18 annos de idade. De ambos darei copia fiel na edição definitiva de suas obras.

(126) Actual proprio estradal, que serve de hospicio de loucos, sob a denominação de *Asylo de S. João de Deus*.

Ha habitações funestas... esta tem uma lenda

mais triste que a d'aquellas *Casas mal asscbradas* de que nos fala Longfellow.

(127) Mais de uma vez disse Castro Alves que só desejava « viver mais dois annos — *para poder corrigir suas obras* ».—

(128) Escrevia versos, intercalados de caricaturas e notas musicaes, mas tudo a traços rápidos. Possuo essa folha, último documento do seu culto á poesia, á pintura e á música.

(129) Poesia inédita.

(130) O Dr. Alves casou-se em segundas núpcias com a Exma. Sra. D. Maria Ramos Guimarães Alves.

(131) Castro Alves expirou ás 3 1/2 horas da tarde de 6 de Julho de 1871.

(132) *Espumas*, pág. 123 (*Ode ao 2 de Julho*).

(133) *Ibid.* pág. 123 (").

(134) *Ibid.* pág. 28 (*Ao 2 de Julho*).

(135) *Espumas*, pág. 3 (*O Livro e a América*).

(136) *Ibid.* pág. 26 (*Ao 2 de Julho*).

(137) Onde se lê *espasmadas*, lêa-se *pasmadas*. Esta poesia, *Ashaverus e o Genio*, apesar dos graves erros citados, é uma das melhores e mais inspiradas da lingua portugueza.

(138) *Ibid.* pág. 59 (*Pedro Ivo*).

(139) *Ibid.*

(140) Vide a última estrophe da poesia *O adeus de Thereza*, e outras.

(141) *Murmurios da tarde*, estrophe 8ª.

(142) *Ode ao Dois de Julho*, oitava 4ª.

(143) Al'ude á questão do decennario de Castro Alves.

(144) *As duas ilhas*, 2.ª décima.

(145) *O Phantasma e a Canção*, 5.ª estrophe.

(146) *Ao dois de Julho*, 2.ª décima.

(147) Vide a minha obra *Poetas do Brasil*.

(148) Allude ao poeta cômico de Athenas, não ao grammático, tambem grego e do mesmo nome.

(149) Allude á célebre *Carta ás Senhoras Bahianas*, escripta por Castro Alves em Abril de 1871, tres mezes antes de morrer, e publicada pela primeira vez no *Abolicionista* de 30 desse mez e anno.

(150) Esta poesia, que é geralmente considerada original de Francisco Octaviano, não passa de uma traducção livre do original de Goethe, como demonstro na minha obra *Poetas do Brasil*.

(151) Da todas as poesias até hoje publicadas á memoria de Castro Alves, a mais notavel é a de CARLOS FERREIRA; e de todos os trabalhos em prosa destaca-se o de RUY BARBOSA, nas festas do decennario.

(152) Todas essas homenagens serão reunidas á edição das *Obras Completas de Castro Alves*.

(153) E' um trabalho incompleto, sem os precisos dados para a orientação dos futuros biógraphos.

Foi publicado no *Diario da Bahia* de 20 de Agosto, 4 e 24 de Setembro e 24 de Outubro de 1871.

(154) O artigo biographico de RODRIGUES CORDEIRO, acompanhando o retrato de Castro Alves, occupa 22 páginas, em typo miúdo, do *Novo Almanack de Lembranças Luso-Brasileiro* para o anno de 1882.

(155) Vide os meus livros *Violetas* (1875), *Sombros e Clarões* (1877) e *Poetas do Brasil*, tomo I, (1896).

(156) A população da cidade do Curralinho, representada pelas pessoas mais gradas da localidade, reuniu-se no dia 6 de Julho de 1896 na praça principal, que tem o nome de Castro Alves, e proclamou a mudança de nome da mesma cidade, que passou a denominar-se cidade de Castro Alves. A intendencia, porém, até agora nada resolveu nesse sentido.

(157) Estas traducções acham-se no meu livro em lingua castelhana intitulado *Celajes*, de páginas 261 a 288.

(158) No já citado volume das *Celajes*, além das minhas poesias originaes, publiquei traducções em verso das principaes poesias de GREGORIO DE MATOS, BOCAGE, THOMAZ GONZAGA, GARRETT, GONÇALVES DIAS, ALVARES DE AZEVEDO, JUNQUEIRA FREIRE, LAU-

RINDO REBELLO, CASIMIRO DE ABREU, CASTRO ALVES, FAGUNDES VARELLA, GONÇALVES CRESPO e GUILHERME BRAGA.

Tenho consciencia de haver prestado com isso um bom serviço ás letras portuguezas, pois esses peregrinos engenhos do Brasil e Portugal eram inteiramente desconhecidos nas florescentes repúblicas continentaes, onde actualmente são conhecidos atravez das minhas traducções.

(159) Don José Antonio Calcaño, fecundo poeta e notavel traductor dos poemas de BYRON; Dr. Eduardo Calcaño, poeta, crador, jornalista, músico, estadista e diplomata em varias côrtes da Europa: Francisco Calcaño, poeta lyrico e jornalista; general Julio Calcaño, poeta, prosador, secretario perpetuo da Academia Venezolana e correspondente da Real Academia de Hespanha; Simon Calcaño e Arístides Calcaño, já fallecidos, o primeiro philólogo e o último poeta.

(160) Encontrei mais tarde o *Parnaso Boliviano*, que é collaborado pelos seguintes poetas e poetisas: — Mercedes Belzu de Dorado, Benjamin Blanco. Ricardo José Bustamante, Daniel Calvo, Daniel Campos, Manuel José Cortes, Jorje Delgadillo Nestor Galindo, Francisco del Granado, Lucas Jaimés, Benjamin Lens, Santos Machicado, Maria Josefa Mujia, Crispin Andrade, Quintin Quevedo, Julio Quevedo, Mariano Ramallo, Felix Reyes Ortiz, Hermojenes Rodriguez Rocha, Luis Pablo Rosquellas, Ramon Rosquellas, Manuel José Tovar e Luis Zalles.

ESTATUA DE CASTRO ALVES

O auctor deste livro offerece o producto material da presente edição (de mil exemplares, tolos em papel especial) para a aquisição do bronze para a estatua de CASTRO ALVES, que se pretende erigir na praça que tem o seu nome.

A idéa desse monumento partiu de um grupo de admiradores do poeta, nesta capital, em 1894, encontrando o mais auspicioso acolhimento em todos os municipios da Bahia, bem como em muitos Estados da União Brasileira.

Nesse sentido organisaram-se commissões, varios jornaes abriram listas de subscrições populares, realisaram-se espectáculos e concertos, todos mui concorridos, e... miseria sem nome! das grandes sommas, confiadas arbitrariamente a individuos sem escrúpulos nem imputabilidade moral, apenas AUGUSTO GUIMARÃES conseguiu salvar 2:000.380 rs., em dinheiro, que se acha em conta corrente no Banco Emissor da Bahia.

Para que não se continuasse a especular com tão gloriosa memoria, AUGUSTO GUIMARÃES organisou em 1895 a *Commissão Incumbida do Monumento a Castro Alves*; presidiu-a na sua primeira reunião e, instado por seus collegas para continuar na presidencia, escusou-se terminantemente, allegando como principal motivo o desejo de chamar para o cargo mais trabalhoso, que é o de secretario.

Transferi a minha residencia para esta capital nas vésperas da segunda reunião da Commissão do

Monumento, a que tive a honra de assistir, a convite de AUGUSTO GUIMARÃES.

Manifestou então AUGUSTO GUIMARÃES o desejo de eu fazer parte da mesma Comissão, devendo-se tratar definitivamente disso na reunião imediata; a morte veio inesperadamente arrebatá-los esse companheiro leal e dedicado, cuja cadeira vaga, de secretario, me foi confiada por unânime aclamação dos demais membros da referida Comissão.

Além da quantia já designada, o distincto deputado LELLIS PIEDADE apresentou á Assembléa Geral Legislativa da Bahia um projecto concedendo dez contos de réis para a estatua de Castro Alves.

Sendo tomada na devida consideração a circular que vamos dirigir ás intendencias deste Estado, ás academias de Direito de S. Paulo, Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia, á Escola Polytechnica, e ás Escolas Militares do Rio-Grande do Sul, do Rio de Janeiro e do Ceará; com o producto de espectáculos, *kermesses* e concertos, e da edição deste livro, em pouco tempo deve ostentar-se no alto do seu pedestal, de mármore da Bahia, a estatua em bronze do cantor dos *Escravos*.

Nenhuma deliberação poderá ser tomada, nem devem ser angariados donativos em favor dessa idéa, sem prévia audiencia dos membros da *Comissão Incumbida do Monumento a Castro Alves*, que em todos os actos se farão representar pelo presidente, o secretario e o thesoureiro.

Essa Comissão compõe-se dos seguintes membros:

Presidente, DR. J. B. DE CASTRO REBELLO, Director-Proprietario d' *A Bahia*.

Secretario, MUCIO TEIXEIRA, ex-Consul Geral do Brasil.

Thesoureiro, DR. ANISIO C. DE CARVALHO, lente da Faculdade de Medicina da Bahia.

DR. ALFREDO T. DE BRITO, lente da mesma Faculdade.

DR. FREDERICO A. DA SILVA LISBOA, Director do Archivo Público.

ALOYSIO DE CARVALHO, Redactor-Proprietario do *Jornal de Noticias*.

TORQUATO BAHIA, Redactor do *Diario da Bahia*.

INDICE

DEDICATORIA

5

I—A glorificação do poeta. — A poesia *Consuelo*, um dos mais bellos hymnos de amor em qualquer literatura

7

II—Dúvidas sobre a data do nascimento e fallecimento de Castro Alves.—Exigencias imprescindíveis da Arte Poética, e meras questões de *escolas* na poesia.—Influencia da primavera em relação ao nascimento dos poetas. O mez de Setembro e os poetas brasileiros — Poetas nacionaes nascidos

e mortos nos mesmos mezes em
que nasceu e morreu Castro Alves 21

III—Data exacta do nascimen-
to de Castro Alves.—Sua certidão
de baptismo.—Notavel coinciden-
cia.—Uma revellação curiosa.—
Tópicos de um artigo interessante,
intitulado *O berço de Castro Al-
ves*.—O que se lê em duas mesas
da Academia de S. Paulo 31

IV—Pai e Mãi do poeta.—Seus
dois irmãos, tambem poetas, José
Antonio Alves e Guilherme de
Castro Alves, ambos mortos na
flor da mocidade.—As tres irmãs
do poeta.—Infancia e juventude
de Castro Alves 43

V—O poeta e o orador.—Uma
estrophe do poema *A Cachoeira
de Paulo Affonso*.—Uma décima
das *Espumas Fluctuantes*. 51

VI—O primeiro amor de Cas-
tro Alves.—A actriz, cujo nome

pode ser substituído por *Dalila* ou a *Dama Negra*.—Fragmento do drama inédito *Don Juan* 57

VII—Castro Alves em Pernambuco —Questões literarias e theatraes.—Superioridade de Castro Alves sobre Tobias Barreto.—Tópico de um dos artigos de Castro Alves na questão com Tobias. 75

VIII—Período áureo da vida de Castro Alves.—Distincção do poeta, sob qualquer ponto de vista.—Suas leituras predilectas.—A intimidade de Augusto Guimarães.—Tres cartas de Castro Alves a Augusto Guimarães 83

IX—Volta-se o poeta para um assumpto digno do seu talento.—Sua superioridade sobre os mais notáveis poetas nacionaes.—Como foi Castro Alves julgado por José de Alencar, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Guilherme Bel-

legarde, Eunapio Deiró e Ruy
Barbosa 99

X—Demonstração da grandeza
de Castro Alves, em todos os gêne-
ros de poesia, desde a mais sim-
ples estrophe lyrica até ás mais
arrojadas hybérboles de inspiração
social e humana 111

XI—O poema dos *Escravos*.—
Uma prophesia do extraordinario
poeta.—Fragmentos do *Navio Ne-
greiro* e das *Vozes d'Africa* 125

XII—Castro Alves no Rio de
Janeiro.—O drama de Castro Al-
ves—*Gonzaga, ou a Revolução
de Minas*.

XIII—Castro Alves em S. Pau-
lo.—O amor e os poetas.—Trágico
fim do primeiro amor de Castro
Alves.—O desastre, que lhe veio a
causar a prematura morte.—Re-
gressa o poeta aos seus lares.—Pu-
blica o seu livro das *Espumas*

Fluctuantes.—Uma carta de Augusto Guimarães a Castro Alves—
A amizade e os poetas. 151

XIV—A idéa da morte e a so-
freguidão do poeta em produzir.—
Intermitencias da tuberculose pul-
monar.—Novos amores.—Desa-
lento e fecundidade do poeta 167

XV—Ultimos mezes da vida de
Castro Alves.—Seus desenhos e
suas pinturas a óleo.—Seus últi-
mos amores.—Um improviso de
Castro Alves, de collaboração com
seu irmão Guilherme.—Agonia e
morte do joven poeta.—Ultimas
de Castro Alves.—Fragments da
sua última poesia 181

XVI—Análise das obras de
Castro Alves.—Suas incorrecções
e bellezas.—Um crítico sem
criterio.—Demonstração da su-
perioridade de Castro Alves sobre
os melhores poetas brasileiros.—

Originalidade de Castro Alves, ainda mesmo em assumptos já explorados por outros poetas.—Confronto do *Navio Negreiro* de Castro Alves com o poemeto *O Negreiro* de Henri Heine.—Tradução em prosa do poemeto allemão, para a completa reabilitação de um nome vilmente calumniado na morte , 195

XVII—Homenagens a Castro Alves, por occasião da sua morte.—Discurso proferido no cemiterio do Campo-Santo, pelo poeta Rozendo Muniz.—Citação dos principaes discursos, artigos e poesias publicados no paiz e no estrangeiro 217

XVIII—Os erros dos biógraphos de Castro Alves. 237

XIX—Poesias de Castro Alves traduzidas verso a verso, por Mucio Teixeira, em lingua castelha-

na:— <i>Buenas noches</i> ,— <i>El Buque Negrero</i> , e— <i>Página realista</i> .	249
XX — Quadro synóptico dos principaes factos da vida de Castro Alves	281
<i>Notas</i>	306

ERRATA



<i>Pág.</i>	<i>Linha</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
24	3	mi	de mim
26	15	1850	1852
27	9	a 11 de	a 14 de
»	10	1846	1876
»	12	1850	1852
»	13	15	22
44	7	depontava	despontava
46	8	clinica	clinica
94	16	filhos do do	filhos do
107	24	33	334
152	16	comparando o	comparando-o
199	3	<i>espasmadas</i>	<i>pasmadas</i>
216	8	objectiva	objectivo
232	18	152	151
2	o 6 40 7	acabava	acaba
287	9	prosador e reune	prosador reune

Fausto e Margarida, poema dramático 1 vol. de 248 págs. (3.^a edição).

Parisina, poema de Byron, 1 vol. de 64 págs. (2.^a edição).

Hugonianas, com a biographia de V. Hugo, 1 vol. de 554 págs. (2.^a edição).

Poesias e Poemas, 1 vol. de 238 págs. com o retrato do auctor, typo elzevir a duas cores (2.^a edição).

Mulheres do Evangelho, poema, 1 vol. de 262 págs. (2.^a edição).

Poetas do Brasil, synthese bio-bibliographica dos séculos XVII, XVIII e XIX, 6 vols. dos quaes apenas está publicado o primeiro, de 216 págs.

A Revolução do Rio Grande do Sul em 1893, 1 vol. de 380 págs.

O Girafa, poema satyrico, 1 vol. de 128 págs.

Vida e Obras de Castro Alves, edição ornada de dois retratos do poeta dos *Escravos*, 1 vol. de 348 págs.

En lengua castellana

Un año en Venezuela, 1 vol. de 500 págs.

Semblanzas Venezolanas, poesias, con cuatro palabras del Doctor Eduardo Calcaño, 1 vol. de 80 págs.

La Administración del Doctor Juan Pablo Rojas Paul, Presidente Constitucional de los Estados Unidos de Venezuela, 1 vol. de 120 págs.

Brasileñas y Lusitanas, poesías de los más distinguidos poetas de la lengua da Camoens, vertidas al castellano por Mucio Teixeira, 1 vol. de 250 págs.

Celajes, poesías, precedidas de un prólogo de Don Marco-Antonio Saluzzo, un vol. de 368 págs.

Poesías de Don Mucio Teixeira, vertidas al castellano por los más eminentes poetas venezolanos y precedidas de 16 poesías al poeta del Brasil, 1 vol. de 200 págs.

Obras a publicar

Poesías, 5 volumes.

Rimas de Montalvo, versos humorísticos, 1 vol.

Um anno na Bahia, obra em prosa, 1 vol.

O Conselheiro, romance de actualidade, 1 vol.

Poetas do Brasil, edição definitiva, 6 vols.

Os Bandeirantes, poema nacional, 1 vol.

Parnaso Brasiliense, para uso das escolas, edição de dez mil exemplares mandada imprimir pelo Congresso da Bahia e aprovada pelo Conselho Superior de ensino.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).